

Eixo

Práticas de Ensino em Terapia

Ocupacional

Laboratórios de atividades e a formação continuada de terapeutas ocupacionais - relato de experiência de um projeto de extensão

Ana Paula Martins Cazeiro

Camilla Figueiredo da Costa Malheiro

Raphael Aguiar Leal Campos

Ana Paula Aguiar de Macedo

Karina Alves Nunes de Oliveira

Ellen Testa

As atividades humanas são objetos privilegiados na literatura e na prática da Terapia Ocupacional, porém são escassas as oportunidades para a experimentação das atividades na formação profissional. Diante deste cenário, surgiu o Projeto de Extensão “Saberes e Fazeres – conhecendo e ampliando habilidades na Terapia Ocupacional”, sendo o objetivo deste trabalho relatar as ações realizadas no projeto e seus impactos sobre a formação continuada de profissionais e alunos. Trata-se de um relato de experiência sobre o planejamento e execução de laboratórios de atividades, oficinas e rodas de conversa, que foram realizados no período de agosto de 2017 a outubro de 2018, oferecidos para profissionais e graduandos em Terapia Ocupacional. O registro das ações pela equipe foi feito por meio de fotografias, relatórios e portfólios. Ao longo do projeto, foram realizadas 35 reuniões de planejamento, 13 laboratórios de atividades, duas oficinas e cinco rodas de conversa. Participaram 16 profissionais e 25 alunos de graduação. A realização do projeto propiciou aos alunos vivenciar o processo de ensino-aprendizagem e de proposição de atividades em grupo; os profissionais encontraram um espaço para a troca de conhecimentos acerca das atividades humanas, o que não é possível em seus ambientes de trabalho; para os docentes, o projeto oportunizou estar em um novo lugar na universidade, realizando ações que reiteram sua própria escolha profissional. Deste modo, considera-se a importância da realização de projetos deste tipo, favorecendo a educação continuada e a troca de conhecimentos entre a Universidade e os profissionais.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Atividades Humanas; Capacitação Profissional.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre a Terapia Ocupacional invariavelmente envolvem alguma relação

com as atividades, que são explicadas de diferentes formas e por diferentes termos, como cotidiano, ocupações, fazer, atividades humanas, atividades diárias, entre outros (CAZEIRO et al., 2011). De forma semelhante, também é diverso o lugar da análise de atividades na prática profissional. Segundo Lima (2004), durante a formação profissional, espera-se que o aluno desenvolva um olhar diferenciado para as atividades, por meio do exercício de sua análise.

Para Longatti et al. (2015), “se são as práticas, a ação, o fazer que sustentam a terapia ocupacional, então como aprender a importância do fazer para ela? [...]. Para entender tais processos, devemos passar por eles, experimentá-los [...]” (p. 49). Ballarin (2015), ao abordar a importância da vivência de atividades, principalmente em grupo, na formação profissional, afirma que a aprendizagem deve ir além do conhecimento teórico e técnico; o trabalho com grupos envolve habilidades de comunicação, interação com a equipe e a comunidade, e o entendimento dos fenômenos que acontecem nos grupos. Por isso, as estratégias pedagógicas devem privilegiar o desenvolvimento de habilidades que só podem ser adquiridas com a prática.

Castro et al. (2009) discutem que os recursos artísticos oportunizam ao aluno entrar em contato com o próprio corpo e com o corpo do outro, mas a vivência deve ser conectada à reflexão, observação e discussão. Sobre esse assunto, Liberman, Samea e Rosa (2011) advertem que a transmissão de técnicas não é o suficiente, devendo-se incentivar o aluno a observar sua própria vivência (sensações provocadas na atividade e grupo), a exercitar o raciocínio clínico, a problematização e a identificação dos objetivos e ações que condizem com cada contexto.

Não obstante tais discussões e o lugar privilegiado das atividades na Terapia Ocupacional, são escassas as oportunidades de sua vivência na formação profissional, levando alguns terapeutas ocupacionais a questionarem a limitação de seu repertório de atividades, ou seja, das opções de que podem fazer uso em sua prática de acordo com os interesses dos sujeitos.

Neste contexto, surgiu a ideia de realizar o Projeto de Extensão “Saberes e Fazeres – conhecendo e ampliando habilidades na Terapia Ocupacional”, cujo objetivo era conhecer e ampliar o repertório de atividades dos graduados e graduandos em Terapia Ocupacional, propiciar a análise das atividades humanas e, por meio delas, favorecer a troca de saberes entre a universidade e a comunidade. O objetivo deste trabalho é relatar as ações realizadas neste projeto e seus impactos sobre a formação continuada de profissionais, docentes e alunos.

METODOLOGIA

O projeto de extensão, realizado entre agosto de 2017 e outubro de 2018, teve como público-alvo terapeutas ocupacionais e alunos de graduação em Terapia Ocupacional. Ao todo,

participaram 16 profissionais e 25 alunos, sendo que a frequência foi variável: alguns compareceram a um encontro, enquanto outros participaram de até 12 encontros. A equipe, composta por alunos voluntários e docentes, realizou reuniões semanais para o planejamento e avaliação das ações, experimentação e análise das atividades propostas; ao longo do projeto, participaram 19 alunos, sendo dois graduandos em Dança e 17 em Terapia Ocupacional.

Para o mapeamento do “repertório coletivo de atividades”, foi aplicado um questionário aos profissionais, docentes e graduandos em Terapia Ocupacional, contendo perguntas abertas sobre o conhecimento de atividades e o interesse em ensiná-las aos participantes do projeto. Tal levantamento serviu de base para a proposição de atividades para os laboratórios.

As ações do projeto foram oferecidas no formato de laboratórios de atividades, oficinas ou rodas de conversa. Nos laboratórios de atividades, além da aprendizagem da atividade, propunha-se a observação da vivência (experiência própria e do grupo), bem como a discussão de referenciais teóricos paralelamente às experiências práticas. Em decorrência do pouco tempo para a experimentação e discussão, foram realizadas algumas rodas de conversa.

Os laboratórios envolveram grupos de atividades (em que cada sujeito realiza sua atividade e mantém com o coordenador uma relação vertical) ou atividades grupais (em que os sujeitos realizam uma mesma atividade em conjunto e mantém entre si relações horizontais). Também foram oferecidas oficinas, que se baseiam em uma técnica de execução de atividades, um material ou uma ação (BENETTON, 1999; MAXIMINO; LIBERMAN, 2015).

As atividades não foram definidas a priori, sendo sugeridas por todos os participantes. Para sua realização, foram utilizados materiais reciclados e de baixo custo, materiais trazidos pela coordenadora ou pelos participantes, bem como recursos disponíveis na Universidade.

Os encontros aconteceram quinzenalmente, com duração de duas horas cada, no Laboratório de Arte e Criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. O registro das ações foi feito por meio de fotografias e relatórios desenvolvidos pelos membros da equipe. Adicionalmente, os alunos extensionistas desenvolveram portfólios individuais, em que registravam as atividades experimentadas ao longo do projeto, suas impressões e vivências.

RESULTADOS

Durante o projeto, foram realizadas 34 reuniões de equipe, 13 laboratórios de atividades, duas oficinas e cinco rodas de conversa. Os três primeiros laboratórios basearam-se nos *Gouache Découpées*, de Henri Matisse. Após uma explanação sobre o pintor, os participantes coloriram, recortaram e fizeram colagens com folhas de papel. Após esta atividade individual,

foi sugerida uma intervenção nos vidros do laboratório, como referência ao vitral feito pelo artista na Capela do Rosário (França). Deste modo, novos recortes foram colados coletivamente sobre plásticos autocolantes transparentes, que foram afixados às janelas do laboratório, passando a compor a sua decoração.

As partir das experiências com recortes, foram realizadas duas vivências baseadas em Ligia Clark, propostas e coordenadas por duas docentes da graduação. Após a apresentação sobre a artista e a obra *Caminhando*, os participantes recortaram e colaram folhas de papel, formando fitas de Moebius. Estas foram recortadas longitudinalmente, sendo que a proposta da obra a sua própria realização. Posteriormente, foi feita a proposição da Rede de Elásticos, na qual elásticos foram unidos em fios e presos às mãos e pés de cada participante. Inicialmente os movimentos corporais foram experimentados individualmente e, em seguida, os fios foram unidos em uma trama, possibilitando uma experimentação coletiva.

Em decorrência de um manifesto realizado devido a uma situação de violência vivenciada pela irmã de uma aluna da graduação, foram realizados dois laboratórios em que foi desenvolvida uma colcha de retalhos que, após finalizada, foi entregue à aluna. Em seguida, foram realizados dois encontros em que foram costuradas diferentes figuras de feltro com enchimento de fibra siliconada, as quais foram posteriormente agrupadas em um móbile.

No laboratório seguinte, um aluno da graduação ensinou a fazer colares de macramê, com a utilização de fios de lã e barbantes coloridos. Tal participação decorreu do questionário sobre o repertório coletivo de atividades, no qual ele indicou o interesse em ensinar a atividade.

Outros três laboratórios tiveram como base as obras do artista Bispo do Rosário e foram realizados em parceria com o Projeto de Extensão “Outros Comuns”. Após uma apresentação sobre o artista, os participantes realizaram colagens e pinturas em pedaços de pano que, agrupados em um grande tecido, formaram um estandarte. No segundo encontro, foram enfeitadas tiras de pano, que compuseram conjuntamente um varal. No terceiro encontro, foram feitas mandalas, utilizando círculos de papelão, pinturas e aplicações.

Adicionalmente, foi realizada uma oficina durante a Semana de Integração Acadêmica da universidade, da qual participaram 15 alunos de diferentes cursos. Nesta oficina foi experimentada a técnica de *Gouache Découpée*, sendo os recortes colados sobre plástico autocolante, que foram colados nos vidros do laboratório. Também foi realizada uma oficina de experimentação de recursos assistivos da Mercur com 25 inscritos, na qual foi discutido o tema do brincar e experimentadas diferentes adaptações de brinquedos.

DISCUSSÃO

Maximino e Liberman (2015) afirmam que a única maneira possível de se aprender a analisar a atividade grupal é por meio do fazer. As atividades em grupo possibilitam a reflexão e a corporificação da experiência, indo além da racionalização. Dentre as habilidades desenvolvidas neste processo, pode-se citar: a capacidade de observar, estabelecer relações individualmente e com o grupo, coordenar, explicar, adaptar e analisar a atividade.

A partir dos relatos dos participantes e dos membros da equipe, pode-se considerar que os laboratórios foram um importante espaço para trocas de conhecimentos, experimentação de atividades e discussão. Outra característica apontada, foi a horizontalidade das ações, visto que todos eram convidados a participar do planejamento das atividades e das experimentações de forma igualitária, independentemente dos papéis institucionais assumidos.

Os profissionais relataram que, sendo os únicos terapeutas ocupacionais em seus locais de trabalho, compostos por equipes multidisciplinares, não é possível a discussão sobre o objeto da Terapia Ocupacional. Deste modo, o projeto possibilitou um espaço de troca e ampliação de informações e vivências, oportunizando a experiência criativa, nem sempre possível na rotina de trabalho. Para os alunos da equipe, as ações enriqueceram sua formação, pela troca de saberes com os profissionais e pelo aprofundamento de conhecimentos teóricos, referentes às atividades em si e à organização e oferecimento de atividades grupais. Para os docentes, a participação no projeto possibilitou estar na universidade em um novo lugar, favorecendo experiências que reiteram a sua própria escolha profissional.

Além dos profissionais participantes, outros se inscreveram e não compareceram, sendo justificada a incompatibilidade de horário ou não liberação do trabalho, apesar de afirmarem a importância da oportunidade para a formação continuada. Nota-se, assim, que o horário de realização do projeto (quartas-feiras ao final da tarde), dificultou a adesão dos profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os profissionais e alunos participantes consideraram que o projeto teve grande impacto em sua formação e possibilitou uma reaproximação com as atividades humanas. Deste modo, considera-se a importância da realização de projetos deste tipo, favorecendo a educação continuada e a troca de conhecimentos entre a Universidade e os profissionais.

Agradecemos aos alunos, profissionais e professores que participaram do projeto de extensão.

REFERÊNCIAS

- BALLARIN, M.L.G.S. A formação do terapeuta ocupacional: conversando sobre o ensino de grupos e em grupos. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (org.) **Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações**. São Paulo: Summus, 2015. p. 27-47.
- BENETTON, M.J. **Trilhas Associativas: ampliando recursos na prática da terapia ocupacional**. São Paulo: Diagrama & Texto/CETO, 1999.
- CASTRO, E.D. et al. Formação em Terapia Ocupacional na interface das artes e da saúde: a experiência do PACTO. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, v. 20, n. 3, p. 149-156, 2009.
- CAZEIRO, A.P.M. et al. **A Terapia Ocupacional e as Atividades da Vida Diária, Atividades Instrumentais da Vida Diária e Tecnologia Assistiva**. Fortaleza: ABRATO, 2011.
- LIBERMAN, F.; SAMEA, M.; ROSA, S.D. Laboratório de atividades expressivas na formação do terapeuta ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR**, v. 19, n. 1, p. 81-92, 2011.
- LIMA, E.M.F.A. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, v. 15, n. 2, p. 42-48, 2004.
- LONGATTI, T.I. et al. O grupo na formação em terapia ocupacional: uma ótica das alunas. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (org.) **Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações**. São Paulo: Summus, 2015. p. 48-67.
- MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. Cenas em formação: buscando na prática os pressupostos para o que fazemos com grupos. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (org.) **Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações**. São Paulo: Summus, 2015. p. 10-26.

“Bentinho vai sair” - Confecção e experimentação de um jogo sobre vestir-se.

Ana Paula Martins Cazeiro

Jó Francisco Oliveira Fernandes

Andressa Thaina Gonçalves de Santana

Vera Lucia Vieira de Souza

Tendo em vista o papel central que as brincadeiras e as Atividades da Vida Diária têm na prática da Terapia Ocupacional, um jogo destinado a crianças foi desenvolvido no intuito de colaborar para a aprendizagem de habilidades envolvidas no vestir-se. Assim, o objetivo deste trabalho é relatar o processo de desenvolvimento e experimentação do jogo “Bentinho vai sair”. Trata-se de um relato de experiência relacionada à prática de ensino em Terapia Ocupacional. O jogo foi desenvolvido por um grupo de quatro graduandos, durante uma disciplina eletiva sobre o brincar, e foi experimentado com crianças na sala de espera do ambulatório do hospital universitário de pediatria. As crianças demonstraram interesse pelo jogo e apresentaram autonomia em sua realização, sendo necessária pouca mediação do grupo. Foram feitas algumas modificações durante a sua execução, diante das diferentes faixas etárias e do número elevado de crianças. Os materiais empregados mostraram-se adequados, embora sejam sugeridos alguns ajustes para a sua utilização posterior. A experiência mostrou-se relevante para a formação dos alunos, possibilitando o exercício da análise de atividades em todas as etapas, e favorecendo o desenvolvimento de habilidades de comunicação, interação, mediação e ensino de atividades em grupos de crianças. Observa-se, deste modo, a importância de atividades práticas durante a formação em Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: Jogos e Brinquedos, Atividades Cotidianas, Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

O brincar é um conjunto de fenômenos complexos, que varia em cada tempo e cultura e, por isso, não é facilmente definido (BROUGÉRE, 2004). Para Ferland (2006), a essência da brincadeira é a atitude lúdica, que envolve curiosidade, prazer, espontaneidade e senso de humor. Deste modo, a depender da atitude do sujeito, qualquer atividade pode se tornar lúdica.

Embora não haja uma definição consensual para o brincar, defende-se unanimemente que a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento da criança, de modo que a sua privação pode gerar incapacidades secundárias. Por este motivo, o brincar é priorizado na prática da Terapia Ocupacional infantil, sendo entendido ao mesmo tempo como um instrumento para o desenvolvimento de habilidades e como um objetivo central na atuação com crianças, tendo um fim em si mesmo (BLANCHE, 2002; FERLAND, 2006; VIEIRA; CAZEIRO, 2017).

Visto a importância do brincar para a Terapia Ocupacional, um jogo foi desenvolvido com o intuito de favorecer, simultaneamente, o brincar e a prática de atividades da vida diária (AVDs), mais especificamente, do vestuário. De acordo com Cazeiro et al. (2011), as AVDs são fundamentais na atuação do terapeuta ocupacional, perpassando a história da profissão e compondo sua identidade profissional.

Segundo a *American Occupational Therapy Association* (2015), as AVDs são as atividades em que o sujeito cuida de seu próprio corpo, e o vestir-se envolve: “selecionar roupas e acessórios de acordo com a hora do dia, com o clima e a ocasião; retirar as roupas dos locais em que estão guardadas; vestir-se e despir-se adequadamente de maneira sequencial; ajustar e fechar as roupas e sapatos [...]” (p. 20). Observa-se, assim, que o desenvolvimento do vestuário vai além do aprendizado de habilidades motoras, envolvendo também aspectos cognitivos, como a escolha das roupas de acordo com as diferentes ocasiões e condições climáticas.

Diante disso, este trabalho objetiva relatar a experiência do desenvolvimento e da experimentação de um jogo sobre vestuário, denominado “Bentinho vai sair”.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência relacionada à prática de ensino em Terapia Ocupacional, desenvolvida ao longo de um semestre letivo, durante uma disciplina eletiva sobre o brincar. Visando associar as discussões teóricas às atividades práticas, os alunos da disciplina eram divididos em grupos, que deveriam confeccionar brinquedos ou jogos que pudessem ser experimentados com crianças, na sala de espera do ambulatório do hospital pediátrico da universidade, no último dia de aula da disciplina e sob a supervisão docente. Além disso, os alunos deveriam entregar um relatório contendo a análise da atividade e a descrição da vivência junto às crianças, relacionando-as à literatura abordada ao longo da disciplina.

No presente trabalho, será relatado o processo de desenvolvimento e experimentação do jogo “Bentinho vai sair”, a partir do ponto de vista dos alunos participantes do grupo e das docentes responsáveis pela disciplina. O grupo foi composto por quatro alunos. No

planejamento do jogo, o grupo considerou as habilidades necessárias para o vestuário, mais especificamente a escolha das roupas em função da hora do dia, clima e ocasião (AOTA, 2015).

O jogo foi produzido em um computador com acesso à internet, contendo: o programa *PhotoScape*, para confeccionar as roupas e as roletas; o *site Canva*, para as cartelas com o personagem e seu guarda-roupa, e o programa *Word* para o manual da brincadeira. Depois de finalizada a produção virtual, o material foi impresso em papel A4. As peças foram recortadas, plastificadas e recortadas novamente; no verso das peças de roupa foi colado velcro “macho”; na parte correspondente ao corpo de Bentinho e às prateleiras do armário, foi usado velcro “fêmea”; nas três roletas, foram usados colchetes no formato bailarina para fixar os ponteiros. Também foi confeccionado um plano inclinado, que foi revestido com velcro “fêmea”, ao qual eram fixadas as peças de roupa a serem escolhidas durante o jogo (pilha de roupas).

Após a confecção do jogo e a experimentação com crianças com desenvolvimento típico, atendidas no ambulatório de especialidades do hospital universitário de pediatria, o jogo foi analisado por meio do roteiro proposto por Bomtempo (1990).

RESULTADOS

De acordo com o roteiro desenvolvido por Bomtempo (1990), o jogo “Bentinho vai sair” pode ser analisado da forma que se segue.

Características: O jogo é composto por quatro cartelas (contendo o corpo de Bentinho e seu guarda-roupa), três roletas e 48 peças de roupas nas cores primárias (vermelho, amarelo e azul), conforme consta na Figura 1.

Figura 1 – Peças do jogo “Bentinho vai sair”.



Tipo de brinquedo: Jogo estruturado e competitivo, com regras explícitas e complexas.

Desenvolvimento e aprendizagem: Favorece o desenvolvimento de habilidades relacionadas à atividade de vestir-se, envolvendo nomes e tipos de roupas e sua relação com as partes de corpo, clima e ocasião; estimula a coordenação motora fina, discriminação visual de cores e de formas, esquema corporal, socialização, noção espacial e temporal.

Usos do objeto: O jogo tem como objetivo vestir um personagem (Bentinho), considerando a ocasião, a hora, o clima ou a estação do ano escolhidos pelo jogador. O jogo pode ter até quatro participantes por rodada. Inicia a partida o jogador mais novo e cada participante, na sua vez, gira a roleta de roupas e a roleta de cores, para determinar a peça que irá receber para vestir seu personagem, a qual poderá ser retirada da pilha de roupas e colocada em sua cartela. Uma das roletas contém apenas o tipo de roupa (chapéu, calçado, blusa ou calça), possibilitando simplificar o jogo (Nível 1), enquanto outra cartela apresenta a peça específica a ser utilizada, aumentando o nível de complexidade (Nível 2). A criança pode utilizar a peça sorteada no personagem ou guarda-la em seu guarda-roupas; a cada duas peças guardadas, pode-se trocar por uma peça da pilha de roupas. Quem conseguir vestir todo o personagem primeiro, grita “Estou pronto” e vence o jogo. Pode-se optar por pontuar as peças, ganhando a criança que obtiver mais pontos.

Experimentação com as crianças do ambulatório do hospital de pediatria: Observou-se que o jogo foi mais atraente para as crianças em idade escolar, pois se trata de um jogo competitivo e com regras complexas. Algumas crianças em idade pré-escolar também demonstraram interesse; para elas, as regras foram modificadas, utilizando-se peças aleatórias, apenas com o intuito de vestir o personagem. Todas as crianças mostraram-se envolvidas e motivadas com o jogo. Embora outras brincadeiras fossem propostas simultaneamente por outros grupos de graduandos, o número de crianças interessadas pelo jogo “Bentinho vai sair” foi mais elevado do que o esperado pelo grupo (até quatro participantes). Assim, considerando o tempo necessário para terminar cada rodada, optou-se pela regra de Nível 1, por ser mais rápida. Notou-se também a necessidade de mais cartelas, para permitir um maior número de participantes por rodada. Foi utilizado um plano inclinado para fixar as peças e facilitar a visualização das roupas disponíveis. Contudo, observou-se a necessidade de um plano inclinado maior, com mais espaço para a exposição das roupas. A plastificação do material permitiu aumentar a resistência das peças, além de favorecer o seu manuseio pelas crianças. O velcro permitiu que as peças colocadas nas cartelas ou no plano inclinado permanecessem no lugar escolhido. O jogo permitiu a autonomia das crianças durante todas as etapas, sendo necessária pouca mediação do grupo após a explicação das regras.

DISCUSSÃO

A experiência foi primordial para aproximar os estudantes da prática clínica da Terapia Ocupacional, uma vez que nenhum dos integrantes estava em período de estágio curricular e poucas são as oportunidades de experimentação e contato com crianças durante a graduação. Além da interação com as crianças, a oportunidade de planejar, produzir e realizar o jogo permitiu a vivência da análise da atividade em todas as etapas, antes, durante e depois da sua realização pelo público-alvo. Tal fato é condizente com as afirmações de Lima (2004) e Cazeiro et al. (2011), segundo as quais a análise de atividades tem lugar privilegiado na formação do terapeuta ocupacional; na prática profissional, a atividade deve ser analisada previamente pelo terapeuta, visando identificar suas características, mas também deve ser analisada durante sua aplicação com a clientela, permitindo observar as potencialidades e dificuldades do sujeito, bem como realizar as adaptações e ajustes que forem necessários a cada momento.

O grupo de estudantes vivenciou as expectativas em relação à adesão das crianças que estariam presentes no local da experimentação. Por isso, algumas estratégias foram discutidas, assim como possíveis adaptações ou adequações das regras propostas, mostrando a importância do planejamento prévio. A realização da atividade também possibilitou o desenvolvimento de habilidades de comunicação, interação, mediação e ensino de atividades em grupo, habilidades que, segundo Ballarin (2015), somente podem ser desenvolvidas por meio de vivências práticas durante a formação profissional. A elaboração do relatório final, por sua vez, estimulou a reflexão sobre o processo vivenciado, comparando-se as expectativas com a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo “Bentinho vai sair” motivou o envolvimento de crianças de diferentes idades, especialmente daquelas em idade escolar. A experimentação valorizou o brincar na sala de espera de um ambulatório de pediatria, possibilitando a troca de experiências entre os estudantes, os docentes, os pais e as crianças. Verificou-se também a contribuição na formação dos graduandos; visto que as atividades são centrais na Terapia Ocupacional, estratégias práticas de ensino devem ser exploradas e valorizadas durante a formação profissional, sendo a realização de atividades em si um importante recurso didático.

REFERÊNCIAS

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION - AOTA. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, v. 26, n. esp, p. 1-49, 2015.

BALLARIN, M.L.G.S. A formação do terapeuta ocupacional: conversando sobre o ensino de grupos e em grupos. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (org.) **Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações**. São Paulo: Summus, 2015. p. 27-47.

BLANCHE, E.I. Fazer junto com - não fazer para: a recreação e as crianças portadoras de paralisia cerebral. In: PARHAM, L.D.; FAZIO, L.S. **A Recreação na Terapia Ocupacional Pediátrica**. São Paulo: Santos, 2002. p. 202-218.

BOMTEMPO, E. Brinquedos: critérios de classificação e análise. **Cadernos do E.D.M. Comunicação e debates**, v. 2, n. 2, p. 36-44, 1990.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 2004.

CAZEIRO, A.P.M. et al. **A Terapia Ocupacional e as Atividades da Vida Diária, Atividades Instrumentais da Vida Diária e Tecnologia Assistiva**. Fortaleza: ABRATO, 2011.

FERLAND, F. **O modelo lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a Terapia Ocupacional**. São Paulo: Roca, 2006.

LIMA, E.M.F.A. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, v. 15, n. 2, p. 42-48, 2004.

VIEIRA, S.R.; CAZEIRO, A.P.M. Análise de jogos e brincadeiras para o contexto hospitalar. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 1, n. 2, p. 127-148, 2017.

Estratégias de ensinagem no módulo estratégias de inclusão social no curso de graduação em terapia ocupacional – relato de experiência.

Yuri Fontenelle Lima Montenegro

Marilene Calderaro da Silva Munguba

O presente estudo tem por objetivo discutir as estratégias de ensinagem utilizadas durante o módulo “Estratégias de Inclusão Social” ao longo da graduação em Terapia Ocupacional. Trata-se de um relato de experiência situacional de delineamento interpretativo, referente ao primeiro semestre de 2014 durante a graduação em Terapia Ocupacional em universidade particular de Fortaleza, Ceará, Brasil. A metodologia adotada incluiu as seguintes estratégias de ensinagem: Exposição Dialogada, Conferência, Solução de Problemas, Cine Debate, Estudo de Caso-Problema, Círculo de Estudo, Roda de Conversa e Estudo do Meio. As aulas aconteceram além do espaço convencional, incluindo videoteca, Unidade Básica de Saúde, Centro de Referência da Assistência Social de uma comunidade indígena Pitaguary e um presídio feminino. A avaliação no módulo foi baseada nas estratégias: Grupo de Verbalização e de Observação (GV/GO), Painel Integrado, Júri Simulado, Autoavaliação e Prova Escrita com consulta e em dupla, além do acompanhamento semanal da participação nas atividades. Consideramos que a experiência relatada pode contribuir com a identificação de estratégias de ensinagem adequadas para um processo educativo inovador, alinhado com as exigências do ensino superior e sensível às questões sociais do país.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, Ensinagem, Ensino Superior, Inclusão Social.

INTRODUÇÃO

O presente estudo se propõe a apresentar reflexões sobre as estratégias de ensinagem adotadas em um módulo do quarto semestre do curso de graduação em Terapia Ocupacional de uma instituição particular de Fortaleza a partir da experiência dos autores que, à época, eram estudante e professora. Convém destacar que a partir da implementação do currículo integrado (ALBUQUERQUE et al., 2015) se opta pelo uso do termo “módulo” ao invés “disciplina” devido ao seu caráter integrador de diferentes áreas e dimensões do conhecimento ao invés de um sistema de ensino rígido, passivo e fragmentado (MOSÉ, 2013).

O currículo integrado foi oficializado em 2012 e fundamenta-se no tripé competências, aprendizagem significativa e metodologias ativas. Assim, é assumida uma perspectiva construtivista da aprendizagem a fim de estimular uma postura ativa do estudante e um ensino capaz de dialogar com a realidade social a partir da integração dos saberes. A mudança empreendida demanda métodos de avaliação condizentes com a transformação da realidade de aprendizagem. Dessa forma, a avaliação deve ser planejada como um processo inserido no cotidiano dos estudantes com ênfase nas ações e tomada de decisões em determinada situação (ALBUQUERQUE et al., 2015; BRAGA; BRAZ; BENFATTI, 2017; SANTANA, 2017).

O módulo “Estratégias de Inclusão Social” tinha por objetivos apresentar a evolução histórica dos processos de exclusão e inclusão social, analisar as Políticas Públicas de Saúde e Assistência Social, compreender a Classificação Internacional de Funcionalidade e a Estratégia de Reabilitação Baseada na Comunidade, apresentar os pressupostos da Terapia Ocupacional Social, analisar particularidades dos grupos em situação de vulnerabilidade social e planejar estratégias interdisciplinares de inclusão social em contextos distintos. Adotava a perspectiva vigotskiana da aprendizagem mediada (VYGOTSKI, 2003; FREIRE, 1996) e da avaliação mediadora (HOFFMANN, 2003), associadas ao uso de estratégias de ensinagem (ANASTASIOU; ALVES, 2012) e metodologias ativas (BERBEL, 2011).

O presente estudo tem por objetivo discutir as estratégias de ensinagem utilizadas durante o módulo “Estratégias de Inclusão Social” ao longo da graduação em Terapia Ocupacional.

METODOLOGIA

O presente estudo consiste em um relato de experiência situacional de delineamento interpretativo (GAYA; GAYA, 2018) sobre as estratégias de ensinagem adotando vivências das metodologias ativas (BORDENAVE; PEREIRA, 2008; BERBEL, 2011) implementadas no módulo “Estratégias de Inclusão Social” ao longo do primeiro semestre do ano de 2014 durante a graduação em Terapia Ocupacional em uma universidade particular do município de Fortaleza, Ceará, Brasil.

Adotou-se como base teórica para a elaboração do módulo, e conseqüentemente para a reflexão sobre a vivência aqui relatada, os conceitos de aprendizagem mediada, ensinagem, metodologias ativas e avaliação mediadora. Assim, a aprendizagem é compreendida como processo histórico-cultural mediado pela cultura, linguagem, comunicação, instrumentos, símbolos e signos, e a imitação (FREIRE, 1996; VYGOTSKY, 2003). As Metodologias Ativas

têm por finalidade a solução de problemas a partir da exposição a situações reais, ou simuladas (BERBEL, 2011). A ensinagem (ANASTASIOU; ALVES, 2012), situação de ensino que necessariamente resulta em aprendizagem, está fundamentada na parceria entre professor e estudantes, relação esta que constitui a base da avaliação mediadora (HOFFMANN, 2003) em vista do educando.

Após a contextualização teórica do módulo “Estratégias de Inclusão Social”, esclarecemos que este disponibilizava de carga horária de 72 horas, distribuída em 4 horas semanais. A metodologia adotada incluiu as seguintes estratégias de ensinagem: Exposição Dialogada, Conferência, Solução de Problemas, Cine Debate, Estudo de Caso-problema, Círculo de Estudo, Roda de Conversa e Estudo do Meio. As aulas aconteceram além do espaço convencional, incluindo videoteca, Unidade Básica de Saúde, Centro de Referência da Assistência Social da comunidade indígena Pitaguary e no Instituto Penal Feminino. A avaliação do módulo foi baseada nas estratégias de Grupo de Verbalização e de Observação (GV/GO), Painel Integrado, Júri Simulado, Autoavaliação e Prova Escrita com consulta e em dupla, além do acompanhamento semanal da participação nas atividades propostas.

Considerando o hiato entre a experiência vivida pelos autores e a produção deste relato, buscamos resgatar o plano de ensino e os trabalhos produzidos ao longo do módulo além de se apoiar na memória. A discussão sobre a experiência vivida privilegia as estratégias: Cine Debate, Estudo do Meio, GV/GO e Painel Integrado.

RESULTADOS

O cine debate foi utilizado como estratégia para analisar os conceitos de diversidade, diferença e as particularidades dos grupos em situação de vulnerabilidade social em diferentes contextos. Optou-se pelos seguintes filmes: “Quanto vale ou é por quilo?”, “Linha de passe”, ambas produções brasileiras, e “Escritores da liberdade”, produção norte americana. Em cada ocasião, a exibição do filme ocorria seguida por estudos de caso-problema, círculos de estudo ou rodas de conversa, com vista a promoção do debate.

A estratégia Estudo do Meio, que consiste na aprendizagem a partir da experiência vivida no contato direto com a realidade social (ANASTASIOU; ALVES, 2012), oportunizou o diálogo com profissionais que lidam diretamente com usuários das políticas de saúde e assistência social no dia-a-dia. O contato com os agentes comunitários de saúde – ACS – foi mediado pela construção de um mapa falante. A estratégia utilizada possibilitou uma dupla aprendizagem: a identificação de equipamentos de suporte social e a apreensão da importância

do ACS para a operacionalização da Estratégia Saúde da Família. A visita à comunidade Pitaguary, por sua vez, oportunizou a compreensão das demandas de comunidades tradicionais e da relevância da cultura na constituição da identidade e produção de um cuidado singular.

Os procedimentos de avaliação aplicados ao longo do módulo oportunizaram uma nova forma de lidar com o conteúdo a ser construído. O GV/GO, técnica de análise de temas a partir da organização dos educandos em dois grupos – verbalização (GV) e observação (GO) – sob a coordenação do professor (ANASTASIOU; ALVES, 2012), prescinde preparação prévia dos alunos e consistiu na discussão de artigos previamente definidos, de acordo com temas do interesse dos alunos e que estabeleçam relação com os objetivos do módulo.

O Painel Integrado, aplicado duas vezes, consistiu na elaboração e apresentação de uma síntese sobre a intervenção em Terapia Ocupacional com populações em situação de vulnerabilidade social e sobre conceitos da obra de Paulo Freire. A avaliação foi orientada por artigos sobre Terapia Ocupacional Social, Saúde Coletiva, Política de Assistência Social e a obra “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (1996). Bordenave e Pereira (2004) definem essa estratégia como uma discussão informal de um grupo de alunos, indicados pelo professor, em que apresentam pontos de vista antagônicos na presença de outros.

DISCUSSÃO

A exigência da formação de um profissional capaz de compreender as relações entre políticas sociais, saúde-sociedade, inclusão-exclusão social e fatores sócio-históricos do país (BRASIL, 2002) demanda o uso de estratégias pedagógicas que vão além da técnica e transmissão de conteúdo teórico. Nesse intuito, faz-se mister recorrer a estratégias pautadas no desenvolvimento da autonomia discente.

Considerando a situação de invisibilidade das pessoas cujas histórias de vida são marcadas pelos processos de exclusão social, o uso do Cine Debate oportunizou uma experiência empática com personagens que sofreram alguma espécie de discriminação estrutural. Romagnani (2008) ressalta que esta estratégia visa estimular, mediante a utilização do meio cinematográfico, o debate e a construção de conhecimento interdisciplinar, mediante o desenvolvimento da capacidade crítica em torno das questões éticas, políticas e sociais que permeiam a atuação profissional.

O Estudo do Meio assume caráter fundamental no complemento da aprendizagem. A partir da observação do campo e interação com profissionais que lidam com a execução das políticas da assistência social e de saúde foi possível contextualizar e integrar a teoria estudada

com a prática, como Freire (1996) propõe, estabelecendo a práxis, essencial na formação profissional.

Destacamos as técnicas avaliativas GV/GO e o painel integrado que enfatizaram a articulação e aplicação de conhecimentos em situações determinadas ao invés da memorização. Ambas estratégias oportunizaram a aprendizagem mediada pelos pares durante o processo avaliativo. A síntese exigida por tais técnicas avaliativas demanda do estudante a capacidade de interpretar e articular a discussão realizada em artigos. Dessa forma, observamos uma espécie de letramento científico, onde a pesquisa é assumida como princípio educativo (DEMO, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemo-nos à reflexão sobre estratégias de ensinagem implementadas em um módulo da graduação em Terapia Ocupacional. Consideramos que a experiência relatada pode contribuir para um processo educativo inovador, alinhado com as exigências do ensino superior e sensível às questões sociais do país.

Reconhecemos o limite desta proposta proveniente do estudo de um caso particular e pontual, bem como considerar prejuízos na vivência de todas as estratégias utilizadas ao longo do módulo devido a uma frequência de 89%. Assim, sugerimos a realização de análises mais abrangentes sobre práticas de ensino e seus desdobramentos na formação profissional.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, S. H. de C. et al. **Como desenhar um módulo no currículo integrado? A proposta elaborada pelo CCS da Unifor.** In: Encontro de Práticas Docentes, 7., 2015, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Unifor, 2015. Disponível em: <https://uol.unifor.br/uol/conteudosite/?cdConteudo=6134289>. Acesso em: 12 jun. de 2019.
- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (orgs.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula.** 10. ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2012.
- BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes.** Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan.-jun., 2011.
- BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem.** 28. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BRAGA, J. de C. F.; BRAZ, M. C. D. L.; BENFATTI, X. D. A avaliação no processo de ensino e aprendizagem. In: ALCÂNTARA, A.; PEREIRA, E.; SÁ, H. L. do C (orgs.). **Ensinando & aprendendo**: os fundamentos da docência no ensino superior. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2017. pp. 155-193.

BRASIL. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em terapia ocupacional. Resolução n. CNE/CES 6, de 19 de fevereiro de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES062002.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAYA, A. C. A.; GAYA, A. R. **Relato de experiência**: roteiros para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos de licenciatura. Curitiba: CRV, 2018.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ROMAGNANI, P. Cinema em cena. **Revista A&E**: atividades e experiências, Curitiba, n. 4, p.45, 01 set. 2008.

SANTANA, G. S. de M. A aprendizagem significativa. In: ALCÂNTARA, A.; PEREIRA, E.; SÁ, H. L. do C (orgs.). **Ensinando & aprendendo**: os fundamentos da docência no ensino superior. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2017. pp. 95-107

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

O que me trouxe até aqui: relato de experiência com o mapa corporal no curso de Terapia Ocupacional

Flávia Pereira da Silva

Cynthya Grazielle Arruda Santos

Mariana de Pontes Santiago

Marina Emanuelle da Silva Santos

Vitória das Dores Galdino da Silva

No processo de formação acadêmica em Terapia ocupacional o educador tem como função principal ser facilitador de experiências que proporcionem a participação ativa dos estudantes, a fim de construir saberes e construir novos modelos de cuidado. Como recurso terapêutico e pedagógico, a Terapia Ocupacional pode utilizar os Mapas Corporais Narrados (MCN), que são uma representação corporal em tamanho real com desenhos, pinturas e outras diversas técnicas para articular uma história de vida. O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência sobre a utilização do Mapa Corporal por estudantes de Terapia Ocupacional. Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo, caracterizado como um relato de experiência. Durante a construção dos Mapas Corporais Narrados vimos diferentes personalidades, desde o participante mais concentrado, que escolhe seus materiais e permanece mais introspectivo e reflexivo em cada detalhe do seu mapa, até aquele que troca imagens, materiais e faz um comentário ao terminar cada etapa. Os participantes referiram ser este um recurso onde o sujeito tem espaço para transmitir sua história com seus próprios termos, escolhendo os temas mais relevantes em suas trajetórias de vida. Apontamos a potência da atividade na formação em Terapia Ocupacional a partir das reflexões apresentadas pelos estudantes, sugerindo que um profissional de saúde flexível e criativo certamente irá lidar melhor com as complexidades da prática profissional. Dessa forma, o Mapa corporal se torna inspiração de um processo de conhecimento e de cuidado de si, para assim, cuidar do outro.

Palavras-chave: Mapa corporal narrado; Body-map Storytelling; Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional (TO) é a profissão que tem como objetivo o estudo das ocupações, e utiliza-se das atividades humanas como recurso terapêutico ocupacional, para

promoção da saúde, do bem-estar, da qualidade de vida, da autonomia e da humanização (AOTA, 2015). O processo de intervenção terapêutico ocupacional acontece de forma fluida e dinâmica, com uma prática centrada no cliente, proporcionando a participação ativa dos sujeitos, e durante a realização das atividades utilizam habilidades de comunicação interpessoal, que operam por diferentes formas de linguagem-pensamento, e derivam do agir, reagir, interagir, e fazer, que são maneiras impactantes de dizer algo ao mundo (BARROS, et al, 2002).

Para compreender a realidade do sujeito buscam-se atividades em que seja possível romper o dualismo individual-coletivo, compartilhando vivências, desvendando representações, sentidos e significados, pois a partir das necessidades, valores, crenças e afetos cada sujeito traz em si sua singularidade com características próprias da condição humana (GALHEIGO, 2003).

Como recurso de expressão, a Terapia Ocupacional pode se valer dos Mapas Corporais Narrados (MCN), que são uma representação corporal em tamanho real, que usa desenhos, pinturas e outras diversas técnicas para articular uma história de vida. A confecção é um processo criativo que permite ao participante revelar suas memórias autobiográficas, bem como construir um projeto de vida, e demonstrá-lo através da sua autoimagem (DAVY, et al, 2014).

Este método foi originado na África do sul pelo projeto Memory Box feito por Jonathan Morgan, psicólogo clínico da Universidade da Cidade do Cabo, África do Sul. Utilizado em mulheres com HIV/AIDS inicialmente como forma das pessoas se sentirem mais à vontade para representar e registrar suas histórias e fornecer lembranças para os seus companheiros. Logo após foi adaptada por Jane Solomon que acrescentou uma reflexão de forma narrativa diante a situação existente. Desde então Solomon desenvolveu um guia de adaptação e faz treinamentos com os facilitadores desse método (GASTALDO, 2012).

A cada ano que passa os cursos de graduação em saúde tentam aperfeiçoar o processo de ensino de forma que os estudantes tenham maior propriedade da prática ao entrar no mercado de trabalho, o educador tem como função principal ser facilitador, onde a partir de sua experiência cria situações que proporcionem a participação ativa dos estudantes, a fim de construir saberes e construir novos modelos de cuidado (BARBA, 2012).

Dessa forma, pretende-se por meio deste trabalho descrever um relato de experiência de uma docente e estudantes monitoras do curso de Terapia Ocupacional sobre o Mapa corporal narrado como recurso terapêutico ocupacional com estudantes de graduação de Terapia Ocupacional na perspectiva de uma metodologia de pesquisa em saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo, caracterizado como um relato de experiência, que descreve a realização da atividade denominada de “Mapa corporal”, no Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco, na disciplina de Análise de Atividades e Recursos Terapêuticos 2. A disciplina dispõe de monitoras, que são as responsáveis, junto à docente, pelo resgate das observações feitas sobre a atividade realizada como alunas e também do semestre no qual atuam como monitoras. Os registros foram realizados através de fotografias e observações em diário de campo. Consideramos aqui duas turmas distintas em semestres diferentes, que viveram a mesma experiência, em ambas a aula transcorreu da mesma forma, iniciava-se com a apresentação do Mapa corporal narrado e como ele é utilizado na disciplina, e ao final do encontro cada mapa foi narrado por seu autor ao grupo.

De acordo com o objetivo pretendido com a construção do mapa corporal, os participantes devem ser orientados quanto ao seu desenvolvimento. Na experiência aqui relatada, para efeito de preenchimento do MCN, o corpo foi dividido em quatro partes: nos membros inferiores foi indicado que os participantes colocassem as representações de tudo o que os tivessem conduzido até o momento atual de suas vidas; no tronco, os sentimentos ou situações que marcaram e/ou representam sua história; nos membros superiores, o que cada um tem para oferecer (sentimentos/attitudes) e na cabeça, os sonhos que os move. Os materiais utilizados foram papel, lápis de cor, giz de cera, tesoura, cola branca, revistas e fotos pessoais que os estudantes foram orientados a levar, também utilizamos como recurso ambiental uma *playlist* com músicas de escolha das turmas. As monitoras atuaram auxiliando a docente na orientação das dúvidas, registrando os momentos, compartilhando vivências, refletindo sobre cada parte do mapa e tendo uma visão externa do processo de construção desse recurso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O mapa corporal já é considerado por Gastaldo (2018), não um método, mas uma metodologia de pesquisa em saúde, o TO como agente modificador, tem no MCN a possibilidade de estudar trajetórias de vida, disponibilizar espaços para que as pessoas contem

suas próprias histórias, utilizando seus próprios termos e participando ativamente da construção, além de introduzir elementos visuais para complementar seu discurso oral.

Durante a construção do MCN vimos diferentes personalidades, desde o participante mais concentrado, que escolhe seus materiais e permanece mais introspectivo e reflexivo em cada detalhe do seu mapa, até aquele que troca imagens, materiais e faz um comentário ao terminar cada etapa. Nenhum dos participantes em ambas as turmas já tiveram experiência anterior com o Mapa Corporal e as duas turmas apontaram ser este um recurso onde o participante tem espaço para transmitir sua história com seus próprios termos, podendo escolher quais temas foram mais relevantes ou tiveram maior influência em suas trajetórias de vida.

A música com seu poder de despertar emoções aliado aos recursos visuais e de texto facilitam a narração e a compreensão ao ouvinte (GASTALDO et al., 2013). A produção foi embalada por músicas de escolha da turma, que trouxeram memórias de pessoas e eventos vitais para a construção do mapa, o fato de cada participante ter sua música contemplada na *playlist* deixou o ambiente mais aconchegante e pleno de sentidos.

As apresentações individuais, para o grupo, possibilitam a narração minuciosa do mapa, sendo explorados em cada parte, comunicando pensamentos, sentimentos e ideias que trazem à tona memórias afetivas e circunstâncias que traduzem a singularidade de cada vida em uma retrospectiva do que já foi vivido, e, fazendo novas conexões com os desejos futuros. Guatarri e Rolnik (2000), refletem que ressaltando a subjetividade, vemos que cada pessoa dá significado às suas experiências de acordo com sua compreensão da realidade em que vive. Diante disso, pudemos observar que os estudantes ao narrarem suas histórias falaram sobre poder visualizar os sonhos:

“Através do Mapa Corporal nós conseguimos alcançar coisas muito interessantes, emoções, lembranças, sentimentos e visualizar nossos sonhos[...].”

Os estudantes possuem uma rotina exaustiva, onde são avaliados constantemente pelo seu desempenho. Durante a construção do MCN percebe-se uma autoavaliação do dia a dia, e a reflexão de que ali, são capazes e estimulados a usar a criatividade a favor deles e não somente do próximo, o que torna o MCN um facilitador na empatia entre o estudante e ele mesmo, entre o estudante e a docente, junto às monitoras e dentro do próprio grupo, pois, é um grupo onde convivem diariamente.

Considerando todos esses pontos, é visto que assim como as músicas escolhidas pela turma, o tempo e o espaço disponível para a montagem do mapa corporal nesse formato fazem

total diferença para sua efetividade. Um ambiente acolhedor transmite para o participante confiança, assim como possibilita o processo criativo e o faz perceber-se como protagonista de sua história.

Quando se parte para a formação dos estudantes, vemos reflexões contundentes de futuros profissionais que veem no Mapa Corporal a possibilidade de proporcionar a ressignificação de cotidianos, a retomada histórica e contextualizada do sujeito e sua inserção participante no coletivo:

“[...]Eu fiquei impressionada com a versatilidade e com a eficácia[...]”

A docência não se resume a transmitir conhecimentos, mas tem em seu papel a função de transformar informação em formação (BARBA, 2012). A partir da utilização do MCN com estudantes e futuros profissionais vê-se a relevância do uso de atividades que estimulem a criticidade nos participantes, de maneira contextualizada e articulada com o público alvo. Ao final, os estudantes percebem a delicadeza e a potência do Mapa Corporal e assim podem incorporar este recurso em sua prática terapêutica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do mapa corporal é uma experiência que exige um vasto desdobramento de habilidades cognitivas e afetivas. Destacamos o potencial da técnica na flexibilização de julgamentos no grupo e para reafirmar a importância de vivências acadêmicas nesse formato para a ampliação da consciência dos futuros terapeutas nas práticas corporais, ressaltando a importância da experiência durante a graduação para construção de conhecimento de forma a promover a reflexão dos estudantes, onde um profissional de saúde flexível e criativo certamente irá lidar melhor com as complexidades da prática profissional. Dessa forma, o Mapa corporal se torna inspiração de um processo de conhecimento e de cuidado de si, para assim, cuidar do outro.

REFERÊNCIAS

- AOTA AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION et al. **Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo-traduzida**. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 26, n. esp, p. 1-49, 2015.
- BARBA, P. C. S. D, et al. **Formação inovadora em Terapia Ocupacional**. Interface-COMUNICAÇÃO SAÚDE EDUCAÇÃO v.16, n.42, p.829-42, jul./set. 2012.

BARROS, D.D. et al. **Terapia Ocupacional Social**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-103, set./dez. 2002

DAVY, C.; MAGALHÃES, L.V.; MANDICH, A.; GALHEIGO, S. M. **Aspects of the resilience and settlement of refugee youth: a narrative study using body maps**. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 231-241, 2014.

GALHEIGO, S. M. **O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-9, set./dez. 2003.

GASTALDO, D; RIVAS-QUARNETI, N; MAGALHAES, L. **Body-Map Storytelling as a Health Research Methodology: Blurred Lines Creating Clear Pictures**. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, v. 19, n. 2, mar. 2018.

GASTALDO, D; MAGALHÃES, L; CARRASCO, C. **Mapas corporais narrados: um método para documentar trajetórias de saúde, resiliência, adoecimento e sofrimento**. As práticas corporais no campo da saúde (pp. 83-100). São Paulo: Editora Hucitec, 2013.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

Ensino de Tecnologia Assistiva no curso de Graduação em Terapia Ocupacional: análise de duas Instituições Privadas do Estado de São Paulo

Marina Alves Teodoro

Luciana Ramos Baleotti

A Tecnologia Assistiva é uma área de conhecimento de característica interdisciplinar e envolve profissionais de diferentes áreas, dentre eles, o terapeuta ocupacional. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de graduação em Terapia Ocupacional, o profissional necessita ter o conhecimento relativo a Tecnologia Assistiva e acessibilidade por meio da indicação, confecção e treinamento de dispositivos, adaptações, órteses, próteses e softwares. Objetivou-se com este estudo identificar e analisar a formação do terapeuta ocupacional em relação ao ensino de Tecnologia Assistiva com base na formação graduada. A coleta de dados foi feita em duas Instituições Privadas paulistas (A e B), a partir da análise das matrizes curriculares e ementas de disciplinas específicas e não específicas disponibilizadas na forma online. Os dados foram analisados sob abordagem descritiva simples. Os resultados evidenciaram que a Instituição B, comparativamente à Instituição A, oferece carga horária maior de conteúdo relativo à temática investigada, tanto em disciplinas específicas quanto não específicas. Dessa forma, pode-se inferir que os alunos da Instituição B tenham conhecimento mais abrangente para atuar com a Tecnologia Assistiva. Conclui-se a necessidade de reflexões acerca da possibilidade de proporcionalidade em termos de carga horária nas disciplinas relativas à Tecnologia Assistiva a fim de aproximação e equilíbrio curricular nos diferentes cursos de graduação em Terapia Ocupacional do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: Equipamentos de Autoajuda. Ensino. Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional (BRASIL, 2002) referem que o terapeuta ocupacional (TO) é um profissional que deve ter o conhecimento relativo à Tecnologia Assistiva (TA) e Acessibilidade por meio da indicação, confecção e treinamento de dispositivos, adaptações, órteses, próteses e softwares. Na mesma direção, a literatura aponta que a TA representa uma importante área de conhecimento para esse

profissional, visto que é um dos responsáveis por sua utilização na realidade brasileira (ALVES; EMMEL; MATSUKURA, 2012).

No entanto, no Brasil há carência de estudos que tenham investigado a formação do TO para atuar com a TA. Nesse sentido, objetiva-se com este estudo identificar aspectos dessa formação com base na análise curricular de cursos de graduação do Estado de São Paulo.

METODOLOGIA

Trata-se de um recorte de um projeto maior intitulado “Ensino de Tecnologia Assistiva nos Cursos de Graduação do Estado de São Paulo”, subvencionado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Proposição de pesquisa de natureza documental, neste estudo são apresentados os dados relativos à duas Instituições Privadas paulistas, denominadas A e B. Para a coleta de dados, acessou-se o site dessas duas Instituições, no qual as matrizes curriculares estavam disponibilizadas na forma online. Foram selecionadas as ementas das disciplinas que continham conteúdo relativo à TA, as quais foram analisadas sob abordagem descritiva simples, e compreendeu a eleição das categorias temáticas: quantidade, carga horária e carga horária total de disciplinas que abordam TA, carga horária total e conteúdo abordado em cada curso estudado.

RESULTADOS

A tabela 1 evidencia os resultados encontrados referentes à quantidade de disciplinas (específicas e não específicas) com conteúdo de TA, e suas respectivas cargas horárias.

Tabela 1- Instituições, disciplinas específicas, disciplinas não específicas, carga horária e carga horária total do curso.

Instituições	Disciplinas específicas	Carga horária	Disciplinas não específicas	Carga horária	Carga horária total do curso
A	1	68	0	0	3522
B	3	140	2	120	4000

Na tabela 2 constam os resultados relativos ao conteúdo abordado nas disciplinas de cada curso estudado.

Tabela 2- Instituições e conteúdo abordado em disciplinas específicas e não específicas de cada curso.

Instituições	Conteúdo de disciplinas específicas	Conteúdo de disciplinas não específicas
A	Barreiras arquitetônicas, acessibilidade, confecção e orientação para o uso de recursos de TA	-
B	Acessibilidade, indicação e confecção de órteses, próteses, confecção de recursos de TA	Adaptações para atividades de vida diária e de vida prática

DISCUSSÃO

Considerando os resultados, pode-se inferir que os alunos da Instituição B sejam munidos de conhecimento mais abrangente para atuar com a TA comparativamente aos alunos da Instituição A, isso é evidenciado pela existência de três disciplinas específicas que abordam conteúdos relativos à temática investigada, bem como pela carga horária total das mesmas, a qual corresponde a 105,8% a mais que na Instituição A. Além disso, na Instituição B há duas disciplinas não específicas que também abordam conteúdos relativos à TA, utilizando o termo “adaptações para atividades de vida diária e de vida prática” cujo o conteúdo é pulverizado em disciplinas aplicadas como Terapia Ocupacional em Saúde Física-Neurologia e Saúde Física-Ortopedia.

Sabe-se que a TA representa uma das condições para a participação e inclusão social de pessoas com as mais variadas deficiências, sendo prevista em Leis que regulamentam a atenção à essas pessoas (BRASIL, 2004; BRASIL, 2015). Nesse sentido, enfatiza-se que cabe ao Poder

Público viabilizar diretrizes que promovam a inclusão de conteúdos referentes à TA desde o ensino médio até a formação pós-graduada (BRASIL, 2004).

CONCLUSÃO

Embora sejam dados parciais de um estudo em desenvolvimento, destaca-se a necessidade de investimentos na análise da formação graduada com relação a temática investigada, além da importância da proporcionalidade nos cursos de Terapia Ocupacional tanto em conteúdo abordado quanto na carga horária oferecida nas disciplinas relativas à TA, para que não haja discrepância na formação desses profissionais e os mesmos tenham conhecimento para atuar na área.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. C. J.; EMMEL, M. L. G.; MATSUKURA, T. S. Formação e prática do terapeuta ocupacional que utiliza tecnologia assistiva como recurso terapêutico. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 23, n. 1, p. 24-33, jan./abr. 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES 6, de 19 de fevereiro de 2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. **Decreto Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, 2004. Disponível em :< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm>. Acesso em 18 jun. 2019.

BRASIL. **Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em 24 jun. 2019.

Educação em Saúde em grupo de sala de espera: relato de experiência

Lais Soares

Charleny Santana

Thalita Caroline

Wanessa Santos

Alessandra Ventura

Gabriela Maria

Este trabalho relata a experiência de um grupo de alunas do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco em disciplina prática, onde viram a necessidade de executarem um grupo com mães e cuidadores de crianças, após ser percebido o tempo em que ficavam ociosos enquanto esperavam o atendimento das crianças. As práticas realizadas foram com grupos em sala de espera voltados para uma abordagem de educação em saúde, sendo esse o objetivo do trabalho. O grupo consistiu em levar informações e dicas na tentativa de melhorar o olhar e a prática do público em relação ao autocuidado e sobre como levar uma vida mais saudável considerando a alimentação das crianças e dos próprios cuidadores. Pode-se perceber a evolução do grupo participando ativamente, engajando-se nos assuntos e fazendo partilhas. Os objetivos das práticas terapêuticas ocupacionais foram alcançados com o grupo, sendo eles: a facilitação dos cotidianos, o aumento da interação social e da comunicação, além da conscientização e educação para o autocuidado.

Palavras-chave: Educação em saúde; Terapia Ocupacional; Promoção de saúde; Cuidadores.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um estudo sobre a prática de alunas do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco, na disciplina de Saúde Mental 1. Além de vivenciarem a experiência de atender crianças em sofrimento psíquico e com alteração no desenvolvimento cognitivo, observaram a necessidade de planejar e executar um grupo com mães e cuidadores das crianças, pois foi percebido que grande parte delas ficava ociosa durante a maior parte do tempo de espera, e um maior quantitativo esperava durante praticamente um turno do dia, além disso, são mães que ofertam um cuidado integral à seus filhos, negligenciando muitas vezes o autocuidado.

Nas práticas em saúde é importante o exercício e construção de procedimentos que além da patologia, abarquem as necessidades mais gerais e que se mostram básicas em um determinado território e para uma determinada população. Ações que previnam e promovam a saúde são abordagens que se encarregam de levar conhecimento às pessoas, provocando discussões e reflexões sobre saúde e aumento a qualidade de vida, favorecendo participação mais ativa do público, visando a educação em saúde, para efetivar o cuidado e aproximar esse público dos serviços de saúde e dos profissionais (REIS; BRITO; SANTOS; OLIVEIRA, 2014).

É importante que uma equipe multiprofissional de saúde ofereça suporte emocional às famílias que precisam das orientações. Por meio disso, torna-se possível esclarecer as dúvidas das mães e cuidadores, demonstrando o cuidado através de dicas, informações e materiais necessários para intervenção, por representarem uma classe que possui um conhecimento mais específico e científico em saúde. Promovendo também a continuidade das ações demonstradas pelos cuidadores (CERQUEIRA et al., 2016).

Os objetivos da Terapia Ocupacional na intervenção com grupos de cuidadores é que o fazer tenha efeito terapêutico, além disso, possibilita que os participantes do grupo tenham novas experiências, almejando a interação social, comunicação, expressão de sentimentos e compartilhamentos. Os grupos de terapia ocupacional também podem ser realizados voltados para mobilização, educação, estimulação, conscientização e treinamento para vários momentos dos cotidianos. Diante disso, se apresentam várias formas de abordagens, levando em consideração o objetivo de cada grupo (ARAUJO; KEBBE, 2014).

OBJETIVO

O objetivo do trabalho é relatar a experiência de alunas de terapia ocupacional na realização de grupo de sala de espera com mães e cuidadores, voltados para educação em saúde.

METODOLOGIA

O relato foi baseado na experiência de alunas de terapia ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco na prática com grupos em sala de espera voltados para uma abordagem de educação em saúde, que tiveram como público alvo mães e cuidadores de crianças em sofrimento psíquico e com alteração no desenvolvimento cognitivo.

Foram totalizados sete encontros, e em quatro desses foram realizados grupos de sala de espera onde os assuntos foram abordados enquanto os pacientes e os cuidadores aguardavam os atendimentos. Esse grupo consistiu em levar informações e dicas na tentativa de melhorar o olhar e a prática do público em relação ao autocuidado e sobre como levar uma vida mais saudável considerando a alimentação das crianças e dos próprios cuidadores. Sendo assim, a finalidade do grupo foi a educação em saúde, que visa a promoção e prevenção da saúde, para construção e manutenção de uma melhor qualidade de vida (REIS; BRITO; SANTOS; OLIVEIRA, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O perfil predominante dos cuidadores são mães que cuidam de seus filhos em tempo integral, não exercem trabalho remunerado e conseqüentemente não têm renda individual e levam seus filhos para terapias mais de uma vez na semana. Isso pode gerar um estresse parental que além de comprometer a saúde mental e física do cuidador, comprometem bem-estar físico, emocional e social, pois estão envolvidos com a satisfação, demanda e sobrecarga do cuidado (ROCHA; SOUZA, 2018).

Pensando nesse contexto, foi realizado um primeiro encontro com as cuidadoras, a fim de saber qual seria a proposta de grupo que elas achavam necessário e exequível para a maioria delas. Através dos relatos foi levada a necessidade da condução de um grupo voltado para a geração de renda, já que a maioria delas não possui renda própria por serem cuidadoras em tempo integral (ROCHA; SOUZA, 2018). Durante duas semanas foram levadas oficinas voltadas para a geração de renda, mas não houve muita participação das mães.

A partir desses resultados, as alunas junto às terapeutas ocupacionais viram a necessidade da mudança do tipo de grupo e da finalidade dele. Partindo então para a condução de um grupo de sala de espera, orientando-se para abordagens de educação em saúde, o qual foi bem aceito pelo público alvo, participaram ativamente dos grupos, em média, cinco mães.

Foram realizados um encontro semanal, em sala de espera, durante quatro semanas, e as atividades propostas tiveram como objetivo estimular a autocuidado, potencializar relações entre cuidadores e crianças. Os temas abordados passaram pela alimentação saudável e cuidados com o corpo. Os recursos utilizados foram: receitas de suco e brigadeiro saudáveis, espetinhos de frutas e esfoliante natural para as mãos. Tendo em vista, a terapia ocupacional como profissão da área da saúde, o objetivo maior desta intervenção foi a promoção da saúde.

Nos encontros foi discutido como a alimentação, seu preparo, escolhas dos ingredientes, poderá promover maior interação do cuidador com a criança, como alimentos naturais podem potencializar o sistema imunológico, regularizar o sistema digestório de ambos, promover aprendizado, estimulação de diversos sistemas sensoriais e cuidados com o corpo, como potencializador da autoestima.

Os grupos mostraram possibilidades das mães criarem hábitos mais saudáveis, reforçando que o exemplo delas e dos cuidadores em geral, pode possibilitar a mudança de comportamento de seus filhos diante de tudo que é oferecido para a criança (MESQUITA et al., 2016) e além disso, a forma com que esse tipo de alimento é ofertado à criança pode interferir totalmente na aceitação ou não desses alimentos.

Ao iniciar os grupos foram feitas as apresentações das propostas e logo em seguida era explanado o sequenciamento da proposta, os materiais que foram utilizados, os benefícios e possíveis malefícios com o uso ou ingestão que não fosse da maneira correta, entre outros. Após as apresentações abria-se um espaço para diálogos e debates sobre como foi a experiência para cada participante e quais as dúvidas ou acréscimos gostariam de fazer.

Pode-se perceber após os encontros a evolução do grupo, que posteriormente à mudança da proposta para um grupo de sala de espera com abordagem de educação em saúde a grande maioria participou ativamente, engajando-se nos assuntos, fazendo partilhas e dando também dicas para os temas das semanas seguintes. Desse modo, a intervenção das alunas com o grupo de sala de espera foi facilitado, desde o processo de se pensar nos temas que poderiam ser abordados à interação verbal com o grupo.

Os objetivos dessa intervenção com o grupo foi alcançado, quando houve facilitação dos cotidianos, o aumento da interação social e da comunicação, além da conscientização e educação; onde as alunas puderam atuar para além da terapia ocupacional, mas sim como profissionais de saúde que busque promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas.

CONCLUSÃO

A partir do contato com as mães e cuidadores, e através da prática com o grupo de sala de espera, as acadêmicas puderam aprender e entender melhor que as práticas terapêuticas ocupacionais vão além da clínica, as práticas têm também como função facilitar os cotidianos e restaurar coisas que foram perdidas ou desgastadas após tornarem-se cuidadores, como o autocuidado e a interação social. Além disso, pode ser evidenciada a superação das alunas também como um grupo, que após tentativas frustradas de conseguir a interação com o público

alvo, acertaram na maneira de chamar a atenção das pessoas e alcançar os objetivos para com o grupo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, A. S.; KEBBE, L. M. Estudo sobre grupos de terapia ocupacional para cuidadores de familiares de pacientes com esquizofrenia. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 97-108, 2014.

CERQUEIRA, M. M. F; ALVES, R. O; AGUIAR, M. G. G. Experiências vividas por mães de crianças com deficiência intelectual nos itinerários terapêuticos. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 10, p. 3223-3232, 2016.

MESQUITA, M. L. G; SURIANO, R; CARREIRO, L. R. R; TEIXEIRA, M. C. T. V. Treino parental para manejo comportamental de crianças com síndrome de Prader-Willi: impacto sobre a saúde mental e práticas educativas do cuidador. **Rev. CEFAC**, Set-Out2016,v.18, n.5, p. 1077-1087.

REIS, F. V; BRITO, J. R; SANTOS, J. N; OLIVEIRA, M. G. de. Educação em saúde na sala de espera – relato de experiência. **Rev. Med. Minas Gerais**, 2014; v. 24 (Supl 1): S32-S36.

ROCHA, D.S.P. & SOUZA, P.B.M. Levantamento sistemático dos focos de estresse parental. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.24, n.3, p.455-464, Jul-Set 2018.

Contribuição da monitoria no componente curricular de prática de ensino na comunidade na formação do terapeuta ocupacional: relato de experiência

Manoel Gomes de Oliveira Júnior

Marilya Santos Costa

Lavínia Teixeira de Aguiar Machado Lacerda

Relato de experiência do exercício de monitoria no módulo de Prática de Ensino na Comunidade, vinculada ao Departamento de Educação em Saúde da Universidade Federal de Sergipe, Campus Lagarto, e sua contribuição para a formação do profissional de Terapia Ocupacional, através da Metodologia da Problematização e dentro realidade do Sistema Único de Saúde.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Aprendizagem Baseada em Problemas. Atenção Primária à Saúde.

INTRODUÇÃO

O componente curricular de Prática de Ensino na Comunidade (PEC) é um módulo do primeiro ciclo de oito cursos da área da saúde do Campus Lagarto ofertado pelo Departamento de Educação em Saúde da Universidade Federal de Sergipe (UFS), objetivando possibilitar aos discentes conhecer um território de uma comunidade e compreender a importância dos Determinantes Sociais de Saúde (DSS) no âmbito da Atenção Primária à Saúde (APS), fundamentando-se na proposta político-pedagógica da Metodologia da Problematização, e possui carga horária de 120 horas (como consta no plano de ensino do componente curricular de PEC). Segundo o Portal UFS (2019), o exercício de monitoria se configura como uma atividade didático-pedagógica vinculada aos cursos de graduação, que visa contribuir para o aperfeiçoamento do processo de formação discente e a melhoria da qualidade de ensino, criando condições para o aluno exercitar os conhecimentos adquiridos, estimulando o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao trabalho docente e complementando a formação acadêmica através da experiência vivenciada. Dessa forma, essa experiência fomentou uma profunda reflexão sobre a situação, problemas e participação dos usuários dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), no que concerne à formulação de políticas públicas e processos de

decisão, no qual a possibilidade do exercício da cidadania é o eixo central no processo de saúde e emancipação social (BYDLOWSKI, 2007).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência do exercício de monitoria que teve como cenário de práticas a Unidade Básica de Saúde (UBS) Josefa Barbosa dos Reis Romão e seus territórios de abrangência, na cidade de Lagarto, interior sergipano, durante o período letivo de 2018.1 e 2018.2, em uma turma com diferentes cursos da área da saúde e suas repercussões na formação técnico-político-pedagógica de um estudante de Terapia Ocupacional.

RESULTADOS

Observou-se que o contato com a comunidade elucidou a necessidade de se construir estratégias que falem do território como expressão de vida social, como aponta Oliver et al. (2000), sendo necessário conhecer os modos de sobrevivência, de relacionamento e de trabalho, buscando intervir na realidade apresentada nos níveis individuais e coletivos, onde a UBS se apresentou como um potente espaço de circulação social. Dessa forma, a turma realizou visitas às casas dos moradores de uma micro área juntamente com a Agente Comunitária de Saúde (ACS) responsável, buscando compreender as necessidades de saúde daquela população; neste ínterim, foi observada duas questões principais: a necessidade de aproximar a comunidade ao serviço e um número elevado de usuários que necessitavam de atendimento especializado em saúde mental. Dessa forma, foi desenvolvida pelos discentes uma intervenção final de educação em saúde abordando a depressão, buscando promover o senso de dignidade e responsabilidade individual além de fomentar a solidariedade e responsabilidade comunitária (LEVY et al. 1997). Nesta ação, além da exposição dos sintomas, prevenção e repercussões na qualidade de vida causadas pela condição de saúde, foram realizadas dinâmicas de sensibilização e interação social e apresentada a Rede de Atenção Psicossocial do município.

DISCUSSÃO

A gênese da Metodologia da Problematização surge dentro de uma concepção de educação libertadora, em uma visão de prática social, e não individual ou individualizante.

Direcionada para a transformação social, seu pressuposto está alicerçado na ideia de que os sujeitos precisam instruir-se e conscientizar-se de seus papéis, deveres e direitos enquanto cidadãos, e, dessa forma, ultrapassar a forma já existente de se tratar as questões do conhecimento e da vida em sociedade, através de uma nova atuação, baseada na reflexão metódica e informada cientificamente (BERBEL, 1995). Para Paulo Freire (1996), a pedagogia, realmente libertadora, não deve ficar distante dos oprimidos, e, dessa forma, o cenário de práticas da subunidade vivenciado pelos discentes permitiu uma aproximação com a realidade da população atendida pela Equipe de Saúde da Família (eSF) da unidade, relevando todas as barreiras e fragilidades locais, em uma constante atitude crítica e política voltada para transformações coletivas e individuais. Na eSF, a família é entendida como objeto de atenção a partir do ambiente em que vive, e dessa forma, ampliando a compreensão do processo saúde/doença, instigando a necessidade de intervenções com maior impacto e significação social que rompam com os muros das unidades de saúde, sendo reconhecida como uma prática que requer alta complexidade tecnológica nos campos do conhecimento e do desenvolvimento de habilidades e mudanças de atitudes (BRASIL, 1997). Dessa forma, visando ampliar a abrangência, resolutividade, territorialização e regionalização das ações da APS no Brasil, o Ministério da Saúde criou em 2008 os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (Nasf), constituído por uma equipe de profissionais de diferentes áreas do conhecimento que atuam em conjunto com os profissionais das eSF, atuando nas diretrizes de ação interdisciplinar e intersetorial, educação permanente em saúde dos profissionais e população, desenvolvimento da noção do território, integralidade, participação popular, educação popular, promoção da saúde e humanização, através de ferramentas de trabalho como o Apoio Matricial, Clínica Ampliada, Projeto Terapêutico Singular (PTS), Projeto de Saúde no Território (PST) e Pactuação de Apoio (BRASIL, 2009). É nesse escopo que o terapeuta ocupacional está inserido, buscando priorizar a qualidade de vida e participação pessoal, familiar, cotidiana, profissional, social e de cidadania plena, e, para tal, faz-se necessário o acionamento de inter-relações com outros profissionais de saúde e de outras áreas em uma perspectiva de trabalho multiprofissional, integrando os esforços em uma mesma direção, articulando ações intersetoriais pautadas pelas demandas existentes no território, contribuindo para a participação de todos os usuários, do ponto de vista individual, familiar e coletivo, entre outras atribuições (ROCHA; PAIVA; DOS HUMILDES OLIVEIRA, 2012). Dessa forma, a experiência de monitorar esse módulo enquanto acadêmico do curso de Terapia Ocupacional favoreceu o aprimoramento técnico e científico para a atuação e defesa dos princípios do SUS e salientou a importância da profissão na APS, contribuindo com um olhar diferenciado para o cotidiano dos usuários e as

potencialidades e dificuldades do território, na busca de alternativas para a construção de novas histórias de vida e possibilidades de inclusão social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O módulo de PEC é uma potente ferramenta de transformação social da UFS, no qual a Metodologia da Problematização favorece a autonomia e pensamento crítico dos discentes. Monitorar essa subunidade e participar do desenvolvimento das intervenções favoreceu aprimoramento teórico e prático de atuação na APS e exercício da docência, ampliando o contato com os usuários em sua realidade concreta, fato que favoreceu o trabalho multiprofissional entre estudantes dos oito diferentes cursos da área da saúde ofertados pela instituição, além de evidenciar a necessidade da presença do profissional de Terapia Ocupacional nesse nível de assistência.

REFERÊNCIAS

- BERBEL, N. A. N. Metodologia da problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o ensino superior. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 16, n. 3, p. 09-19, 1995.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde da Família: uma estratégia para a reorientação do modelo assistencial**. Brasília, DF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diretrizes do NASF – Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. (Série B. Textos Básicos de Saúde / Cadernos de Atenção Básica; n. 27).
- BYDLOWSKI, C. R. Saúde e cidadania. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 3, n. 31, p.419-425, 31 jun. 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LEVY, S. N. et al. Educação em saúde: histórico, conceitos e propostas. In: **Educação em Saúde: histórico, conceitos e propostas**. 1997.
- OLIVER, F. C. et al. Reabilitação baseada na comunidade: produzindo ações no contexto sociocultural. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, v. 2, n. 1, p. 79-84, 2000.
- PORTAL UFS. **Monitoria e Apoio Pedagógico**. Disponível em: <<http://prograd.ufs.br/pagina/2891-monitoria>> Acesso em 16 jun. 2019.
- ROCHA, E. F.; PAIVA, L. F. A.; DOS HUMILDES OLIVEIRA, R. Terapia ocupacional na Atenção Primária à Saúde: atribuições, ações e tecnologias/Occupational Therapy in Primary

Health Care: responsibilities, actions, and technologies. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 20, n. 3, 2012.

A importância de atividades para a qualidade de vida no processo do envelhecimento demencial realizadas por acadêmicas de Terapia ocupacional em uma instituição de longa permanência para idosos (ILPI)

Alícia Santos

Dione Silva

Paula Ferreira

Rhanytelma Oliveira

Luana Holanda

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, um dos grandes desafios que a sociedade brasileira enfrentará é o expressivo aumento da população idosa. Esta é uma conquista da humanidade, sem dúvidas, mas é uma situação extremamente preocupante, uma vez que paralelo a isso ocorre o aumento da incidência de doenças crônicas e incapacitantes que acometem essa população vulnerável. Nesse cenário, as instituições de longa permanência para idosos, podem ser consideradas como locais para residência coletiva nas quais pessoas com idade avançada buscam a proteção e o amparo, por diversos fatores. O objetivo desse trabalho está intrinsecamente ligado a descrever, a partir de aulas práticas de ensino, as atividades das discentes de Terapia Ocupacional com um grupo de idosos com demência, institucionalizadas em uma instituição de longa permanência para idosos localizada em um município de Alagoas, no período de novembro a dezembro de 2018. Reconhece-se que o olhar humanizado e o cuidado na preparação das atividades promoveu o bem-estar no ambiente vivenciado, isto é, contribuiu para a comunicação e socialização dessas pessoas que vivenciam o processo do envelhecer demencial em uma instituição, assim como se identifica a importância de aulas práticas de ensino em anos iniciais da formação acadêmica.

Palavras-chave: Envelhecimento; Instituição de longa permanência para idosos; Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios que a sociedade brasileira enfrentará é o expressivo aumento da população idosa. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE

(2018) o número de idosos vai ultrapassar o de jovens em 2031, quando haverá 42,3 milhões de jovens (0-14 anos) e 43,3 milhões de idosos (60 anos ou mais).

Esta é uma conquista da humanidade, sem dúvidas, mas é uma situação extremamente preocupante porque na mesma proporção, ocorre um aumento significativo da incidência de doenças crônicas e incapacitantes, e isso exige cuidados constantes, e que pioram com o tempo e não têm cura (FEITOR et al., 2017).

Este é o caso das demências. Atualmente estima-se haver cerca de 46,8 milhões de pessoas com demência no mundo. Este número praticamente irá dobrar a cada 20 anos, chegando a 74,7 milhões em 2030 e a 131,5 milhões em 2050, segundo dados fornecidos pelo relatório de 2015 da Associação Internacional de Alzheimer (ADI).

Portanto, é necessário saber distinguir entre as mudanças correspondentes aos efeitos naturais do processo de envelhecimento, que ocorrem no organismo pela passagem dos anos, que é denominado de senescência, e as alterações produzidas pelas diversas doenças que podem acometer o idoso, processo definido como senilidade. Assim, senescência é o processo de alterações orgânicas, morfológicas e funcionais, que ocorrem em consequência do processo de envelhecimento; e senilidade, as modificações determinadas pelas afecções que, frequentemente, acometem os indivíduos idosos (PAULA; FERNANDES; SOUZA, 2014).

As instituições de longa permanência para idosos (ILPI) podem ser considerados como locais para residência coletiva nas quais pessoas com idade avançada buscam a proteção e o amparo. Diversos motivos levam a institucionalização, tais como: as dificuldades das famílias em acolhê-los por falta de espaço, abandono da família, dificuldades de encontrar um cuidador, falta de recurso financeiro, viuvez e também opção do próprio idoso por se achar que é um incômodo para a família (BERNADO, et. Al., 2018).

A institucionalização faz com que haja uma perda significativa para os idosos, pois há ruptura familiar, do ambiente em que estão acostumadas a viver, as rotinas são diferentes que a de costume. Há uma grande limitação para aqueles idosos que desejam realizar algumas atividades do cotidiano (JESUS, et, al .,2018).

À vista do exposto, este trabalho apresenta uma viabilidade, pois fornece aspectos positivos tanto para a formação acadêmica, quanto na promoção do cuidado ofertado aos usuários envolvidos. Visto que a formação desenvolvida pelo curso de bacharelado em Terapia Ocupacional pela universidade pública do Estado de Alagoas, permite ao acadêmico, a partir do primeiro ano de curso, ter atividades práticas. E Segundo Almeida (2010), as disciplinas práticas evitam que a formação seja “vazia e sem significado”, pois a estrita formação teórica pode incorrer no ensino de teorias como “verdades absolutas”, sem que o aluno possa relativizá-

las e compreender suas limitações. Estas limitações são confrontadas, de forma privilegiada, na atividade prática. A integração entre atividades práticas e assistenciais como estágios em instituições, visitas, entrevistas e aulas de laboratório, e disciplinas teóricas configura-se como uma estratégia cujo propósito é a formação de profissionais mais comprometidos e sensibilizados com a realidade social e com um melhor entendimento do indivíduo idoso. Diante disso, o objetivo desse trabalho está intrinsecamente ligado a descrever as atividades das discentes de Terapia Ocupacional com um grupo de idosas com demência, analisar, e conhecer os idosos, e assim promover socialização.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, que se constitui como um tipo de estudo descritivo buscando apresentar uma reflexão acerca de uma ação vivenciada, sendo de fundamental importância para o meio acadêmico. O qual foi vivenciado por acadêmicas do curso de Terapia Ocupacional em anos iniciais da formação acadêmica como um cenário de práticas pertencente a um módulo do referido curso de uma universidade pública. As vivências foram realizadas em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), situada em um município pertencente ao estado de Alagoas, no período de novembro e dezembro de 2018.

Nos encontros, as acadêmicas realizaram atividades com objetivos de conhecer os idosos institucionalizados, quanto como todos os servidores deste ILPI a fim de, criar vínculos, identificar as demandas, resgate de histórias de vida, e promover socialização, e assim identificar os aspectos pertinentes da identidade de cada idoso.

O planejamento do segundo encontro partiu da perspectiva da primeira observação, sendo possível detectar aspectos que interferem no processo de saúde integral do sujeito, como: a baixa autoestima e fragilidade cognitiva e emocional. Em decorrência disso foram elaboradas atividades para as próximas práticas que promovessem melhoras nesses quesitos observados inicialmente, como: de autocuidado, recurso de associação de imagens, desenhos que fazem parte do cotidiano dos envolvidos, como também recursos de correspondência e relação dos objetos (cores, formas, texturas e sabores).

RESULTADOS

À vista do exposto, reconhece que o olhar humanizado e o cuidado na preparação das atividades elaboradas pelo grupo promoveram o bem-estar no ambiente vivenciado, isto é,

contribuíram para a comunicação e socialização dessas pessoas que vivenciam o processo demencial.

A primeira atividade proposta foi um recurso de associação de imagens, com desenhos contendo as cores primárias em forma geométrica com expressões de sentimentos, tais como felicidade, tristeza, raiva, estresse e amor, no qual seu objetivo foi que os idosos indicassem com a mão qual o sentimento estavam sentindo naquele dia. Logo, foi notório que a fragilidade emocional e a dificuldade para expressar suas emoções se interligam ocasionando a baixa autoestima.

O cuidado à pessoa idosa com demência ocorre em demandas maiores no qual são difíceis de manejar, devido às alterações nos aspectos físicos e psicológicos. Dessa forma, foi preparada a atividade de autocuidado que corresponde à textura, formas, sabores e memória. Logo a atividade foi realizada com desfecho favorável, visto que os recursos facilitaram na estimulação das funções da memória, utilizadas no cotidiano dos idosos na instituição. Esse recurso permitiu um novo olhar para o grupo de discentes da Terapia Ocupacional na preparação das atividades para os idosos com demência em uma ILPI. Portanto associar objetos, do seu cotidiano favorece o desempenho da estimulação cognitiva.

DISCUSSÃO

Segundo Feitor (2017), e Bernardo (2018), a diminuição da capacidade funcional é decorrente de diversos fatores, tais como demográficos, socioeconômicos, culturais além de alterações fisiológicas, que podem resultar em perda da independência do idoso. Sabe-se que a prevalência das demências é maior em mulheres, que pode ter relação direta com a maior expectativa de vida desse gênero. No entanto, o fato do idoso ser institucionalizado pode ter contribuído para o aumento dos sintomas demenciais, uma vez que nesses espaços há uma redução significativa da funcionalidade e independência desses indivíduos, além de maior desorientação no tempo e espaço e, em alguns locais, há menor grau de estimulação cognitiva.

Assim sendo, já era previsto o comportamento de resistência, pois são usuários com o cognitivo afetado e demencial, o que dificulta mais ainda a aceitação e realização de atividades, além da dificuldade de adequação postural dos idosos, o que gerou mais um empecilho, e como acadêmicas do primeiro ano não tinham como interferir nesse quesito. Contudo, foi mantida a motivação para realizar as atividades com eles, e que a inserção do trabalho em equipe pôde enriquecer ainda mais a formação acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, os idosos com um quadro demencial, possuem fragilidade emocional em decorrência de estar inserido em uma ILPI longe do convívio familiar e por possuir poucos estímulos para o lazer e interação social. Visto que a atenção para esse indivíduo é voltado para o autocuidado e o seu cotidiano, foi de fundamental importância à relação das acadêmicas com os idosos, na primeira aula prática para criação de vínculos, pois assim pode-se conquistar a confiança e facilitar na realização das atividades.

Nesse sentido, essas aulas práticas do módulo colocaram o conteúdo teórico como experiência, no qual favoreceu o enriquecimento do aprendizado, além da aproximação do usuário, e o trabalho em grupo propiciou as acadêmicas o raciocínio crítico. E a importância de planejar atividades em grupo permite o conhecimento coletivo na construção de saberes e uma motivação para obter resultados com menos impactos negativos, contribuindo para a promoção da saúde e qualidade de vida dos idosos em uma instituição de longa permanência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. H. M.; BATISTA, M. P. P.; LUCOVES, K. C. R. G. Reflexões sobre a formação do terapeuta ocupacional para atuação com pessoas idosas em distintas modalidades de atenção: contribuições de egressos da USP-SP. **Rev. Ter. Ocup. Univ.** São Paulo, v. 21, n. 2, p. 130-138, maio/ago. 2010.
- BERNARDO, Dias Lilian et, al. Atenção ao idoso com demência: as ações dos terapeutas ocupacionais inseridos nas instituições de longa permanência de Curitiba-Paraná. **Revista chilena de terapia ocupacional**, Chile, v.18, n.2, p. 65-77, dez, 2018.
- FEITOR, Sousa Cleonice et, al. Qualidade de vida e capacidade funcional de idosos residentes de uma instituição de longa permanência. **Revista uniabeu**, Bahia, v.10, n.26, p.260-273, dez, 2017.
- JESUS, Machado Thaís Isabela et, al. Fragilidade e qualidade de vida de idosos em contexto de vulnerabilidade social. **Texto contexto enfermagem**, Florianópolis, v.27, n.4, p. 1-9, ago, 2018.
- PAULA, A. K. C., FERNANDES, F. B., SOUZA, I. F. Fatores associados às alterações do equilíbrio no idoso e a intervenção da terapia ocupacional. **Revista Científica da Escola de Saúde**, v. 3, n 2, p. 107-116, jun.2014.

Tópicos especiais em Terapia Ocupacional: aproximações e potencialidades

Juliana Paula Pego da Luz

Leticia Pinto Correia

Marta Regina Valadares

Manoel Gomes de Oliveira Junior

Millena de Assis Andrade

Raphaela Schiassi Hernandes

Relato de experiência das vivências experimentadas na disciplina optativa “Tópicos Especiais em Terapia Ocupacional”, ofertada pelo Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe, Campus Lagarto, durante o primeiro ciclo comum aos cursos de graduação em saúde, através da experimentação de diferentes discussões e dinâmicas mediadas pela docente responsável.

Palavras chave: Terapia Ocupacional; Educação Superior; Aprendizagem Baseada em Problemas.

INTRODUÇÃO

Este relato baseia-se na experiência de graduandos em Terapia Ocupacional sobre a importância da disciplina optativa “Tópicos Especiais em Terapia Ocupacional”, na formação profissional e aproximação ao curso. Esta disciplina é ministrada no primeiro ciclo (ano) de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Sergipe, Campus Lagarto, e conta com a carga horária de 60h. Enquadrando essas experiências vivenciadas pelo graduandos durante o processo de formação como potentes espaços de transformação, descobrindo significados e possibilidades de significados ao que não era predeterminado, essa optativa favoreceu questões pertinentes dentro do processo de formação terapêutica, como por exemplo perceber-se e perceber o outro e lidar com as diferenças (MARCOLINO, 2001).

A partir da participação nessa disciplina optativa, os graduandos evidenciaram a importância do contato inicial dos discentes de Terapia Ocupacional com seu curso, visto que, no primeiro ano de formação, os discentes não estão em contato com a sua área específica de atuação, pois têm em seu primeiro ano de graduação um ciclo comum aos oito cursos da área

da saúde ofertados pela Instituição, sendo esses Terapia Ocupacional, Medicina, Odontologia, Enfermagem, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Nutrição e Farmácia.

O ciclo comum se apresenta aos alunos como um período onde todos, independente do curso, têm aulas de maneira integrada: o aluno recebe em seu horário individual as turmas que variam entre oito e doze discentes, dentre estes, todos são dos diferentes cursos ofertados pela Universidade. O ciclo tem duração de 12 meses e nele são estudadas matérias consideradas básicas para a educação em saúde, todavia, ainda não têm contato de fato com assuntos específicos do seu curso.

De acordo com a sua ementa, a disciplina optativa visa fazer uma introdução ao estudo da Terapia Ocupacional, trazendo elementos importantes como definições, a evolução histórica e fundamentos da profissão, seus modelos de ação, formação profissional, áreas de atuação, apresentação do corpo docente com suas linhas de pesquisa, entre outros temas importantes, introduzindo um conhecimento básico geral sobre a profissão que os mesmos irão seguir, além de um acolhimento subjetivo do departamento ao discentes. Também busca o redimensionamento das atividades como instrumento básico na experiência da Terapia Ocupacional, parte integrante da tríade e direcionamento do profissional na adaptação, ensino e construção de novos caminhos (ISIDORO, 2000).

METODOLOGIA

O trabalho em questão caracteriza-se como um relato de experiência, que se baseia na vivência de discentes de Terapia Ocupacional, por meio da participação na disciplina optativa “Tópicos especiais em Terapia Ocupacional”, que influenciou e contribuiu de forma substancial na formação profissional das mesmas. Assim, trata-se de uma abordagem descritiva, objetivando registrar as experiências e vivências de quatro discentes do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Professor Antônio Garcia Filho (Lagarto).

Ao que se refere a um relato de experiência, o mesmo tem como vertente principal fazer a descrição de uma determinada experiência que foi vivenciada, abordando e apresentando de forma sucinta uma reflexão das vivências consideradas importantes e relevantes para o desenvolvimento acadêmico e profissional. Seleciona seguir esse caminho metodológico, por ser uma forma de trabalho onde pode-se descrever sobre uma experiência tida logo no início da formação, que observa como sendo de suma importância para a formação do discentes dentro

da Metodologia utilizada no Campus em que se encontram, na qual o discente não teria no primeiro ciclo contato com a Terapia Ocupacional.

RESULTADOS

A disciplina optativa é ministrada no segundo semestre do ciclo comum por uma docente terapeuta ocupacional, tem carga horária de 60 horas, com uma aula semanal com duração de cerca de 4 horas. A metodologia para ensino utilizada na disciplina gira em torno de palestras, vivências, dinâmicas, filmes, visitas e discussões de textos, com materiais didáticos que variam desde data show, som, quadro branco, até pinceis, tintas, argilas e telas. Como aponta Akashi et al (2010), a experimentação de materiais e diferentes técnicas possibilita o desenvolvimento da linguagem artística dos alunos, através da sensibilização, observação e vivência do processo dinâmico das atividades, o que proporciona o autoconhecimento e conhecimento do outro. A vivência em questão, ocorreu em um período correspondente a cinco meses, entre dezembro de 2017 e maio de 2018.

DISCUSSÃO

Foi possível notar que, mesmo tendo um período de duração relativamente curto, os alunos evidenciam que esse primeiro contato com a Terapia Ocupacional no início da graduação com a disciplina optativa, favorece para a transição de ciclo, visto que, como afirmado nas seções anteriores, a Universidade em questão tem em seu primeiro ano, um ensino básico sobre saúde, com as turmas integradas por meio da mesclagem dos discentes dos oito cursos. Além disso, por meio das dinâmicas se evidenciou o uso da atividade como uma possibilidade que auxilia na organização dos sentimentos e pensamentos (AKASHI, 2010), favorecendo as interações sociais dos presentes e fomentando a reflexão das potencialidades das atividades em grupo.

Ademais, a metodologia utilizada pela Instituição é a Aprendizagem Baseada em Problemas, esta permite ao graduando a aptidão para construir o seu próprio conhecimento e trabalhar em grupo de modo articulado e fecundo, abrindo mão da noção de terminalidade da formação (MITRE et al, 2008), e dessa forma, os discentes reconheceram que as aulas da optativa proporcionam adquirir esse conhecimento para os próximos anos, assim como uma

compreensão de assuntos que estão relacionados com a Terapia Ocupacional, o que favoreceu a menor evasão dos discentes do curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que a disciplina ajuda na compreensão de assuntos que serão importantes durante a graduação, além de apresentar para os discentes alguns caminhos que a profissão pode disponibilizar com seu objeto, as atividades, e a partir deles então, favorecer a descoberta dos estudantes de preferências por determinadas áreas e assim começar a trilhar a sua trajetória profissional.

REFERÊNCIAS

- AKASHI, L. T. Construindo-se como terapeuta ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 8, n. 1, 2010.
- AKASHI, L. T. et al. Dialogando sobre o processo de ensino e aprendizagem de atividades e recursos terapêuticos. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 10, n. 2, 2010.
- ISIDORO, A. L. C. Redimensionando atividades. **Revista Centro de Especialidades em Terapia Ocupacional**, p. 16-21, 2000.
- MARCOLINO, T. Q. Convite para pintar: reflexões sobre o período de estágio. **Cad Ter Ocup**, v. 9, n. 1, p. 50-6, 2001.
- MITRE, S. M. et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & saúde coletiva**, v. 13, p. 2133-2144, 2008.

O processo de criação de um aplicativo móvel de mapeamento da acessibilidade de motéis localizados na região metropolitana de Belém: um relato de experiência.

Gigryane Taiane Chagas Brito

Fernanda Oliveira de Abreu

Katia Maki Omura

As pessoas com deficiência sofrem diversos preconceitos e mitos em relação à sexualidade. Dentro da Terapia Ocupacional, a atividade sexual é considerada uma atividade de vida diária, sendo um elemento importante para a qualidade de vida do indivíduo. Assim, oportunizar o acesso às pessoas com deficiência a realizar esta atividade, torna-se fundamental para o exercício de seus direitos como cidadão. Assim, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência discente na elaboração de um aplicativo de acessibilidade à atividade sexual de pessoas com deficiência. Trata-se de um relato de experiência, que consiste na descrição detalhada de o processo de criação de um aplicativo móvel que mapeia a acessibilidade de motéis, pousadas e sex shops localizados na região metropolitana de Belém, destinado pessoas com deficiência. Durante o processo de criação do aplicativo ocorreram planejamento de planos de trabalhos, delegações de funções, visitação aos locais, formulação de questionários, organização dos dados e criação do dispositivo. Os dispositivos móveis têm facilitado a vida de muitas pessoas e empresas, dando a eles praticidade e agilidade, no entanto, sua construção perpassa por uma série de etapas, ora fáceis, ora difíceis que vão desde sua concepção até sua implementação. A partir da experiência obtida foi possível observar a importância das diversas áreas e suas interfaces na contribuição para o ganho e enriquecimento de conhecimento para o processo formativo discente e na compreensão da complexidade de se desenvolver um produto acessível às pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Acessibilidade, Atividade sexual, Dispositivos móveis.

INTRODUÇÃO

Dentro da Terapia Ocupacional, a sexualidade é vista como uma atividade de vida diária, ou seja, é onde há o envolvimento do indivíduo em atividades que podem proporcionar satisfação sexual (AOTA, 2015), logo é uma prática do cotidiano das pessoas e como tal, não pode ser desvalorizada. Nesse sentido, as pessoas com deficiência possuem esta atividade

reduzida, podendo ser pelo preconceito existente ou barreiras estruturais nos estabelecimentos, ou falta de parceiro ou, muitas vezes, escolha de ficar sozinho, mas sem excluir seus desejos de terem as mesmas oportunidades de acesso aos locais destinados pra tal (EISENBERG, ANDRESKI E MONA, 2015). Isso se deve ao fato de que há muitas barreiras tanto arquitetônica como atitudinal, implicando na qualidade de vida dessas pessoas e trazendo impactos para sua satisfação sexual, devido aos mitos estabelecidos sobre essa população. Assim, percebe-se que há uma caracterização de infantilidade sobre essas pessoas, de que elas não têm condições, habilidades e capacidade para praticar tal atividade.

Nesse sentido, para que esse público consiga ter acesso a vários locais e atividades, a criação de tecnologias móveis como aplicativos têm crescido nos últimos anos, corroborando com as diversas estratégias de acessibilidade e para melhora na qualidade de vida dessas pessoas, auxiliando-as a ter acesso aos estabelecimentos, às informações, aos diversos serviços e produtos voltados não só para a atividade sexual, mas para outros mercados. Pois, segundo Silva, Silva e Silva (2015), esses dispositivos tem promovido mudanças nas inter-relações pessoais e profissionais, nas comunicações, nas interações entre pares, na entrega de informações, dando facilidade, praticidade e comodidade às pessoas.

Nesse contexto, desenvolver um aplicativo tem seus desafios, sendo às vezes simples e outras vezes difíceis, visto que em um processo de autoria é necessário que haja um planejamento de todas as ações que serão desenvolvidas durante o processo de criação do mesmo e organização dos resultados para depois envolver uma equipe que irá trabalhar na produção do produto final, onde este irá fazer a sincronização de todos os dados e personalizações do aplicativo para torná-lo acessível a todas as pessoas, sendo todas essas etapas realizadas dentro do período de concepção e implementação do aplicativo (De SOUZA et al, 2015).

Portanto, tornar acessível os serviços e produtos relacionados a sexualidade para essa parcela da população é importante para que se promova o bem-estar psicológico e a qualidade de vida dessas pessoas, principalmente na satisfação sexual. Nesse sentido, é que foi desenvolvido o projeto de pesquisa e extensão Sexadapt que tem como objetivo criar um aplicativo móvel, voltado para o ramo do mercado sexual, tornando este acessível para as pessoas com deficiência.

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência ocorrida durante o processo de criação de um aplicativo móvel que mapeie a acessibilidade de motéis, pousadas e sex shops localizados na região metropolitana de Belém para torná-los acessíveis às pessoas com deficiência.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência, que consiste na descrição detalhada de uma dada vivência, sendo esta a forma mais adequada para descrever as experiências ocorridas durante processo de criação de um aplicativo móvel e as contribuições para a formação de discentes do curso de Terapia Ocupacional de uma Universidade Federal.

O presente relato é resultado de um projeto de pesquisa e extensão de uma Universidade Federal iniciado em maio de 2018 realizado na Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, envolvendo discentes do quinto semestre do curso. Durante o desenvolvimento do projeto, foram incluídos discentes de outras áreas como Física, Design industrial e Fisioterapia pra contribuir nos processos do desenvolvimento.

A estrutura do projeto consistiu inicialmente na divisão de 5 grupos, onde cada um ficou com uma patologia. Para tais, foram delegadas as funções de pesquisar sobre o tema, epidemiologia e a relação da sexualidade referente a estes e apresentar os achados nas reuniões. As reuniões ocorriam uma vez ao mês e posteriormente, passaram a ser quinzenais.

Durante as reuniões foram discutidos e estabelecidos critérios de inclusão e exclusão dos participantes do estudo; os instrumentos para a coleta de dados; configurações do aplicativo como o design, a organização de filtros (preço, endereço, número telefônico); as deficiências que seriam englobadas (física, motora e sensorial congênita ou adquirida); escolha da engine para o desenvolvimento do aplicativo; testes de usabilidade com os potenciais usuários e lançamento do protótipo.

RESULTADO

As atividades do projeto deram início no período de maio de 2018, consistindo em reuniões periódicas para planejamentos de planos de trabalhos, delegação de funções, estudos teóricos, de visitação aos locais, formulação de questionários e regulamentação do projeto. Mas foi no período de janeiro de 2019 que algumas ações começaram a ser executadas como divulgação do projeto nas redes sociais, visita aos estabelecimentos, construção dos questionários e coleta de dados para o desenvolvimento do aplicativo.

Nos desdobramentos do projeto, foram elaborados questionários de avaliação para aplicar aos estabelecimentos, às pessoas com deficiência e às pessoas sem deficiência, com o

propósito de coletar dados a respeito de acessibilidade em tais locais para dar-se início ao desenvolvimento do aplicativo.

Foram convidados estudantes da graduação de Física e Design industrial para o processo de construção do aplicativo, sites, suas personalizações e procedimentos burocráticos de disponibilidade do mesmo nas plataformas digitais.

Para aplicar a entrevista aos estabelecimentos foi acordado com a Junta Comercial do Estado do Pará (JUCEPA) de que este disponibilizasse a localidade, nome e número telefônico dos locais que prestassem tal serviço para que os voluntários do projeto pudessem entrar em contato. Já para realizar a entrevista aos usuários, foi afirmado uma parceria com associações, centros ou locais que prestassem serviços a pessoas com deficiência. A partir de então, os dados obtidos foram selecionados e organizados para serem postos nos aplicativos.

DISCUSSÃO

A tecnologia móvel é uma realidade que vem crescendo nas últimas décadas, junto ao avanço de smartphones e tablets e como tal, têm facilitado a comunicação, o entretenimento e as parcerias no ramo comercial e pessoal, levando de maneira mais ágil informações e interatividade aos seus usuários, podendo ser aplicado a diversos públicos como pelos profissionais da saúde, trazendo facilidade e acessibilidade na prestação de serviços e produtos (SOUZA et al, 2013).

A principal característica do aplicativo proposto pelo projeto é facilitar o acesso das pessoas com deficiência aos motéis, pousadas e sex shops, todavia o processo de criação ainda está em execução devido ainda estar em fase de coleta de dados e ainda estar sofrendo modificações em seu design para tornar o seu uso acessível aos seus potenciais usuários.

CONCLUSÃO

A experiência adquirida no processo de criação do aplicativo possibilitou que diversas interfaces envolvidas nas áreas de Física, Design, Fisioterapia e Terapia ocupacional pudessem estar unidas para um mesmo fim: a acessibilidade. Enquanto as duas últimas áreas pensam nas questões arquitetônicas, atitudinais e das deficiências, as outras duas pensam na construção de uma configuração de um aplicativo acessível para os usuários. Cada uma das áreas demonstrando suas análises críticas dos resultados obtidos nas pesquisas e se complementado no aspecto de sensibilidade em relação ao tema, trazendo novas perspectivas em acessibilidade, conhecimento das áreas envolvidas, promovendo interdisciplinaridade e fazendo todos se empenharem na promoção do bem-estar do público alvo.

Foi um processo muito importante, onde houve bastante discussões referentes aos meios de acesso para as pessoas com deficiência, a como chegar ao público, como deixar o aplicativo acessível a todos, como dispor o mesmo. Percebeu-se que foi uma experiência muito valiosa para todos, pois vários assuntos puderam ser abordados e novas ideias foram adicionadas durante esse período, deixando ainda mais rico o conhecimento tanto acadêmico, quanto profissional dos alunos envolvidos.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL (AOTA). Estrutura da prática da Terapia ocupacional: domínio & processo. 3ª ed. **Rev Ter Ocup São Paulo**. 2015.
- Da SILVA, P. F.; Da SILVA, T. P.; Da SILVA, G. N. StudyLab: Construção e Avaliação de um aplicativo para auxiliar o Ensino de Química por professores da Educação Básica. **Revista Tecnologias na Educação**, 2015.
- De SOUZA, R. C. et al. Processo de criação de um aplicativo móvel na área de odontologia para pacientes com necessidades especiais. **Revista da ABENO**, 2013.
- De SOUZA VIEIRA, A., GALABO R. J. F., PINTO, H. F., De ARAÚJO, F. A., & NETO, C. D. S. S. **Plataforma Online Orientada a Templates para a Criação de Aplicativos de Telejornalismo**. Livro de JAUTI, 2015.
- EISENBERG, NW; ANDRESKI, SR; MONA, LR. Sexuality and physical disability: A disability affirmative approach to assessment and intervention within health care. **Curr sex health rep**. 2015, 7, p. 19-29.

Relato de Experiência dos Estágios Supervisionados em Terapia Ocupacional de um Centro Universitário do interior de São Paulo

Camila Maria Severi Martins Monteverde

Ludmila Gonçalves Perruci

Roselilian da Cunha Pereira Alves Rodrigues

Aline Cirelli Coppede Ribeiro

O profissional em terapia ocupacional é capaz de exercer a atividade profissional pautada em uma concepção integral do ser humano, com conhecimento teórico e prático nas áreas biológicas da saúde, social e da ciência da terapia ocupacional. O objetivo deste estudo consiste em descrever as experiências dos discentes do curso de terapia ocupacional de um Centro Universitário no interior de São Paulo nas oito áreas de atuação dos estágios supervisionados. Estudo de caráter descritivo, no qual serão apresentadas as ações realizadas pelos estagiários de terapia ocupacional durante os anos de 2015 à 2019. Os alunos de terapia ocupacional do 7º e 8º semestre do curso realizam estágio supervisionado em oito áreas de atuação, a saber: no Centro de Atenção Psicossocial, Clínica Geriátrica Particular, Hospital, Unidade Básica de Saúde, Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, além de estagiarem em clínica própria do centro universitário, onde são realizados atendimentos das áreas de Ortopedia, Traumatologia e Reumatologia, Neurologia Adulto e Social. O estágio supervisionado do curso de terapia ocupacional de um centro universitário oportunizou aos estagiários atuarem em oito especialidades da terapia ocupacional, sendo em sua maioria alocadas no setor da saúde, mas tendo um estágio específico da área social. Estes dados demonstram os aprendizados vivenciados pelos estagiários de terapia ocupacional em oito áreas de atuação e a sua importância para o futuro profissional em sua prática.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, Prática Profissional, Estágios, Raciocínio Profissional.

INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional é uma profissão que intervêm na saúde, educação e na esfera social, reunindo tecnologias orientadas para emancipação e autonomia das pessoas que, por razões ligadas a problemática específica, físicas, sensoriais, mentais, psicológicas e/ou sociais, apresentam, temporariamente ou definitivamente, comprometimento quanto na inserção como

na participação social. As intervenções terapêuticas ocupacionais dimensionam-se pelo uso da atividade, elemento centralizador e orientador, na construção complexa e contextualizada do processo terapêutico (WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS (WFOT), 2003).

O Centro Universitário que contém o curso de terapia ocupacional consiste em formar o ser humano para o exercício profissional e para o compromisso com a vida, mediante o seu desenvolvimento integral, envolvendo a investigação da verdade, o ensino e a difusão da cultura, inspirada nos valores éticos e cristãos que dão pleno significado à vida humana (PROJETO EDUCATIVO, 2012).

O curso não visa moldar o profissional, mas caracterizar o profissional/pessoa que aceite submeter-se ao aprendizado técnico-científico-humano para poder desempenhar com eficiência, consistência e integridade as tarefas e obrigações condizentes com o seu dom profissional e com a área que se propõe a trabalhar. O objetivo deste estudo consiste em descrever a experiência dos discentes do curso de terapia ocupacional nos estágios supervisionados em um Centro Universitário (PROJETO EDUCATIVO, 2012).

METODOLOGIA

Estudo de caráter descritivo, no qual serão apresentadas as ações realizadas pelos estagiários de terapia ocupacional durante os anos de 2015 a 2019. Foram utilizados os resultados obtidos da análise documental realizada semanalmente nos prontuários, bem como, os Planos Terapêuticos Ocupacionais (PTI), escrito de forma individual, detalhada e de cada paciente atendido.

O estágio supervisionado se configura como uma etapa de aprendizado aplicado, profissionalizante, com supervisão docente, necessária para que o aluno de Terapia Ocupacional seja devidamente habilitado e em condições de receber a graduação para o exercício profissional.

RESULTADOS

Os alunos de terapia ocupacional do 7º e 8º semestre do curso realizam estágio supervisionado em oito áreas de atuação, a saber: no Centro de Atenção Psicossocial, Clínica Geriátrica Particular, Hospital, Unidade Básica de Saúde, Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, além de estagiarem em clínica própria do Centro Universitário, onde são

realizados atendimentos das áreas de Ortopedia, Traumatologia e Reumatologia, Neurologia Adulto e Social. Os estagiários realizam diferentes ações com as populações atendidas, tais como atendimentos grupais e individuais, participam de reuniões de equipe, realizam visitas e atendimentos domiciliares, participam de audiências jurídicas, organizam e realizam atividades festivas, fazem psicoeducação, orientação familiar e escolar, além de semanalmente ocorrer uma supervisão das intervenções, onde discute-se a análise de cada encontro e planeja-se a próxima intervenção, de acordo com as necessidades apontadas pela população atendida de cada estágio.

DISCUSSÃO

O estágio supervisionado está embasado pela Lei n – 11.788, de 25 de setembro de 2008 (Dispõe sobre o estágio de estudantes) e pela RESOLUÇÃO CNE/CES 6, DE 19 DE FEVEREIRO DE 2002 (DOU de 04/03/2002 – Seção I – p.12)

O estágio faz parte do processo de formação profissional do aluno em nível superior e assegura a indissociabilidade teoria-prática. Representa o momento em que o aluno poderá vivenciar e consolidar as competências exigidas para o exercício acadêmico-profissional nos diferentes campos de atuação do Terapeuta Ocupacional. Além disso, apresenta como um diferencial do curso, a oportunidade dos estagiários vivenciarem oito áreas de atuação da terapia ocupacional, sendo elas em sua maioria alocadas no setor da saúde, mas tendo um estágio específico da área social. Vale a pena ressaltar que há uma interface entre as áreas da saúde, social e educação em todos os campos de estágios do centro universitário em questão.

Na intervenção em saúde física, a semiologia ortopédica, traumatológica, reumatológica e neurológica da criança ao idoso, permitiu possibilitar ao estagiário as discussões clínicas e de intervenções terapêuticas ocupacionais com pacientes de diferentes faixas etárias, determinantes sociais, de saúde e culturais que possam influenciar a atuação nos diversos contextos e áreas de atuação profissional, através da intervenção terapêutico ocupacional nos casos de ortopedia, traumatologia, reumatologia e neuropediatria, saúde do trabalhador, como também em intervenções individuais e grupais, além de um espaço que possibilitou os estagiários de terapia ocupacional a compartilhar experiências, estimular a reflexão crítica de sua atuação, bem como as possibilidades e inovações que podem contribuir para o avanço profissional. Na Saúde Mental, Psiquiatria e Social permitiu o reconhecimento da dinâmica e análise institucional nas instituições de saúde mental e social, através de atendimentos individuais e grupais com crianças, adolescentes em situação de vulnerabilidade social e pacientes psiquiátricos. Na Atenção Básica a Saúde vivenciaram as intervenções em uma

Unidade Básica de Saúde (UBS) e em programas de Saúde da Família, através de estudo da dinâmica e análise institucional, com a população infantil e idoso, de forma individual e grupal. E na área Hospitalar Infância, Adulto e Idoso, os estagiários vivenciaram a prática das intervenções dos principais problemas de pessoas (criança, adolescente, adultos e idoso) em regime de hospitalização. A intervenção terapêutica ocupacional hospitalar ocorreu com pacientes nos cuidados paliativos, nas enfermarias, ambulatórios, Unidades de Tratamento Intensivos (UTIs), brinquedoteca e programa de humanização, de modo que os discentes realizaram a anamnese, planejamento, intervenção, atividades terapêuticas, elaboração de relatórios, preparação de alta e a orientação familiar.

CONCLUSÃO

Estes dados demonstram que a formação do estagiário em terapia ocupacional objetiva instalar o raciocínio terapêutico ocupacional para realizar a análise da situação na qual se propõe a intervir, o diagnóstico clínico e/ou institucional, a intervenção, a escolha da abordagem terapêutica apropriada baseada em evidências científicas e a avaliação dos resultados alcançados, identificando e explorando recursos pessoais, técnicos e profissionais para a condução do processo terapêutico sem perder de vista a abordagem do trabalho interdisciplinar.

REFERÊNCIAS

PROJETO EDUCATIVO CLARETIANO. Claretiano - Centro Universitário. Batatais: Claretiano, 2012.

WORLD FEDERATION OF OCCUPATIONAL THERAPISTS (WFOT). Definições de terapia ocupacional. Apoio: Faculdades Salesianas de Lins, CETO/ SP, ABRATO; 2003.

A assistência da Terapia Ocupacional junto a crianças com alterações no desenvolvimento, contribuições de um projeto de extensão para a comunidade: relato de experiência.

Julianne Biatriz Ferreira Marruaz

Adrine Carvalho dos Santos Vieira

Yanka Ferreira Palheta

Paôla Crislayne Sampaio Trindade

O desenvolvimento infantil é um processo que envolve a interação de diversos aspectos e experiências oferecidas pelo meio e segue até a maturação comportamental, cognitiva, social e afetiva da criança. Nesse sentido, o projeto de extensão desenvolvido em uma Universidade Federal, promove atendimento terapêutico ocupacional as crianças com alterações no desenvolvimento e seus cuidadores. Trata-se de um relato de experiência, elaborado a partir das práticas de discentes de Terapia Ocupacional em um projeto de extensão voltado para a promoção das ocupações de crianças com alterações no desenvolvimento. O projeto trouxe melhoria nas ocupações das crianças, comprovado pelo feedback dado pelos cuidadores e com as reavaliações realizadas no tratamento. Percebe-se que o projeto contribuiu para a comunidade, pois os atendimentos oferecidos gratuitamente trazem a maior possibilidade de continuidade no tratamento e melhora no desenvolvimento da criança. Além disso, a prática contribuiu na formação dos estudantes participantes, desenvolvendo habilidades importantes na formação acadêmica. Neste trabalho, observou-se inúmeras contribuições do projeto de extensão para comunidade assistida e para os estudantes participantes acerca do papel importante que a extensão universitária produz na sociedade, afirmando que quando se coloca em prática aquilo que foi aprendido em sala e desenvolve-se fora dela, o benefício é para ambos os lados. Conclui-se que o projeto é de extrema importância para a comunidade acadêmica, pois proporcionou aos estudantes a oportunidade de desenvolver habilidades e competências importantes para a graduação. Além de que os serviços oferecidos pela faculdade contribuíram para o bom desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Desenvolvimento infantil; Extensão.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil é um processo que inicia com a concepção e envolve vários aspectos, passa pelo crescimento físico e segue até a maturação neurológica, comportamental, cognitiva, social e afetiva da criança. É na infância que são adquiridas habilidades importantes para que o desenvolvimento seja satisfatório e assim poder contribuir para a construção de um sujeito e suas potencialidades (OPAS, 2005).

De acordo com a OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde, o desenvolvimento infantil envolve a interação de aspectos biológicos e experiências oferecidas pelo meio, qualquer fator adverso no percurso do desenvolvimento infantil pode trazer prejuízos das mais diversas ordens para a criança. Problemas em qualquer etapa do desenvolvimento da criança podem se apresentar de diversas maneiras, tais como: Alterações no desenvolvimento motor, na linguagem, na interação pessoal-social, cognitivas, entre outras (OPAS, 2005).

Os primeiros anos de vida são decisivos para o crescimento e desenvolvimento da criança, estabelecendo-se assim uma base crítica tanto no que diz respeito à saúde da criança, como no sucesso escolar, (COELHO E REZENDE, 2007). Nesse sentido, Carramaschi (2013) afirma que a assistência da Terapia Ocupacional objetiva engajar a criança em suas principais ocupações.

As ocupações são definidas como os vários tipos de atividades cotidianas nas quais indivíduos, grupos ou populações se envolvem, incluindo AVD, AIVD, descanso e sono, educação, trabalho, brincar, lazer, e participação social. (AOTA, 2015). As ocupações mais comuns nas quais a criança se envolve são brincar, educação e AVD'S.

Nesse sentido, o projeto de extensão desenvolvido em uma Universidade Federal promove ações que visam prestar atendimento terapêutico ocupacional as crianças com alterações no desenvolvimento e seus pais ou cuidadores. Para Silva (2013), os projetos de extensão são conjuntos de atividades acadêmicas, nos quais são disponibilizados ao público de fora da universidade, os conhecimentos adquiridos por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos dentro da instituição. Está no cerne de sua concepção, a promoção de iniciativas que expressem o compromisso social das instituições de ensino superior com todas as áreas, em especial, direitos humanos e justiça, educação, saúde, dentre outros (BRASIL, 2018). Para Rodrigues (2013), os projetos de extensão são de extrema importância para a comunidade acadêmica, pois é através deles que os estudantes conseguem estabelecer contato com o público externo à instituição e assim colocar em prática o conhecimento adquirido dentro de sala.

O presente trabalho, portanto, tem como objetivo relatar a experiência de discentes de Terapia Ocupacional como participantes do projeto de extensão Terapia Ocupacional na promoção das ocupações de crianças com atrasos no desenvolvimento, destacando a importância deste projeto para a comunidade assistida e para a formação acadêmica dos estudantes de Terapia Ocupacional participantes do projeto.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de caráter qualitativo, elaborado a partir das práticas e vivências de discentes de Terapia Ocupacional em um projeto de extensão voltado para a promoção das ocupações de crianças com alterações no desenvolvimento do Laboratório de Neuropediatra em uma Universidade Federal. O projeto foi desenvolvido visando prestar assistência à crianças com alteração no desenvolvimento da comunidade em geral, o público pode buscar o serviço por meio de demanda espontânea ou por encaminhamento de um hospital universitário. O projeto é realizado duas vezes na semana, sendo um dia de atendimento e o outro reservado para reuniões de estudo e organização do projeto. Cada sessão tem a duração de cinquenta minutos, divididas em três horários (14h às 14h50; 15h às 15h50 e 16h às 16h50) com três crianças atendidas por horário. Os dez minutos de intervalo entre um atendimento e outro são reservados para organização dos recursos e setting terapêutico.

Quando admitidas, são realizadas anamnese, avaliação inicial e a aplicação de protocolos de avaliação, como o *Pediatric Evaluation of Disability Inventory (PEDI)*, *Childhood Autism Rating Scale (CARS)*. Em seguida, elabora-se o Plano terapêutico da criança e ela inicia os atendimentos em horário programado até receber alta por melhora ou por abandono (nos casos em que a criança falte frequentemente sem justificativa). Realiza-se o registro da evolução no prontuário da criança logo após cada atendimento.

Durante os atendimentos, a professora responsável pelo projeto está sempre supervisionando os estudantes e disponível para orientação, auxiliando os alunos caso necessário.

RESULTADOS

O projeto de extensão está em seu segundo ano de execução e já realizou mais de 500 atendimentos, entretanto as discentes deste relato de experiência participam voluntariamente há quatro meses. **A maioria das crianças atendidas, atualmente, são crianças com Transtorno**

do Espectro Autista, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e Déficit Intelectual, na faixa etária de quatro a treze anos e que estão em vulnerabilidade socioeconômica. Ao longo dos meses transcorridos no projeto de extensão, várias atividades foram desenvolvidas pelos estudantes para melhorar o desempenho das crianças nas suas principais ocupações da infância, educação, brincar, AVD e participação social, incluindo atividades com objetivo de estimulação das habilidades de desempenho (motoras, processuais e interesse social), treino de AVD, facilitação do brincar e promoção da participação social com pares.

Notou-se que a participação nos atendimentos do projeto trouxe melhoras significativas nas ocupações das crianças assistidas, sendo comprovado pelo feedback dado pelos pais ou cuidadores e de acordo com as reavaliações feitas no decorrer do tratamento. Desta forma, percebe-se que o projeto contribuiu significativamente para a comunidade, visto que a maior parte das crianças não tem condições financeiras para custear todas as terapias que necessitam e com os atendimentos oferecidos gratuitamente pelas universidades, as famílias têm maior possibilidade de continuar o tratamento e assim melhorar o desenvolvimento da criança.

Outro resultado positivo a destacar é a experiência que o projeto de extensão trouxe para a formação dos estudantes participantes. Enquanto acadêmicos, foram desenvolvidas habilidades como raciocínio clínico, manejo com as crianças, elaboração de relatórios e planos terapêuticos, avaliação e aplicação de protocolos, produção de atividades, entre outras que contribuíram para o crescimento profissional dos estudantes.

Entretanto, inúmeros são os desafios estruturais em relação aos atendimentos, dentre eles a estrutura do ambulatório, visto que os atendimentos são individuais e realizados no mesmo espaço, o que também dificulta o atendimento de crianças maiores, assim como a falta de recursos para a produção de atividades.

DISCUSSÃO

Neste trabalho, observou-se inúmeras contribuições do projeto de extensão para comunidade assistida e para os estudantes participantes, confirmando o que diz Rodrigues (2013), acerca do papel importante que a extensão universitária produz na sociedade. Ele afirma que quando se coloca em prática aquilo que foi aprendido em sala e desenvolve-se fora dela, o benefício é para ambos os lados.

Para as crianças atendidas no projeto, notou-se melhoras significativas no seu desenvolvimento, tendo em vista que o objetivo principal do Terapeuta Ocupacional com o

público infantil é desenvolver habilidades necessárias para um desenvolvimento saudável das suas ocupações durante a infância, segundo a resolução n° 324/2007 do COFFITO. No decorrer dos atendimentos, foram criadas diversas adaptações e estratégias para **possibilitar experiências e aprendizados, estimulando funções cognitivas e adaptação das atividades de vida diária, incentivando o brincar e o lazer, propiciando qualidade e independência no desempenho** das crianças em suas ocupações, contribuindo positivamente para os resultados positivos apresentados neste trabalho.

O projeto de extensão Terapia Ocupacional na promoção das ocupações de crianças com alterações no desenvolvimento, também tem como objetivo contribuir na formação acadêmica dos estudantes participantes. A prática fora da sala de aula possibilitou um enriquecimento profissional e humanístico aos alunos, além do desenvolvimento de habilidades essenciais para a prática clínica do Terapeuta Ocupacional. Essa constatação vem para ratificar o que Rodrigues (2016) afirma sobre extensão universitária, que aquele que está na condição do aprender acaba aprendendo muito mais quando há esse contato, pois, torna-se muito mais gratificante praticar a teoria recebida em sala.

CONCLUSÃO

Portanto, diante do que foi exposto com base nos relatos dos discentes participantes do projeto de extensão Terapia Ocupacional na promoção das ocupações de crianças com alterações no desenvolvimento, nota-se como o projeto vem sendo de extrema importância para a comunidade acadêmica, pois proporcionou aos estudantes a oportunidade de desenvolver habilidades e competências que ainda não tinham adquirido no decorrer da graduação, permitindo-os experienciar de forma prática as futuras atuações como Terapeutas Ocupacionais. Para a comunidade usuária, conclui-se que os serviços oferecidos pela faculdade contribuíram significativamente para o desempenho ocupacional satisfatório das crianças, além de auxiliar no desenvolvimento de suas potencialidades em âmbito cognitivo, motor e social.

REFERÊNCIAS

DE SOUZA, Juliana Martins; VERÍSSIMO, Maria de La Ó. Ramallo. Desenvolvimento infantil: análise de um novo conceito. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 23, n. 6, p. 1097-1104, 2015.

CAVALCANTI, A; GALVÃO, C. R. **Terapia Ocupacional – Fundamentação e Prática.**

1.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007;

DE TERAPIA OCUPACIONAL, Associação Americana. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 26, p. 1-49, 2015.

Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Divisão de Promoção e Proteção da Saúde. Manual para vigilância do desenvolvimento infantil no contexto da AIDPI. Washington: OPS, 2005.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Disponível em: http://novoproex.ufpa.br/banco/docs/8/resolu%C3%A7%C3%A3o007_18.pdf. Acesso em: 12 de julho de 2019.

SILVA, A.F.L.; RIBEIRO, C.D.M.; SILVA JÚNIOR, A.G. Thinking of university extension as a health education field: an experience at the Fluminense Federal University, Brazil. *Interface (Botucatu)*, v.17, n.45, p.371-84, abr./jun. 2013.

CARRAMASCHI DE SOUZA, Ariana; DE SOUZA FAZIO MARINO, Milena. Atuação do Terapeuta Ocupacional com criança com atraso do desenvolvimento neuropsicomotor. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 21, n. 1, 2013.

Oficina de memória – uma estratégia para empoderar o conhecimento prático de acadêmicos

Maria Aparecida de Souza

Ana Elizabeth dos Santos Lins

Mariana Da Silva Acácio

Kássia Fernanda Pereira da Silva

Liara dos Santos Estevão

Com o processo de envelhecimento no ser humano, os órgãos entram em declínio, entre eles o cérebro, ocasionando queixas de memória. Para promover a saúde e prevenir mais acometimentos cognitivos, é necessário aparatos como a oferta de estímulos cognitivos oferecidos pelas “oficinas de memória”. Trata-se de um relato de experiências de discentes em uma “oficina de memória”, ofertada através de um projeto de extensão de uma universidade pública com pessoas acima de 55 anos. Esse espaço proporciona parte das aulas práticas do módulo “Intervenção em Terapia Ocupacional no Adulto e no Idoso” do curso de Terapia Ocupacional. A participação dos discentes na oficina contribui na sua formação acadêmica, facilitando o processo de ensino-aprendizagem oferecendo experiências como: coordenar o grupo de atividades, utilizar diálogo adequado, criar e aplicar recursos terapêuticos relacionando-os com o embasamento teórico, aplicar/analisar testes rastreio na área da cognição e capacidade funcional. A experiência vivenciada através da participação na oficina possibilitou reflexões atinentes a nossa formação como terapeuta ocupacional diante das necessidades de indivíduos no processo de envelhecimento. Observou-se que, o terapeuta ocupacional é um profissional vital nesses projetos, oportunizando essas pessoas a desenvolver estratégias e habilidades cognitivas, empoderando a autonomia e a independência. Fica claro, portanto, a importância dessas práticas, que contribuem para o alicerce da formação acadêmica, instigar trocas de conhecimentos, oportunizando crescimento profissional e pessoal. Além disso, poder contribuir com a promoção de saúde das pessoas em processo de envelhecimento ao orientar e estimular a autonomia e a independências em suas atividades cotidianas.

Palavras-chave: Envelhecimento. Oficina de memória. Idosos. Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

De acordo com Veras e Oliveira (2018, p.1), a ampliação do tempo de vida, fez acompanhar uma melhora substancial dos parâmetros de saúde das populações, ainda que as conquistas estejam de forma equitativa nos diferentes países e contextos socioeconômicos. Dessa forma, a velhice, que antes era um privilégio para uma quantidade de pessoas, hoje, passa a ser a norma para todos os países e assim, com o a longevidade alta, passa a ser um desafio do século atual.

Ao longo do processo de envelhecimento ocorre um declínio cognitivo que compreende desde pequenos déficits de atenção ou de memória, até comprometimentos maiores, como as demências. A memória é uma das funções cognitivas que mais apresenta queixas ao longo da vida, as quais podem indicar alterações normais do envelhecimento, mas também sinalizar o início de um quadro patológico (RABELO, 2009).

As perdas nos processos cognitivos, como a memória, influenciam na execução de tarefas funcionais diárias e também podem se relacionar com o aumento da prevalência das doenças degenerativas como o Alzheimer. Isso pode acarretar consequências negativas para a autonomia, a independência e a qualidade de vida, tornando-se um desfecho irreversível para os idosos (SPIRDUSO, 2005).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005), que propõe uma política de desenvolvimento ativo a qual, surge como recomendação, enfatizando que envelhecer bem não é apenas responsabilidade do indivíduo e, sim, de um processo que deve ser visto através de políticas públicas, de políticas sociais e de saúde ao longo do curso da vida. Onde a criação dessa política visa o envelhecer de forma saudável, que inclui hábitos que ajudam no bem-estar do idoso.

Desse modo para a realização de oficinas, ampliaram-se também as ações da universidade junto à comunidade, principalmente em relação às atividades de promoção e manutenção da saúde mental. Essas ações são pautadas nas diretrizes da Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, que têm por finalidade manter, promover e recuperar a autonomia e a independência dos idosos com medidas intersetoriais, interdisciplinares, coletivas e individuais. (CAVALINI et al, 2014)

Segundo Sousa et al (2016, p.2), as oficinas, é um modelo, que contribui para exercitar o cérebro, estimular a coordenação motora e sociabilizar saberes. O indivíduo em processo de envelhecimento tem condições de construir uma maneira própria de relacionar-se com o meio

social, através de estímulos de auto-conhecimento e auto-cuidado, gerando melhorias na auto-estima.

A oficina de memória é um espaço que oportuniza o discente a aprender na prática como lidar com as pessoas em processo de envelhecimento e oportuniza as trocas de saberes intergeracional e o processo ensino-aprendizagem contribuindo com crescimento acadêmico.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de característica descritiva, relacionada a vivência em uma “oficina de memória” do projeto de extensão “Universidade Aberta à Terceira Idade” em uma universidade pública no estado de Alagoas. A oficina é composta por quinze pessoas na faixa etária de 55 anos ou mais, ocorre uma vez na semana, tem duração de duas horas, é coordenada por uma terapeuta ocupacional e mais um monitor do módulo “Intervenção em Terapia Ocupacional no Adulto e no Idoso”.

A dinâmica das oficinas se dá da seguinte forma: os discentes são divididos em duplas, que semanalmente se revezam na coordenação do grupo, aplicam testes de rastreio da área cognitiva, da capacidade funcional e humor; seleciona/analisa/aplica os recursos terapêuticos nas atividades grupais e orienta estratégias de memorização visando que os participantes melhore nas suas atividades de vida diária.

RESULTADOS

Durante as aulas práticas notou-se o quão importante é a realização dessas oficinas, tanto para os idosos quanto para os discentes. Dessa forma, a oficina de memória contribui para a formação acadêmica, facilita o processo de ensino-aprendizagem, fazendo uma ponte entre o embasamento teórico e a prática-reflexiva. Esse espaço de vivência proporciona experiências na coordenação de grupos, na criação/seleção e aplicação de recursos terapêuticos através das atividades. O que proporciona aprender a dialogar com pessoas mais velhas, a trocar conhecimentos na relação terapêutica, sendo essa vivência intergeracional muito importante por proporcionar crescimento pessoal.

Diante disso, foi possível observar as principais dificuldades e limitações das pessoas em processo de envelhecimento, através dos resultados dos protocolos de triagem e durante o desenvolvimento das atividades propostas. Verificamos ainda a heterogeneidade dessas pessoas, e até mesmo, algumas vezes as subestimávamos suas aptidões e conhecimentos.

Ao decorrer das oficinas foi fundamental observar a importância do planejamento das atividades – a seleção/análise dos recursos terapêuticos necessários às atividades aplicadas, e ainda o planejamento do tempo, a linguagem a serem utilizadas, as explicações/regras socializadas no grupo, e até a nossa postura diante daquelas pessoas. Sendo também fundamental a percepção de suas limitações e dificuldades na área da cognição e em suas atividades diárias.

Observamos que os participantes foram receptivos aos discentes e as diversas atividades que foram aplicadas. Isso certamente facilitou bastante o desenvolvimento das oficinas, tornando perceptível o envolvimento de todos os integrantes na execução das atividades propostas. Desse modo, ao observar o desenvolvimento das atividades é perceptível que alguns idosos necessitam de uma maior atenção, da repetição das instruções/regras, palavras ou frases, a depender do objetivo da atividade proposta, demonstrando que os participantes demandam um maior cuidado e orientação para entenderem e aderirem às atividades.

Por fim, a oficina de memória é um meio de aprender na prática como lidar com as pessoas em processo de envelhecimento, com suas capacidades/habilidades e dificuldades nas atividades cotidianas. Verificamos a importância do planejamento dos recursos terapêuticos e da aplicação das atividades, favorecendo o processo ensino-aprendizagem e a importante convivência intergeracional.

DISCUSSÃO

Considerando o crescimento da população de idosos no Brasil, cresce a demanda por estudos que visem à implantação de programas assistenciais e educacionais que incluam e socializem esta parcela da população em atividades que viabilizem seu bem-estar e integridade física, psíquica e social.

A experiência vivenciada através da oficina de memória possibilitou desafios e reflexões atinentes às reais necessidades de pessoas em seu processo de envelhecimento. Esse espaço oportunizou a concretização do processo ensino-aprendizagem significativa. Avaliamos que essa vivência tem possibilitado crescimento e amadurecimento profissional e pessoal.

Desse modo, a vivência prática de discentes do Curso de Terapia Ocupacional através de uma oficina de memória possibilita uma proposta viável, que permite a troca de experiências intergeracional em um processo de construção de conhecimentos, que enriquecem e transformam os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina de memória possibilitou a prática de acadêmicos de Terapia Ocupacional a vivenciarem um desafio de intervir com pessoas em processo de envelhecimento, facilitar o desenvolvimento de recursos terapêuticos, de pensar na elaboração de atividades que envolvessem e facilitassem estratégias na área da cognição visando melhora no cotidiano dessas pessoas, e assim, contribuíssem positivamente na promoção e prevenção de agravos cognitivos.

Destaca-se, a importância dessa prática do referido módulo no curso de Terapia Ocupacional em universidades abertas à comunidade, na contribuição da formação acadêmica, relacionado às trocas de conhecimentos e ao convívio intergeracional impulsionando o crescimento pessoal e profissional dos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

CAVALINI, Biana et al. **Política Nacional do Idoso e sua implementação na assistência**. VOL. 02 Nº 01, 3 - 155, Rio De Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/raizeserumos/article/download/3828/3498> . Acesso em: 10 de julho de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília, D.F. 2005.

RABELO, D. F. Declínio cognitivo leve em idosos: fatores associados, avaliação e intervenção. **Revista Mineira de Ciências da Saúde**, 1(1), 56-68, 2009.

SOUSA, A. B. et al. **Oficinas como espaço de terapia ocupacional para idosos: relato de experiência**. Disponível em: <http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/praxis/article/download/731/424> . Acesso em: 19 de julho de 2019.

SPIRDUSOWw. **Dimensões físicas do envelhecimento**. Paula Bernardi (tradução). Barueri: Manole, 2005.

VERAS, Oliveira. OLIVEIRA, Martha. **Envelhecer no Brasil: a construção do cuidado**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2018.v23n6/1929-1936/pt>Acesso em: 10 de julho de 2019.

Treino de atividades instrumentais de vida diária em uma oficina de flau gourmet: experiência prática de observação no contexto de um centro de atenção psicossocial (CAPS)

Paula Natanyele Santos de Almeida Ferreira

Alícia Santos

Laiane Silva

Emanuele Santos

Cassandra Lopes

O adoecimento psíquico afeta o cotidiano do indivíduo, impactando na realização de Atividades Instrumentais de Vida Diária, tidas como aquelas que apoiam a vida tanto no ambiente domiciliar quanto na comunidade. As oficinas terapêuticas funcionam como um instrumento de assistência a sujeitos em sofrimento mental. Nesse espaço, o Terapeuta Ocupacional assume um papel de facilitador, tornando o usuário o protagonista do processo terapêutico, refletindo assim na busca por sua autonomia e independência. Estudo descritivo, do tipo relato de experiência, cujo objetivo é relatar a vivência de observação da oficina terapêutica de flau gourmet com usuários de um Centro de Atenção Psicossocial II realizada no módulo de Atividade Humana I do curso de Terapia Ocupacional de uma capital do Nordeste. Participaram da oficina quatro usuários, uma terapeuta ocupacional, estagiários e alunos. Foi possível observar todo o processo de produção do material, e após a confecção, realiza-se a venda deste, bem como o manejo de dinheiro pelos usuários. Esta tem como objetivo promover o poder contratual, autonomia, independência e discutir os processos de produção e pós produção, trabalhando também as atividades de vida produtiva, a ativação de habilidades no âmbito físico, cognitivo e de praxidade; para que seja desconstruído cada vez mais o modelo manicomial. Por fim, reconhece-se a relevância social desta e a ampliação da percepção dos estudantes sobre as potencialidades do fazer humano, encarando a saúde como um processo de busca de equilíbrio dinâmico de todos os fatores que compõem a vida humana.

Palavras-chave: Atividades instrumentais de vida diária. Centro de atenção psicossocial. Oficinas terapêuticas.

INTRODUÇÃO

Segundo Santos et AL (2014), o adoecimento psíquico afeta o cotidiano do indivíduo, bem como na realização de suas Atividade de Vida Diária (AVD) que estão diretamente, mas não somente, ligadas a atividades de autocuidado; e Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVD), tidas como um apoio à vida diária tanto no ambiente domiciliar quanto na comunidade. Dessa forma, são necessárias intervenções terapêuticas ocupacionais que atendam as demandas apresentadas, uma vez que o profissional Terapeuta Ocupacional é quem se encontra apto a realizar, segundo o COFFITO (RESOLUÇÃO N 316/2006), treinos de AVD e AIVD, objetivando a independência, autonomia e qualidade de vida.

Nesse cenário, o CAPS é compreendido como uma estratégia que visa o atendimento integral, procurando promover, dentre outros, a (ré) inserção social do usuário através do trabalho (BURKE; BIANCHESSI 2013). Paralelo a isso, as oficinas terapêuticas são tecnologias leves que promovem a socialização, interação, reconstrução do sujeito e sua (ré) inserção social; estas são realizadas em CAPS com o objetivo de reabilitar socialmente esse sujeito que se encontra ou não em um período de crise ou adoecimento psíquico (RIBEIRO, L.A.; SALA, A.L.B.; OLIVEIRA, A. G. B., 2008).

Partindo desse pressuposto, o Terapeuta Ocupacional pode conceber e supervisionar as oficinas terapêuticas focando em valores econômicos e laborais, socioculturais e psicossociais, de acordo com o COFFITO (RESOLUÇÃO N 408/2011). Sendo o usuário o protagonista do processo terapêutico, refletindo assim na busca por autonomia e independência para que consiga alcançar o objetivo de (ré)inserção social.

Notou-se a viabilidade de elaborar um trabalho a partir da vivência com ênfase nos benefícios que tais oficinas terapêuticas trazem a esses indivíduos e como se faz importante e necessário a inserção e envolvimento dos acadêmicos em anos iniciais nesse tipo de experiência extramuros. Além desses aspectos que geraram a oportunidade do presente trabalho, existe também a motivação pessoal das autoras envolvidas em aprofundar e ampliar os estudos acerca dessa temática e a partir daí, também poder propor ações referentes. Como um incentivo a mais que ratifica a importância da pesquisa, observou-se que este é extrema importância tanto acadêmica, quanto social. Dessa forma, o mesmo tem o objetivo de relatar a vivência sobre todo o processo que envolve a oficina terapêutica de confecção do flau gourmet por usuários de um Centro de Atenção Psicossocial II, situado em uma capital do Nordeste; refletindo assim

posteriormente no impacto positivo que estas carregam sobre treinos de AIVD's nesse espaço mencionado.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, onde será descrita, também, as considerações e impressões sobre o que a vivência proporcionou. Sendo assim, esse relato se apresenta de modo contextualizado, objetivo e com fundamentação teórica.

A prática de observação aconteceu em um espaço cedido por uma paróquia da cidade de Maceió, estado de Alagoas, a fim de oportunizar a realização dessas atividades, este é entendido como um ponto de apoio social, situado dentro de uma rede de atenção preconizada pela Rede de Atenção Psicossocial- RAPS (Portaria nº 3088/2011, p.1). Esta foi concedida a partir de um módulo do curso de Terapia Ocupacional de uma universidade pública de Alagoas, em abril de 2019. No presente dia foi executada - por usuários do referido CAPS, estagiários de Terapia Ocupacional e Terapeuta Ocupacional - e analisada – por acadêmicos do terceiro período do curso citado - uma oficina terapêutica denominada “geração de renda” onde os mesmos confeccionaram flaus gourmets. Vale ressaltar que essa oficina acontece uma vez por semana, realizada por etapas: uma semana o planejamento onde há a listagem de materiais necessários, a seguinte a escolha e compra dos materiais e adiante a produção em si; estas com média de duração de uma a duas horas.

Após todo o processo que vai desde a listagem de materiais necessários, escolha – levando em conta preços mais acessíveis e produtos de qualidade – e compra; até a confecção, os envolvidos realizam a venda do material, onde também é proporcionado a eles o manejo de dinheiro; etapas essas que estão intrinsecamente ligadas aos componentes de Atividades Instrumentais de Vida Diária.

A análise que fomenta esse trabalho parte de um relatório de vivência realizado para o módulo de Atividade Humana I do curso de Terapia Ocupacional, que proporcionou a experiência extramuros relatada. Dessa forma, o que também fundamenta teoricamente está ligado a buscas nas bases de dados eletrônicas: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Revista de Terapia ocupacional e Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional, a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): atividades instrumentais de vida diária; centro de atenção psicossocial; oficinas terapêuticas.

RESULTADOS

Observou-se que as atividades permitem a discussão de todo o processo pré e pós-atividade, promovendo o poder contratual, autonomia e independência dos usuários; como também que a oficina impacta sobre as Atividades Instrumentais de Vida Diária, uma vez que proporciona aos usuários o envolvimento em atividades relacionadas ao gerenciamento financeiro, preparação de refeições e limpeza, mobilidade na comunidade e o fazer compras. A aula prática observacional permitiu, ainda, identificar que as atividades realizadas não têm fins apenas reflexivos, uma vez que é discutido todo o processo pré e pós-atividade, ou seja, requer planejamento para compra de materiais, produção da atividade e venda destes.

Dessa forma, essa oficina tem como objetivo promover o poder contratual, ou seja, autonomia e independência dos usuários que não se encontram em período de crise, discutir os processos de produção e pós produção, trabalhar as atividades instrumentais de vida diária, bem como atividades de vida produtiva, como: geração de renda e planejamento de atividades; promover a ativação de habilidades no âmbito físico, cognitivo e de praxidade; bem como promover o lugar de fala, uma vez que, enquanto a atividade está sendo realizada, há interação, troca de experiências e conversas entre esses sujeitos e os profissionais, de forma que o usuário consiga exteriorizar seus sentimentos, prevenindo assim, possíveis momentos de crise.

DISCUSSÃO

Segundo Lussi et al. (2011), tem-se buscado alcançar intervenções no território relacionadas à reconstrução da identidade dos sujeitos e ao reencontro da sua individualidade a partir do uso do trabalho. Para que seja desconstruído, cada vez mais, o modelo manicomial, que se trata de uma série de posturas, olhares, maneiras de encarar o usuário dos serviços de saúde mental, e que norteiam relações institucionais, interprofissionais e interpessoais. Estas relações se contextualizam num sistema que se caracteriza pela objetivação do sujeito, cuja identidade passa a ser atribuída a partir de sua categorização como doente mental. Sendo assim, as oficinas terapêuticas assumem esse papel de assistência à busca integral de componentes do fazer humano.

No que diz respeito a todo o processo que resulta no produto final e realização da venda do material, nota-se que lhes é proporcionado autonomia, visto que desde muito tempo não se esperava que o doente mental fosse capaz de pensar ou agir, refletindo diretamente em uma autonomia comprometida e dependência absoluta da instituição de saúde. Porém, na abordagem

contemporânea a ideia é oposta, uma vez que o sujeito é social e histórico, um cidadão autônomo. Nesse sentido, a eles é concedido também o manejo de dinheiro.

Por fim, constata-se a importância e eficácia de intervenções terapêuticas utilizando oficinas, uma vez que profissionais estagiários e acadêmicos, em conjunto, desenvolvem ações de cuidado, encarando a saúde como um “processo permanente de busca de equilíbrio dinâmico de todos os fatores que compõem a vida humana” (BOFF, 1999). Sendo a vivência muito importante para os estudantes e futuros profissionais dessa área, para que seja possível desde os anos iniciais de formação a ampliação do olhar integral, do cuidado holístico, levando em consideração a amplitude dos fatores biopsicossociais que compõem a vida e o fazer humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, reconhece-se a relevância social desta oficina terapêutica, e como esta impacta positivamente no desenvolvimento de habilidades para maior engajamento e participação dos usuários nas Atividades Instrumentais de Vida Diária. A vivência possibilitou a ampliação da percepção dos estudantes sobre as potencialidades do fazer humano, encarando a saúde como um processo permanente de busca de equilíbrio dinâmico de todos os fatores que compõem a vida humana.

REFERÊNCIAS

- BURKE, K.P; BIANCHESSI, D. L. C. O Trabalho como possibilidade de (re)inserção social do usuário de um Centro de Atenção Psicossocial na perspectiva da equipe e do usuário. **Estudos e Pesquisas em Psicologia Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, vol.13, no.3, dez.2013.
- LUSSI. I.A.O, MATSUKURA T.S, HAHN M.S; Reabilitação Psicossocial: Oficinas de Geração de Renda no Contexto da Saúde Mental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro v. 13 n. 3 p. 957-976 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 3088 de 23 de Dezembro de 2011, Regulamenta a Rede de Atenção Psicossocial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, p.1.
- BOFF, L. Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SILVA, A. D. da; BASSALO, J. F.; SANTOS, A. F. dos. Atividades de vida diária e saúde mental: interface da terapia ocupacional. **Anais do III Congresso de Educação em Saúde da**

Amazônia (COESA), Universidade Federal do Pará - 12 a 14 de novembro de 2014. ISSN 2359-084X.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. RESOLUÇÃO Nº. 316/2006 – Dispõe sobre a prática de Atividades de Vida Diária, de Atividades Instrumentais da Vida Diária e Tecnologia Assistiva pelo Terapeuta Ocupacional e dá outras providências. Disponível em <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3074>> Acesso em 18 maio 2019.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. RESOLUÇÃO Nº 408/2011 – O domínio de conceber e supervisionar oficinas terapêuticas. Disponível em <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3171>> Acesso em 18 julho 2019.

RIBEIRO, L. A.; SALA, A. L. B.; OLIVEIRA, A. G. B. As oficinas terapêuticas nos Centros de Atenção Psicossocial. **Rev. Min. Enferm.**;12(4): 516-522, out./dez., 2008.

Compartilhando bons momentos’’: um relato de experiência com os usuários do Centro de Reintegração Social

Larissa Conceição De Oliveira Martins

Beatriz do Nascimento Silva

Reny Mayanne Souza Calado Aquino Barreiros

Natália Evelyn Alves Fernandes

Aline Maria Gomes dos santos

Luziana Carvalho de Albuquerque Maranhão

De acordo com a Política Nacional para a População em Situação de Rua, é preconizada a integração das políticas públicas no âmbito da saúde, educação, assistência social, trabalho, renda, moradia, lazer e alimentação para esta população. O terapeuta ocupacional pode atuar no fortalecimento das redes de suporte, nos projetos de vida e no envolvimento de ocupações/atividades significativas e enriquecedoras para o sujeito/grupo. Relatar a vivência das intervenções terapêuticas ocupacionais através de aulas práticas realizadas no Centro de Reintegração Social na cidade do Recife. Os grupos ocorreram no período de 30 de abril a 21 de junho de 2019; tendo como setting terapêutico uma sala de artes, conduzidos por cinco discentes, com orientação e supervisão da docente responsável. Ocorreram sete encontros, com duração média de uma hora e meia com importante variação na quantidade de pessoas no grupo. As atividades terapêuticas ocupacionais realizadas foram: contrato de convivência, confecção de crachás, construção de fantoche e teatro, decoração junina, passeio ao zoológico, mural de fotografias e porta retrato. Preconiza-se que a atuação com esse público se dê, também, por meio da linguagem artística, de incentivo à cultura, como um meio de engajá-los na participação social, no conhecimento de si e do outro. Considerando as características do serviço, a terapia ocupacional pode auxiliar na problematização de demandas do grupo e questões sociais para desenvolver a autonomia do sujeito, trabalhar fortalecimento de vínculo coletivo e individual para uma boa convivência.

Palavras-chave: Pessoas em situação de rua; Política pública; Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Política Nacional para a População em Situação de Rua, é preconizada a integração das políticas públicas no âmbito da saúde, educação, assistência social, trabalho, renda, moradia, lazer e alimentação para esta população (BRASIL, 2009). No Sistema Único de Assistência Social (SUAS), há serviços de proteção social básica (CRAS) e serviços de proteção especial para média complexidade, composto pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (CENTRO POP) e alta complexidade (BRASIL, 2011; GOMES; ELIAS, 2016).

No que diz respeito à população em situação de rua, estas são cobertas na rede de proteção especial de alta complexidade através dos Serviços de Acolhimento Institucional e Serviços de Acolhimento em República. Este último destina-se a pessoas em fase de reinserção social, ou seja, estão em processo de reconstrução de vínculos familiares, redes de suporte social e projetos de vida (BRASIL, 2011; GOMES; ELIAS, 2016).

De acordo com o Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 2ª Região e com a Resolução COFFITO 383/10, o terapeuta ocupacional pode atuar nos serviços de proteção social básica e nos serviços de proteção especial para média e alta complexidade por ser um profissional que atua no fortalecimento das redes de suporte, nos projetos de vida e no envolvimento de ocupações/atividades significativas e enriquecedoras para o sujeito/grupo (ALMEIDA *et al.*, 2011; CHAGAS *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2018).

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é relatar a vivência das intervenções terapêuticas ocupacionais através de aulas práticas realizadas no Centro de Reintegração Social na cidade do Recife.

METODOLOGIA

Relato de experiência sobre as aulas práticas curriculares de Terapia Ocupacional Social no Centro de Reintegração Social no Recife, unidade de proteção social de alta complexidade, com 50 vagas para homens entre 18 e 59 anos em situação de rua, decorrente da pobreza, conflitos familiares, dependência química e outras causas.

Os grupos ocorreram no período de 30 de abril a 21 de junho de 2019; tendo como setting terapêutico uma sala de artes, conduzidos por cinco discentes, com orientação e supervisão da docente responsável. Ocorreram sete encontros, com duração média de uma hora e meia com importante variação na quantidade de pessoas no grupo.

RESULTADOS

Os encontros ocorriam no horário que coincidia com o horário de repouso e onde alguns moradores da casa tinham envolvimento com atividades externas de trabalho ou algum tratamento o que levava a variar a quantidade de pessoas no grupo.

1º encontro: percebeu-se por meio de uma dinâmica de apresentação, que a demanda principal do grupo era o fortalecimento do vínculo entre eles, pois, alguns não sabiam nem mesmo o nome dos colegas da casa. A partir dessa observação e de demandas trazidas pelos próprios moradores, foram discutidos temas sobre a necessidade de respeito, companheirismo e importância da boa convivência entre eles. Os objetivos das atividades foram direcionados para o fortalecimento de vínculo por meio de vivências grupais.

2º encontro: foi realizada confecção de crachás, para facilitar a identificação dos participantes. Observaram-se diferentes níveis de escolaridade entre eles, sendo alguns analfabetos, precisando assim de auxílio das facilitadoras. Durante a atividade foi ressaltada a importância da construção do contrato de convivência, onde os usuários deram sugestões de regras de convivência para serem cumpridas nos encontros e no cotidiano da unidade.

3º encontro: na atividade de confecção dos fantoches demonstraram insegurança quanto à capacidade de realizar a atividade, mas após explicação e ajuda dos facilitadores, se empenharam em concretizar a atividade. Escolheram os nomes dos fantoches e construíram uma estória, de forma espontânea. Iniciaram a dramatização explorando o recurso do teatro com o título “a vida do morador de rua etilista que se encontra num local de ajuda e acolhimento chamado CRS e com cenas que demonstravam fatos reais, comuns e individuais da vida de cada um”. Demonstraram surpresa com o resultado e debateram a correlação entre os fatos da estória criada e as histórias de vida de cada um.

4º encontro: teve como atividade a construção de objetos de decoração junina despertando a sensação do pertencimento à sociedade vivenciando o momento cultural através da confecção de peneiras temáticas. Durante a intervenção, houveram intercorrências como um dos usuários sonolento e com irritabilidade devido a uma forte medicação e outro com tremor causado pela abstinência à droga, mas ciente de seu problema e processo de recuperação.

5º encontro: marcado pelo passeio no Zoológico Dois Irmãos, onde foi observado investimento no auto cuidado, ansiedade e boas expectativas na atividade externa. Dispersaram-se em três grupos durante o passeio, se encontrando no final durante o lanche coletivo, onde avaliaram que a dispersão foi um ponto negativo, mas demonstram a satisfação com a vivência.

Registraram com fotos os melhores momentos, trouxeram informações sobre os animais, sobre o local e recordações da infância.

6º encontro: percebeu-se que o investimento no autocuidado foi mantido pelos usuários e foi realizada a construção de um mural de fotografias do passeio e alguns iniciaram a confecção de porta-retratos com essas fotos, onde referiram descobertas e recordações de vivências anteriores de suas vidas.

7º encontro: deu-se prosseguimento a confecção dos porta-retratos, houve uma confraternização com um lanche e avaliação dos encontros sendo um momento de grande interação grupal e falas de agradecimento como: “foi importante ver que as alunas tinham coragem de trabalhar com gente”, que “trabalhar com gente não era fácil” e que “a humildade em não se colocar melhores que eles foi muito importante para o trabalho realizado”. Durante todo o período de tempo dos encontros foi possível perceber a evolução da interação entre os participantes.

DISCUSSÃO

Segundo o Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 2ª Região (2015), em suas publicações e a Resolução COFFITO 383/10, o terapeuta ocupacional atua na alta complexidade, realizando intervenções grupais para melhorar a convivência e compartilhamento de histórias entre equipe técnica e usuários, promove experiências culturais e vivências de lazer, auxilia no fortalecimento de vínculo, entre outras formas de atuação. A partir da experiência no Centro de Reintegração Social, pode-se vivenciar a atuação da Terapia Ocupacional na rede socioassistencial com ações de mediação sócio-ocupacional por meio de atendimentos grupais.

Indo de encontro aos estigmas construídos sobre as populações em situação de rua, este público se apresenta bastante distinto; com isso é possível notar o potencial existente nessa população sobre produções artísticas e culturais (SILVA *et al.*, 2015).

A Política Nacional para População de Rua preconiza que a atuação com esse público se dê, também, por meio da linguagem artística, de incentivo à cultura, como um meio de engajá-los na participação social, no conhecimento de si e do outro. Por consequência, essas ações propõe o alívio de situações conflituosas no espaço de convivência deles (BRASIL, 2009; SILVA *et al.*, 2015).

Desta maneira, a intervenção da Terapia Ocupacional no Centro de Reintegração Social, aconteceu voltada para práticas que incentivassem os participantes a expressar sua realidade e

demandas, respeitando a diversidade existente e estimulando-os a assumir seu papel de cidadãos perante a sociedade. As atividades realizadas proporcionaram a eles um espaço de construção de conhecimento compartilhado, constituídos pelo fazer ativo e dinâmico, que utilizou a arte como principal recurso como meio de despertar o protagonismo, criatividade e subjetividade (SILVA *et al.*, 2018).

CONCLUSÃO

A partir das experiências vivenciadas no Centro de Reintegração Social, foi possível observar que a Terapia Ocupacional inserida nos serviços da política do Sistema Único de Assistência Social de alta complexidade, atua utilizando-se de atividades com objetivo de problematizar demandas do grupo e questões sociais para desenvolver a autonomia do sujeito, trabalhar fortalecimento de vínculo coletivo e individual para uma boa convivência. Considerando as características do serviço, onde vários homens compartilham do mesmo espaço e assim cumprir com o que é proposto pela Política Nacional para População de Rua.

A experiência de intervenções terapêuticas ocupacionais através de aulas práticas realizadas no Centro de Reintegração Social contribuiu para a formação ao proporcionar contato direto com o público usuário de serviços de alta complexidade, desafiando os discentes no pensar, planejar e conduzir os grupos para atender as demandas trazidas pelos usuários e observadas pelas discentes e docente; levando em consideração o contexto de vulnerabilidade social, histórias de vida e as relações entre os participantes do grupo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C.; BARROS, D. D.; GALVANI, D.; REIS, T. A. M. Terapia ocupacional e pessoas em situação de rua: criando oportunidades e tensionando fronteiras. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 19, n. 3, 2011.

BRASIL. **Decreto n. 7053, de 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para a População em situação de rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2009.

BRASIL. **Orientações Técnicas**: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro POP. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2011.

BRASIL. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO). **Resolução n° 383, de 22 de dezembro de 2010**. Define as competências do Terapeuta Ocupacional nos Contextos Sociais e dá outras providências. Portal do Governo brasileiro. Disponível em:< www.crefito8.gov.br/pr/index.php/sala-de-imprensa-2/editais-2/89-legislacao/coffito/272-resolucao-coffito-38310> acesso em: 15 jul. 2019.

CHAGAS, J. N.; BARROS, D. D.; ALMEIDA, M. C.; COSTA, S. L. **Terapia Ocupacional na Assistência Social (SUAS)** - Rio de Janeiro, RJ CREFITO2, 2015.

GOMES, D. F.; ELIAS, F. T. S. Políticas públicas de assistência social para população em situação de rua: análise documental. **Comun. ciênc. saúde**, v. 27, n. 2, p. 151-158, 2016.

SILVA, Carla Regina et al. Estratégias criativas e a população de rua: Terapia Ocupacional, arte, cultura e deslocamentos sensíveis. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v.26, n.2, 2018.

SILVA, C.R. et al. Um corre inusitado: Arte, Cultura e a população de rua. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v.20, n. September, p.72- 79, 2015.

Uma análise sobre o processo de ensino em Terapia Ocupacional Social

Luciana Cordeiro

Diego Eugênio Roquette Godoy Almeida

Jessica Dos Santos Dias

Samanta Fick Knuth

Elizandra Couto Noguez

O campo social na Terapia Ocupacional apresentando particularidades teórico-metodológicas desafiadoras ao ensino na graduação. Objetiva-se analisar o processo educativo/formativo de estudantes de graduação de terapia ocupacional no campo social por meio do exame das produções dos estudantes de graduação de terapia ocupacional em duas disciplinas. Relato de experiência de docentes do curso de terapia ocupacional ilustrada com dados coletados dos diários de campos dos estudantes. Para análise utilizou-se unidades temáticas pertinentes à epistemologia crítica. As ações educacionais sistematizadas e conscientes propostas facilitaram o processo crítico-reflexivo acerca do campo social. Diante da precariedade da realidade, os estudantes expandiram a noção de contexto, transformando a práxis terapêutico-ocupacional de forma a considerar o coletivo, extrapolando concepções funcionalistas e humanistas. Destacam-se no processo de humanização do ensino crítico a qualificação das necessidades e da práxis acadêmico-profissional.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional Social; Ensino de graduação; Práxis; Necessidades

INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional Social (TO Social) teve suas bases teórico-metodológicas gestadas durante a década de 1980, tendo como laboratório de ensino projetos de extensão universitários. Caracterizado por intensa crítica sobre o lugar social do Terapeuta Ocupacional em contexto de abertura democrática brasileira, o campo social foca atenção na condição vulnerável de populações, com vistas ao desenvolvimento da autonomia, cidadania e acesso de direitos de sujeitos e coletivos, bem como ao fortalecimento das redes de apoio. Desde seus primeiros ensaios, docentes e pesquisadoras de terapia ocupacional estavam orientadas para o potencial de transformação social da profissão, partindo das dimensões crítica, histórica e

emancipatória de suas proposições, apresentando particularidades teórico-metodológicas (GALHEIGO 2016)

Em meio à expansão e diversificação conceitual da TO Social, está o desafio de refletir sobre o ensino desse campo contra hegemônico. Seu processo educativo parte da negação do tecnicismo, das práticas normativistas e da ênfase na funcionalidade, resultante do receituário neoliberal (BEZERRA, TRINDADE, 2013), que marca alguns cursos de graduação ancorados em preceitos clínicos e em teorias anglo-saxãs.

Toma-se como exemplo o curso de Terapia Ocupacional de uma universidade pública do sul do Brasil, fruto do Reuni, que tem quase uma década de existência e conta com três docentes que dialogam com o campo social, recém agregados ao colegiado do curso. Ensinar, neste contexto, é um empreendimento que se depara com questões significativas: como pensar TO em um município do extremo sul, com particularidades de fronteira e sem inserção na rede da Assistência Social? Como propiciar um ensino crítico ao graduando, numa tradição que privilegia a atuação clínica-assistencial em saúde?

Assim como a TO Social teve seu berço em práticas extensionistas de universidades públicas, os docentes da universidade em questão optaram pela organização do ensino e pesquisa a partir das ações desenvolvidas em projeto de ação comunitária, já que as ações presentes na atividade de ensino não podem ser descoladas das condições necessárias para que ocorra a concretização da dimensão ontogenética na constituição dos indivíduos (MOURA, 1996).

A intencionalidade pedagógica das duas disciplinas teórico-práticas que compõem o núcleo de TO Social (Terapia Ocupacional Social e Terapia Ocupacional no Campo da Educação), planejadas e ofertadas em sincronia, foi a humanização dos estudantes de graduação no curso das disciplinas, isto é, a formação do ser humano enquanto ser social, construtor de si mesmo e da história (LEONTIEV, 1994). Segundo Moura (1996), ensinar significa organizar ações que facilitem o acesso aos conhecimentos elaborados sócio-historicamente, de modo a promover mudanças qualitativas no psiquismo de quem aprende, ao possibilitar que o estudante estabeleça novas relações com o mundo objetivo (LEONTIEV, 1994).

Cientes de que a superação das condições ingênua e espontânea decorrentes das relações imediatas do cotidiano exigem do educador ações educacionais sistematizadas e conscientes, que considerem as necessidades do desenvolvimento humano (BERNARDES, 2009), o objetivo deste trabalho é analisar o processo educativo/formativo de estudantes de graduação de terapia ocupacional no campo social, a partir do processo de ensino-aprendizagem das disciplinas “Terapia Ocupacional Social” e “Terapia Ocupacional no campo da Educação”.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de docentes do curso de terapia ocupacional ilustrada com dados coletados dos diários de campos dos estudantes matriculados nas disciplinas do núcleo de TO Social, configurando triangulação metodológica intermétodos (DENZIN, 1989). O conteúdo dos diários foi analisado segundo unidades temáticas pertinentes à epistemologia crítica, quais sejam: necessidade, práxis e humanização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Necessidade é um conceito que diz respeito à transformação de um problema em um objeto de trabalho passível de ser transformado pela sua ação (LUKÁCS, 1980). No trecho a seguir, uma estudante expressa o momento de “alargamento” dos domínios da Terapia Ocupacional ao conceber a pobreza como determinante das atividades cotidianas.

[...]Por mais que pudéssemos avaliar, adaptar, treinar a avó da Joana, mesmo que ela conseguisse se alimentar com um recurso de tecnologia assistiva e fazer as suas atividades de vida diária sem assistência, ela ainda assim não teria autonomia, independência e emancipação. A pobreza não permite que as pessoas realizem suas tarefas ocupacionais de maneira satisfatória. (diário de campo, 2019).

A pobreza deixa de ser mero “contexto” ou ambiente do desempenho ocupacional (AOTA, 2014), como se concebe nas teorias funcionalistas, e a passa a ser vista como parte do objeto de análise e atuação terapêutico-ocupacional. O aprendizado da TO Social relaciona-se à dificuldade em conceber práticas de TO diante de realidades tão precárias. Entendeu-se, a partir disso, que a compreensão das necessidades da população atendida ocorre à medida que os estudantes se sentem aptos a transformar as demandas trazidas.

À medida que avançavam no processo educativo, os alunos identificavam mudanças na própria **práxis**, nos atos dirigidos a um objeto para transformá-lo guiados por um resultado ideal que culminam num produto final (VÁSQUEZ, 1977). Passam a ser exigentes quanto às metodologias usadas pelos profissionais, complexificando pouco a pouco o modo como concebem a práxis terapêutico-ocupacional. No início das disciplinas, os alunos, em sua totalidade, partiam de concepções humanistas-positivistas da profissão (FRANCISCO, 1988);

as propostas de intervenção não fugiam do campo da expressão de sentimentos, melhora da percepção de um fenômeno, aumento do bem-estar e funcionalidade. Neste ponto, nota-se que o foco da observação vai se distanciando, paulatinamente, do indivíduo para perceber o coletivo e estruturas sociais.

Ao longo do ensaio percebi que as músicas eram todas em inglês, um ritmo distante do que eles estão acostumados, a cada tempinho livre eles faziam o “passinho” de funk e pediam pra ela colocar esse estilo musical: “- Coloca funk, professora!!!” “-Não temos funk”, “- temos sim, eu trago um DVD”. A professora se mostrou todo tempo rígida com a questão disciplinar, queria mantê-los em ordem e efetivos na atividade (diário de campo, 2019).

O relato acima, realizado no primeiro dia de visita ao campo de práticas em uma escola pública de ensino fundamental, diz respeito às oficinas de dança realizadas no contraturno. A preocupação naquele instante era com a “liberdade”, a “escolha” de um ritmo musical. Algumas semanas depois, em seu diário de campo, a estudante, expandindo seu olhar, reflete sobre a situação de machismo que impedia alunos da escola a participarem das oficinas.

“O machismo estrutural reflete nas nossas ações e reforça que elas podem ser ele, mas ele não pode ser bailarina. Fizemos isso o tempo inteiro, mesmo sem perceber, e estar como observadora/ouvinte favorece para apurarmos os ouvidos e conseguir ouvir de maneira mais crítica (diário de campo, 2019).”

Durante todo o tempo em que estiveram em campo, os graduandos de Terapia Ocupacional refletiram sobre as necessidades dos jovens da escola, extrapolando noções liberais, desenvolvimentistas ou funcionais. Em outras palavras, foram experimentando uma práxis distinta do que conheciam ao reconhecerem a finalidade emancipatória das práticas em TO Social:

Os questionamentos que levantamos foi se eles viam semelhança no morro e no bairro Dunas, se tinha tráfico no Dunas, se sim, como eles sabiam? Em quais lugares do bairro? O que ouviam falar a respeito? Falamos sobre as oportunidades de estudar, ter um emprego formal e legalizado (na verdade sobre a falta delas), sobre as desigualdades sociais serem a raiz da violência, sobre as demais violências vividas por essas pessoas, como a do Estado de não cumprimento dos seus deveres, sobre o abuso policial na periferia e outras diversas questões mostradas na música [...] Conseguimos disparar isso através dos questionamentos da realidade deles e pudemos perceber na prática o que a teoria nos traz (diário de campo, 2019).

O trecho supracitado, ilustra o processo crítico-reflexivo de uma estudante quanto às representações estigmatizantes da juventude, à violência no território, às desvantagens culturais e vulnerabilidades. A “oficina de atividades” foi a metodologia escolhida pelo grupo de estudantes em campo, através do qual os jovens da escola pública podiam observar a realidade cotidiana para além da superfície (LOPES, et al, 2014). Futuros profissionais e jovens estudantes, ambos em processo de humanização ao perceberem que o mundo não está dado e os problemas que os acometem não fazem parte de uma realidade natural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos de ensino em Terapia Ocupacional, particularmente da TO Social, carecem de maior investimento por parte dos pesquisadores, levando-se em conta a pactuação histórica da profissão com as políticas públicas progressistas e com a democratização do país e, sobretudo, considerando a questão social como objeto da TO Social. Que perfil de profissionais está sendo formados nas instituições públicas? Qual o compromisso ético e político está presente nos currículos das universidades? Neste intuito, foi apresentado uma análise do processo de ensino em TO Social dentro de uma intencionalidade crítica. São resultados modestos, dentro do panorama politicossocial atual, contudo, espera-se que novos diálogos em Terapia Ocupacional se inspirem no desejo genuíno de produção de uma educação radicalmente comprometida com os problemas sociais que assolam o cotidiano dos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION. Occupational therapy practice framework: Domain and process (3rd ed.). **American Journal of Occupational Therapy**, v. 68, Suppl.1, p.1–48, 2104.
- BERNARDES, M.E.M. Ensino e aprendizagem como unidade dialética na atividade pedagógica. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 235-242, 2009.
- BEZERRA, W.; TRINDADE, R. Gênese e constituição da terapia ocupacional: em busca de uma interpretação teórico-metodológica. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 24, n. 2, p. 155-161, 2014.
- DENZIN, N. K. **The Research Act**. Englewood Cliffs: ~632'2'j mm., Prentice Hall, 1989.
- FRANCISCO, B.R. **Terapia Ocupacional**. Campinas, Papyrus:1988.
- GALHEIGO, S. Terapia Ocupacional Social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática. In: LOPES, R.E; MALFITANO, A.P. (Orgs). **Terapia**

Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos. São Carlos: EDUSFCAR, 2016. p. 49-68.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKYI S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5. ed. São Paulo: Ícone, 1994.

LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S.; SILVA, C.R.; BORBA, O.L.O. Recursos e tecnologias em terapia ocupacional social: ações com jovens pobres na cidade. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos**, v.22, p.591-60, 2014.

LUKACS, G. **The ontology of social being** - 3. Labour. Merlin Press: London, 1980.

MOURA, M. O. de. A atividade de ensino como unidade formadora. **Bolema**, 12, 29-43, 1996.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

O papel da monitoria na formação em Terapia Ocupacional – relato de experiência em uma oficina da memória

Mariana de Pontes Santiago

Érica Verônica de Vasconcelos Lyra

Marina Emanuelle da Silva Santos

O envelhecimento é um processo evolutivo, natural, gradual e irreversível, que acarreta, alterações biopsicossociais, como o declínio cognitivo, que pode afetar a memória e outros componentes cognitivos, avançando com o passar do tempo, e muitas vezes precisando de estimulação. Desde a formação acadêmica, o Terapeuta Ocupacional é profissional que irá compreender e analisar as atividades humanas, e pode utilizar atividades grupais, como a oficina da memória a fim de promover a estimulação cognitiva. Como forma de auxílio na formação acadêmica o monitor tem o papel de mediar a relação docente e discente. Relatar a vivência da monitoria acadêmica em uma Oficina da Memória com idosos com queixas de memória. O estudo caracteriza-se como um relato de experiência, o qual descreve o papel e importância da monitoria acadêmica para a formação de nível superior em Terapia Ocupacional, e como se deu este processo. Durante a oficina, foram realizadas diferentes formas de estimulação cognitiva, e ao longo das sessões houve o desenvolvimento de vínculos, raciocínio clínico dos discentes, e espaços de trocas horizontais de conhecimento entre todos os participantes, com auxílio do monitor. Conclusão: A monitoria é uma modalidade de iniciação a docência, e tem papel de mediar as relações entre docente e discentes, facilitando a construção do conhecimento, e a logística operacional da disciplina.

Palavras-chave: Envelhecimento; Memória; Monitoria; Oficina da Memória; Terapia Ocupacional

INTRODUÇÃO

Com a virada do século, e após as grandes guerras mundiais, a humanidade foi contemplada com grandes descobertas científicas, muitas destas na área médica, o que refletiu positivamente na condição de saúde da população em geral, que passou a ter acesso a um estilo de vida mais saudável e sustentável. Assim, a expectativa de vida cresceu mundialmente e este processo ocasiona uma inversão da pirâmide etária, ou seja, em poucos anos o número de

pessoas idosas crescerá muito (ALCANTARA; MATTOS; NOVELLI, 2019; BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2006).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), se caracteriza como idoso a pessoa com idade acima de 65 anos nos países desenvolvidos, e acima dos 60 nos países em desenvolvimento, entre estes, o Brasil. O processo de envelhecer, é inevitável, progressivo, e irreversível, e traz consigo alterações biopsicossociais, impactando a forma que o sujeito vivencia a experiência à vida (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005).

Dentre as principais mudanças no indivíduo e suas capacidades, existe um destaque para a cognição, que no processo de envelhecimento apresenta um declínio natural e esperado de suas funções, muitas vezes necessitando de uma estimulação. A cognição é formada pela memória, função executiva, linguagem, praxia motora (capacidade de executar movimentos) e gnose (capacidade de distinguir os estímulos sensoriais). A cognição preservada e ativa é responsável pela autonomia e independência de uma pessoa em gerir sua vida e por consequência gera menos dependência e adoecimento (EXNER; BATISTA; ALMEIDA, 2018; NASS et al., 2016).

O Terapeuta Ocupacional é o profissional que em sua formação acadêmica busca compreender e analisar as ocupações, papéis ocupacionais e atividades humanas, com o fim de promover a saúde, o desempenho ocupacional, a qualidade de vida, autonomia, independência e justiça ocupacional. Dentre suas muitas especialidades, o Terapeuta Ocupacional pode trabalhar com a reabilitação e estimulação cognitiva, valendo-se de técnicas para estimular as funções cognitivas, por meio de atividades, recursos terapêuticos, grupos e oficinas de estimulação (ARAÚJO et al., 2013; ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL, 2015).

A Oficina da Memória funciona através da participação ativa dos indivíduos em atividades dinâmicas, jogos, exercícios mentais, e de raciocínio lógico, tendo o objetivo de identificar as reais dificuldades de memória e outras funções cognitivas que influenciam na funcionalidade dos indivíduos. O desenvolvimento de estratégias mnemônicas, promove o envelhecimento saudável, além de gerar espaço de socialização, trocas de aprendizado, e a realização de atividades prazerosas (PLONER; GOMES; SANTOS, 2016).

Como forma de contribuir com a formação nos cursos de graduação, a monitoria acadêmica tem um papel de fundamental importância nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, auxiliando o despertar do interesse dos discentes, através da articulação entre teoria e prática, sendo uma forma horizontal de auxílio da aprendizagem e ponte de diálogo e parceria com os docentes (LINS et al., 2009).

O objetivo deste estudo é relatar a vivência da monitoria acadêmica em uma Oficina da Memória com idosos com queixas de memória, nas práticas da disciplina Terapia Ocupacional e Envelhecimento 1, de uma universidade federal, na região Nordeste do Brasil.

METODOLOGIA

O estudo trata-se de um relato de experiência, o qual descreve o papel e importância da monitoria acadêmica para a graduação em Terapia Ocupacional, e como se deu este processo. As atividades ocorreram por meio de um grupo, caracterizado como Oficina da Memória, realizado com 11 idosos com idades entre 60 e 80 anos, 5 alunos, 1 monitor e uma docente, do Departamento de Terapia Ocupacional de uma universidade federal da região Nordeste do Brasil, decorrente das aulas práticas da disciplina de Terapia Ocupacional e Envelhecimento 1. Realizaram-se dez encontros semanais, nas quintas-feiras, no período de março a junho de 2019. As atividades realizadas foram registradas ao final de cada sessão da oficina, semanalmente, facilitando a integração final com a literatura acerca da Terapia Ocupacional, estimulação cognitiva e a monitoria acadêmica.

RESULTADOS

A disciplina de Terapia Ocupacional e envelhecimento 1 tem carga horária total de 75 horas, sendo 45 horas teóricas e 30 horas práticas. Ao longo da disciplina os discentes deverão conhecer sobre as teorias do envelhecimento e sua construção social, bem como a diferença de envelhecimento ativo e patológico, as políticas públicas e estratégias de promoção do envelhecimento saudável, compreender a especialidade da Terapia Ocupacional em Gerontologia, discutir questões éticas e sociais sobre o envelhecer. A disciplina é composta por 3 campos de práticas, sendo um deles a Oficina da Memória.

Na primeira aula prática houve a apresentação dos 5 discentes ao campo, pelo monitor e docente. Foi realizada a exposição do programa, explicação da dinâmica das aulas e avaliações. Os deveres atribuídos ao monitor foram a checagem da pontualidade e frequência dos discentes e participantes da Oficina, a criação de grupo online para disponibilização dos conteúdos desejados pelos docentes para os discentes. Momentos semanais para esclarecer o conteúdo, realizar orientações, demonstrar exemplos e utilizar facilitações, e servir como vínculo horizontal entre aluno e professor. Também foi responsabilidade do monitor auxiliar o docente a contatar os idosos participantes da Oficina e conduzir alguns momentos de prática.

A monitoria acadêmica é uma função de iniciação à docência. São alunos que se interessaram mais profundamente por uma disciplina ou campo de estudo e obtiveram potencial para desenvolver suas capacidades técnico-didáticas. O papel do estudante monitor é realizar algumas tarefas que auxiliem os docentes de forma logística a realizar as atividades do plano de ensino, e também compreender as dificuldades e necessidades dos discentes que tutoria (CARDOSO; ARAÚJO, 2008).

DISCUSSÃO

Os 11 idosos participantes da Oficina constituíram um grupo heterogêneo em relação a idade, que variava dos 60 a 80 anos; quanto à escolaridade, existiam indivíduos com baixo nível de escolaridade, e pós-graduados. O grupo era fechado, pois a efetividade das intervenções e vínculo construído entres os participantes dependia da assiduidade e participação dos sujeitos. No primeiro encontro foram colhidas as principais queixas e motivações para os participantes procurarem a Oficina. A maioria queixava-se de pequenos lapsos de memória.

As primeiras 5 sessões foram conduzidas pela docente e Terapeuta Ocupacional com auxílio do monitor. Os idosos recebiam apoio dos alunos caso fosse necessário. Ao longo das últimas 5 sessões cada aluno ficou responsável pela condução das atividades por um dia, realizando dinâmicas e atividades em sala e preparando atividades para casa.

Foram realizadas dinâmicas corporais, atividades que trabalhavam a memória recente, memória de longo prazo, memória autobiográfica, linguagem, raciocínio lógico matemático, planejamento, e resolução de problemas. A Oficina da Memória foi um espaço de trocas horizontais, portanto, sendo um ambiente promotor de educação libertadora, onde o sujeito é o ator na construção do conhecimento, tanto para os participantes, quanto para os alunos (FREIRE, 2011).

Foi possível observar a evolução do raciocínio clínico dos estudantes e da relação terapeuta x paciente ao longo da disciplina, a partir de sua postura, dúvidas, iniciativa, condução, autoconfiança, análises das atividades, e adaptações no momento da intervenção.

CONCLUSÃO

O monitor é primordialmente a ponte entre o professor e os alunos e tem um papel fundamental em garantir a assimilação dos conteúdos abordados, sendo essa mediação muito necessária, pois como também é um aluno, os demais o veem com mais proximidade, tornando

mais fácil a busca pela pessoa do monitor. A experiência na monitoria proporcionou um momento de reflexão e olhar crítico sobre os conteúdos praticados no campo, que já haviam sido vistos na condição de aluno, mas que exigiram refinamento e aprofundamento no campo, para que fosse possível facilitar e auxiliar os estudantes de maneira simples, durante a construção de suas intervenções e em suas condutas com o grupo de idosos. Além disso é uma oportunidade de iniciação a atividade de docência e prática terapêutica ocupacional.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, M. DE; MATTOS, E. B. T.; NOVELLI, M. M. P. C. Oficina de Memória Sensorial: um relato de experiência. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 1, p. 208–216, 2019.

ARAÚJO, P. O. et al. Promoção da saúde do idoso: a importância do treino da memória. **Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 4, p. 169–183, 2013.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL. Estrutura da prática da terapia ocupacional: domínio & processo. **rev ter ocup univ São Paulo**, v. 26, n. (ed. esp.), p. 1–49, 2015.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa**, 2006. Disponível em: <bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html>

CARDOSO, M. M.; ARAÚJO, R. P. DE. **Monitoria Acadêmica: Relato de experiência em disciplina aplicada da terapia ocupacional** Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2008.

EXNER, C.; BATISTA, M. P. P.; ALMEIDA, M. H. M. DE. Experiência de terapeutas ocupacionais na atuação com idosos com comprometimento cognitivo leve. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 1, p. 17–26, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LINS, L. F. et al. A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor. **Instituto de Ciências Biológicas - PUCCAMP**, p. 4–5, 2009.

NASS, E. M. A. et al. A institucionalização do idoso com Alzheimer como consequência da dificuldade no trato com o idoso. **Rev enferm UFPE on line.**, v. 10, n. 11, p. 4090–4096, 2016.

PLONER, K. S.; GOMES, M. C.; SANTOS, S. T. DOS. Metamemória no envelhecimento e os impactos promovidos pela Oficina de Memória. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 13, n. 2, p. 197–218, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. p. 62,

2005.

Construção de recursos de tecnologia assistiva de baixo custo: relato de experiência

Larissa Conceição De Oliveira Martins

Maria Gisele Cavalcanti De Oliveira

Juliana Fonsêca De Queiroz Marcelino

A Tecnologia Assistiva é definida como área do conhecimento onde são estudados e produzidos produtos, recursos, serviços, orientações e práticas com o objetivo de promover a funcionalidade da pessoa com deficiência visando a autonomia e independência do sujeito, além de ser uma boa ferramenta no processo de inclusão social e diminuição das barreiras no cotidiano criadas pela sociedade. A partir deste contexto, o objetivo deste trabalho foi relatar a experiência de discentes de Terapia Ocupacional no contexto da Tecnologia Assistiva. A experiência foi vivenciada no período de outubro a novembro de 2018 a partir da disciplina de Tecnologia Assistiva e Acessibilidade do curso de Terapia Ocupacional. A confecção dos recursos assistivos seguiram as etapas de escolha do caso clínico, avaliação do caso para identificar a tecnologia assistiva necessária, pesquisa de modelos do produto, compra dos materiais de baixo custo, construção, realização de testes com o usuário para reajustes e entrega do dispositivo assistivo juntamente com as orientações aos pais. Na primeira fase definiu-se dois pacientes na fase da infância, com necessidades de recursos assistivos no cotidiano e baixas condições socioeconômicas. Em seguida, foram feitas pesquisas de tecnologias assistivas que atendessem às demandas das crianças. A terceira fase direcionou-se para a construção dos recursos em si de acordo com a individualidade das crianças e demandas. A última fase foram os testes, entrega dos recursos e orientações. Por fim, pôde-se concluir que experiências como essas são benéficas não apenas para o período de formação, mas também para a futura prática profissional.

Palavras-chave: Pessoas com Deficiência; Terapia Ocupacional; Equipamentos de Autoajuda; Tecnologia de Baixo Custo

INTRODUÇÃO

No Brasil, a tecnologia assistiva é definida como uma área do conhecimento onde são estudados e produzidos produtos, recursos, serviços, orientações e práticas com o objetivo de promover a funcionalidade da pessoa com deficiência ou algum outro tipo de limitação visando

a autonomia e independência do sujeito, além de ser uma boa ferramenta no processo de inclusão social e diminuição das barreiras no cotidiano criadas pela sociedade (BRASIL, 2009).

Em Países em desenvolvimento os recursos de Tecnologia Assistiva são de difícil acesso devido ao alto custo para aquisição, especificamente no Norte e Nordeste do Brasil, devido principalmente a situações socioeconômicas baixas, os produtos de tecnologia assistiva se tornam, em muitos casos, menos acessíveis trazendo evidências da importância dos produtos de baixo custo (HOHMANN; CASSAPIAN, 2011).

Considerando a importância da tecnologia assistiva nas diversas ocupações como autocuidado, alimentação, higiene pessoal, trabalho, educação e lazer, os equipamentos assistivos de baixo custo facilitam a execução de tais atividades pela própria criança com deficiência ou por seus cuidadores, proporcionando melhor qualidade de vida e independência. Vale ressaltar que é indispensável à apresentação e orientação dos equipamentos assistivos, principalmente aos pais das crianças que irão utilizá-los para que não ocorra a má utilização ou até o abandono dos dispositivos (SANTOS *et al.*, 2017).

O terapeuta ocupacional é um profissional que utiliza tecnologia assistiva de baixo custo considerando os contextos do sujeito e fabricando, adaptando ou prescrevendo os recursos assistivos de acordo com as demandas do paciente (HOHMANN; CASSAPIAN, 2011). Sendo assim, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de discentes do curso de Terapia Ocupacional na organização e confecção de equipamentos de tecnologia assistiva de baixo custo para crianças.

METODOLOGIA

Este trabalho é o relato de uma experiência vivenciada no período de outubro a novembro de 2018 a partir da disciplina de Tecnologia Assistiva e Acessibilidade do curso de Terapia Ocupacional. A confecção dos recursos assistivos seguiram as etapas de escolha do caso clínico, avaliação do caso para identificar o produto necessário, pesquisa de modelos do produto, compra dos materiais de baixo custo, construção, realização de testes com o usuário para reajustes e entrega do dispositivo assistivo. Os recursos de baixo custo construídos, que serão aqui relatados, são classificados como de adequação postural e de auxílio para a vida diária. O processo de construção do relato de experiência se deu por meio de duas etapas, sendo a primeira uma breve pesquisa bibliográfica de artigos em português acerca da utilização da Tecnologia Assistiva pela Terapia Ocupacional, na base de dados Google Acadêmico, Lilacs e Revista Brasileira de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, sem delimitação de

tempo nem de idioma e utilizando os descritores “tecnologia assistiva” e “terapia ocupacional”. A segunda se materializa por meio do relato dos discentes sobre o processo de construção dos dispositivos assistivos.

RESULTADOS

O processo de planejamento e construção dos recursos assistivos, dois tipos de cadeiras, foi dividido em quatro fases. As cadeiras confeccionadas se diferenciaram na finalidade do uso, onde uma foi pensada para adequação postural na ocupação do brincar e a outra para auxílio na Atividade de Vida Diária, especificamente o banho. Na primeira fase definiu-se dois casos clínicos reais de pacientes na fase da infância, com necessidades de recursos assistivos no cotidiano, oriundos de famílias com baixas condições socioeconômicas. Logo após, houve a escuta das principais queixas dos pais para identificar a área de intervenção.

Durante a segunda fase foram realizadas as pesquisas de possíveis tecnologias assistivas que atendessem às demandas das crianças, para serem utilizadas como gatilhos para o processo criativo. Assim, foram escolhidos recursos assistivos específicos para as crianças do caso clínico, porém tendo como exemplo modelos semelhantes e já existentes. Após a escolha do dispositivo, retirada das medidas necessárias para confecção, pesquisa e compra de materiais de baixo custo para a confecção.

A terceira fase direcionou-se para a construção dos recursos em si, de acordo com a individualidade das crianças e demandas. A cadeira de banho precisou ser construída desde o início, já a cadeira para adequação postural foi criada a partir da adaptação de uma cadeira plástica infantil. Os materiais usados para o primeiro dispositivo foram canos de PVC, cola específica para canos, fios de plástico espaguete para trançar a cadeira. Os materiais para o segundo dispositivo foram “espaguetes flutuantes” usados em piscinas, uma cadeira plástica de criança e cola específica para colar plástico.

A quarta e última fase se deu por meio do teste final, entrega dos recursos prontos e orientação dos discentes aos pais com relação às funções dos equipamentos, manuseio, cuidados e manutenção. Um ponto que vale ser ressaltado é a importância de mais de um teste para garantir a eficiência e segurança dos produtos. Devido ao pouco tempo para a construção das cadeiras, os alunos não puderam fazer mais de um teste, porém orientaram as mães caso algum imprevisto ocorresse.

DISCUSSÃO

Dantas (2012) traz em seu estudo que as principais dificuldades encontradas no cuidado estão relacionadas às atividades de vida diária, pois à medida em que as crianças crescem, o tamanho dificulta a realização de atividades como o banho, alimentação e caminhar. Tendo também como outro fator agravante a escassez de recursos adaptados e custo elevado para aquisição, foi de extrema importância que os alunos construíssem os recursos com materiais de baixo custo.

A Terapia Ocupacional busca por meio da confecção da tecnologia assistiva de baixo custo, facilitar as Atividades de Vida Diária de pacientes com deficiência e baixas condições socioeconômicas. A tecnologia assistiva, oriunda de materiais pré-fabricados e adaptados de outros materiais, é uma alternativa para atender as demandas desses pacientes sem precisar de tantos recursos financeiros (HOHMANN; CASSAPIAN, 2011).

Os recursos assistivos precisavam ser funcionais, pensados e construídos de acordo com as necessidades das crianças e proporcionarem o máximo de conforto. De acordo com Santos *et al.* (2017), grande parte das pessoas com deficiência abandonam algum tipo de tecnologia assistiva por falta de adaptação ou dificuldade de manusear ou posicionar o equipamento mesmo que elas entendam a importância deste em suas vidas.

Outro ponto importante durante o processo de construção foi a preocupação com a fácil higienização, estética e durabilidade dos recursos. As avaliações, testes, treinos e orientações são cuidados que o terapeuta deve ter para que os riscos à saúde do paciente sejam os mínimos possíveis e para que também não haja o abandono dos equipamentos, como já discutido anteriormente. O valor dos materiais também precisa ser visto, principalmente porque a maioria das famílias atendidas pelos serviços públicos não possuem grandes condições socioeconômicas, o que dificulta o acesso a esse tipo de material. Sendo assim, a tecnologia assistiva de baixo custo é uma forma de atender a diversas populações nesse tipo de situação (HOHMANN; CASSAPIAN, 2011).

Alves *et al.* (2012), traz em seu estudo que os terapeutas ocupacionais durante a graduação têm contato com o estudo da Tecnologia Assistiva em disciplinas específicas, projetos de extensão ou iniciação científica. Havendo então maior aprofundamento na área por meio de cursos, participações em congressos e produções científicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Terapia Ocupacional é uma profissão que trabalha em prol do indivíduo e das ocupações nas quais ele está inserido, analisando todos os seus contextos e demandas para que assim possa prestar a melhor assistência possível. No campo da Tecnologia Assistiva essa assistência pode se dar através da construção, prescrição ou adaptação de equipamentos que auxiliem os indivíduos no seu cotidiano.

A oportunidade dada aos discentes para experienciar esse processo é extremamente benéfico não apenas para a fase acadêmica, mas também para a futura prática profissional, pois permite que os alunos tenham contato com pacientes reais e já vejam na prática os cuidados necessários e os resultados consequentes de um raciocínio clínico bem elaborado e estudado, levando em consideração aspectos biopsicossociais do paciente em busca de facilitar o cotidiano.

REFERENCIAS

ALVES, A. C. J. ; EMMEL, M. L. G.; MATSUKURA, T. S. Formação e prática do terapeuta ocupacional que utiliza tecnologia assistiva como recurso terapêutico. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 23, n. 1, p. 24-33, jan./abr. 2012.

BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. B823 t Comitê de Ajudas Técnicas Tecnologia Assistiva. – Brasília : CORDE, 2009.

DANTAS; M. S. A.; PONTES, J. F.; ASSIS, W. D.; COLLET, N. Facilidades e dificuldades da família no cuidado à criança com paralisia cerebral. **Rev Gaúcha Enfermagem**. V. 23, n. 3, p. 73-80, ago. 2012.

HOHMANN, P.; CASSAPIAN, M. R. Adaptações de baixo custo: uma revisão de literatura da utilização por terapeutas ocupacionais brasileiros. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 10-18, jan./abr. 2011.

SANTOS, R. F.; SAMPAIO, P.Y.S., SAMPAIO, R.A.C., GUTIERREZ, G. L., ALMEIDA, M.A.B. Tecnologia assistiva e suas relações com a qualidade de vida de pessoas com deficiência. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 28, n.1, p.54-62, jan./abr. 2017.

A dualidade das vivências em sala de aula: conhecendo a Terapia Ocupacional e se reconhecendo como profissional

Marilya Santos Costa

Tais Bracher

Manoel Gomes

Trata-se de um relato de experiência da dupla vivência na disciplina “Habilidades Profissionais em Terapia Ocupacional I”, da graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe, Campus Lagarto. As aulas aconteceram durante o ano letivo de 2018 com carga horária total de 120 horas, e tinham como roteiro um momento inicial teórico, uma vivência em grupo e por último, uma discussão sobre um artigo dentro da área temática trabalhada no dia, e como resultado da vivência, para cada aula é produzido um portfólio que serviu como base para esse relato. Com essa reflexão, foi possível refletir e compreender o quanto todo o processo de aprendizagem experimentado consegue se unir a evolução profissional de cada aluno, não somente pela aquisição de conhecimento teórico, mas também pelas experiências significativas que afetam e produzem reflexões essenciais ao discente e uma postura profissional diferenciada. Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Educação Superior; Aprendizagem Baseada em Problemas.

INTRODUÇÃO

Este artigo é uma oportunidade e um convite para refletir sobre a dualidade presente nas vivências em sala de aula no componente curricular de Habilidades Profissionais em Terapia Ocupacional I (HAPRO I), do segundo ano da graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe, Campus Lagarto, que apesar de ser o segundo ano da graduação, é o primeiro ano de contato com assuntos específicos da Terapia Ocupacional de forma integral. O processo de transição entre o primeiro ciclo comum, em que se aprofunda em assuntos básicos para todas as profissões de saúde para o segundo ciclo (considerando que uma maioria dos alunos pouco conhecem ou possuem poucas definições sobre o que de fato é a Terapia Ocupacional) é importante, pois especialmente para os discentes em Terapia Ocupacional, esse é o primeiro contato com a profissão. Pensando nisso, os planos de aula são todos voltados para essa questão, inclusive o de HAPRO I em que as vivências com destaque

nas três primeiras aulas se voltam para esse conhecer da profissão e ao mesmo tempo, se reconhecer como profissional.

O processo de Terapia Ocupacional é a estrutura que caracteriza toda atuação profissional e o que precisa ser realizado. Segundo Willard e Spackman (2011,p.484): “é o método de resolução do problema terapêutico utilizado pelos profissionais para ajudar os clientes a melhorarem seu desempenho ocupacional”. Esse processo de Terapia Ocupacional vai sendo construído nas vivências em HAPRO I partindo sempre do princípio que através da vivência prática, o discente começa a perceber a força e a influência que todo esse processo terapêutico tem não só conhecendo sua fundamentação teórica, mas sim reconhecendo por sua experiência prática como de fato ele acontece. Os encontros semanais durante o segundo ciclo em Terapia Ocupacional sempre aconteceram pela perspectiva de uma atuação em grupo, sendo só uma atividade em específico utilizando a abordagem de atividades em grupo, mas predominantemente é utilizada a abordagem de grupos de atividades.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, elaborado no contexto da disciplina Habilidades profissionais em Terapia Ocupacional I , ministrada no segundo ciclo do curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Universitário Professor Antônio Garcia Filho – Lagarto/Sergipe que tem como objetivo principal compreender a dualidade presente nas vivências em sala de aula dessa disciplina. A base metodológica utilizada na atividade foi o portfólio da aula 02 da citada disciplina que aconteceu dia 12 de julho de 2018 e que possui as seguintes práticas que exploravam muito a expressão e o pintar, tendo três momentos diferentes: O primeiro que consiste em desenhar a brincadeira favorita da infância e compartilhar com os colegas de turma. O segundo momento era para rabiscar por 10 minutos na folha do jeito que desejasse e logo após colorir as imagens que era possível encontrar dos rabiscos e a terceira e última que era para desenhar até o momento da docente pedir pra parar e logo após ir repassando o desenho para o colega do lado, transformando uma atividade individual em coletiva. Dentre as questões presentes nos portfólios que são quatro: 1- Descrição do encontro, 2- reflexões sobre as experiências vivenciada, 3- a descrição da aplicabilidade deste encontro para sua vida profissional e a 4- Discorra sobre a correlação entre a literatura da aula com as atividades desenvolvidas), foram utilizadas como base desse relato: a questão 2- reflexões sobre a

experiência vivenciada e a questão 3- descrição da aplicabilidade deste encontro para sua vida profissional.

RESULTADOS

Observou-se que as primeiras aulas da disciplina HAPRO I possuía características essenciais para o discente reconhecer a profissão e que nesse processo também está imerso o reconhecimento enquanto profissional, esse duplo processo de conhecimento acaba acontecendo principalmente pela organização das aulas em parte teórica e uma parte prática em que acontecem vivências que proporcionam isso. Ao responder uma questão do portfólio construído sobre a aula, um dos autores apresentou as seguintes reflexões sobre a experiência vivenciada: “Essa experiência além de trazer a importância da análise da atividade ela despertou sentimentos profundos e nostálgicos e além disso, teve os sentimentos de posse do desenho que foram quebrados na parte da prática que tinha para compartilhar do desenho, fazendo cada discente sentir na pele o que vai ser vivenciado nas atividades com os nossos clientes. Nessa vivência para mim não teve pontos negativos e nem dificuldades, o que predominou foram sentimentos de felicidade e nostálgicos por lembrar da minha infância.”

Em relação a descrição da aplicabilidade deste encontro para sua vida profissional, as reflexões do mesmo foram: “Esse encontro se aplica perfeitamente a minha vida profissional pois vivenciando a experiência de passar por uma atividade aparentemente simples pode despertar o subjetivo da pessoa, sentimentos muito importantes e a força da atividade. Além de no terceiro momento da parte prática em que olho o meu desenho depois de ter passado por todos da turma e inicialmente me sinto triste e frustrada por não ter ali tudo que eu tinha planejado foi um importante exercício e uma experiência que me mostrou os desafios que irei enfrentar no processo terapêutico da atividade com meu cliente e que eu devo desde já trabalhar e saber lidar com isso para que não afete a minha prática enquanto terapeuta ocupacional”. Demonstrando o quanto claramente as vivências possuíram impacto importante e considerável tanto para percepção do fazer de cada atividade quanto cada vez mais exercitar um olhar pela perspectiva da Terapia Ocupacional.

DISCUSSÃO

A experiência prática presente nas aulas de HAPRO I auxiliam no processo de aprendizagem dos discentes, tornando possível uma relação muito mais clara dadas as bases

teóricas que são estudadas ao que acontece na prática, pois além de compreender as principais dificuldades enfrentadas ou os principais pontos positivos, é a base para enriquecer e incentivar a prática profissional, servindo como uma forma de perceber em si mesmo a força e a magnitude encontrada na prática profissional, sendo, assim, incentivador principal para que alunos continuem na graduação e acreditem no poder terapêutico inato as práticas em Terapia Ocupacional e como afirma Constantinidis e Cunha (2013, p.151): “Esta articulação traz uma dinâmica, um movimento circular em que a investigação parte dos fatos, do contexto, e a eles retorna após um processo de apropriação teórica”. Os encontros acontecerem pela perspectiva de grupos que segundo o dicionário da Terapia Ocupacional é (2006, p.49) “uma pluralidade de três indivíduos ou mais que então em citado mútuo que se consideram e possuem um objetivo comum” que sem dúvidas fazem total diferença no processo de aprendizagem e principalmente nessa dualidade das vivências em HAPRO I, pois como afirma Saeki et al. (1999, p.343) “viver o grupo significa ainda lidar com a diversidade, com a falta de algo pronto e acabado, mas também, com a união e a criação”. O ambiente da sala de aula se constrói quase sempre por uma perspectiva coletiva que incentiva o desenvolvimento de habilidades para trabalhar em grupo, pois como comenta Silva e Corrêa (2002, p.464): “trabalhar em grupo exige uma compreensão da complexidade das relações humanas em suas dimensões políticas, institucionais e interpessoais, envolvendo a diversidade de modos de pensar, sentir e agir.” Dentre todas as aulas com suas respectivas vivências, foi selecionada para esse relato de experiência a segunda aula do ano letivo do ano de 2018.1 por justamente está na fase de transição do ciclo comum para o específico da Terapia Ocupacional e por possuir vivências que tiveram forte impacto e serviu como base e fomentar o interesse de escrever sobre esse tema. A parte teórica dessa aula se volta a discussão do quanto a experiência profissional está repleta de desafios e também de experiências extraordinárias, tendo como literatura principal o texto: Convite para pintar – reflexões sobre o período de estágio e a parte prática que se divide em 3 momentos diferentes: desenhar a brincadeira favorita, rabiscar por 10 minutos na folha do jeito que desejasse e logo após colorir as imagens que era possível encontrar dos rabiscos e o terceiro e último era para desenhar até o momento da professora pedir para parar e logo após ir repassando o desenho para o colega do lado, transformando uma atividade individual em coletiva. Cada momento da parte prática dessa aula desperta diferentes aspectos da dualidade presente, que sempre foi motivo de questionamentos, no primeiro e segundo momento ao relatar e retomar momentos da infância, tornou nítido ao realizar essas atividades e observar os demais discentes retratarem da suas experiências, a força e a importância da atividade e assim permitir a compreensão significativa da importância do fazer e da prática profissional mas ao mesmo

tempo, ao ouvir e a ter essa experiência, se tornou nítido que a situação não estava sendo percebida só pela perspectiva individual e sim por uma perspectiva profissional, que de forma gradual começou a ser construída. O terceiro momento é o momento mais crucial por se iniciar com uma atividade individual e transformá-la em atividade em grupo pois ao entrar em contato com os desenhos dos demais discentes e perceber como o desenho foi transformado e ao invés de colocar as impressões pessoais, iniciou por meio da vivência, o exercício de que mesmo a atividade despertando algum sentimento individual é necessário moldar e intervir na situação por uma perspectiva profissional, sendo possível perceber o poder da atividade e o impacto que as mesmas vão ter ao serem realizadas nos futuros clientes pois essa vivência permite o exercício de se enxergar e ao mesmo tempo enxergar o outro, que além de ser primordial para aquisição de habilidades profissionais, permite o discente se colocar no lugar do outro e assim compreender toda a subjetividade presente em tudo o que essa atividade e essa vivência da aula em especial trás à tona.

CONCLUSÃO

A disciplina de Habilidades Profissionais em Terapia Ocupacional I é imprescindível para a construção profissional, pois além de permitir o treinamento de habilidades para se trabalhar em grupo, é a disciplina que acaba possuindo a função de aproximar o discente a profissão, apresentá-la de forma clara e palpável e permitir o reconhecimento enquanto profissional. Dentro do contexto de transição do primeiro ano que apresentam conteúdos gerais para o segundo ano que se inicia os assuntos específicos, o pouco conhecimento dos discentes do que realmente é a Terapia Ocupacional e como atua, essa disciplina favorece o processo de criação do raciocínio clínico dos discentes ampliando a visão sobre a terapia ocupacional e sua prática profissional, além de exercer um papel importantíssimo em acalmar os anseios e permitir a continuidade no curso pois ao se deparar com o potente poder das atividades e se vê cada vez mais claro como profissional por conta das vivências em cada aula, as dúvidas que se fazem presentes no primeiro ano da graduação e que causa a sensação de medo são esclarecidas pois além de conhecer a profissão, se reconhece como futuro terapeuta ocupacional.

REFERÊNCIAS

- CIRINEU, C.; FIORATI, R.; ASSAD, F. **A utilização de técnicas de grupo em sala de aula: contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na graduação em terapia ocupacional.** Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 27, n. 3, p. 349-354, 30 dez. 2016.
- CREPEAU, E. B.; COHN, E. S.; SCHELL, B. A. B. **Willard & Spackman – Terapia Ocupacional.** 11.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; DA CUNHA, Alexandre Cardoso. **A formação em Terapia Ocupacional: entre o ideal e o real.** Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 24, n. 2, p. 149-154, 2013.
- JACOBS, Karen (Ed.). **Dicionário de terapia ocupacional: guia de referência.** 4. ed. São Paulo, SP: Roca, 2006. 248 p. ISBN 9788572416153.
- SAEKI, T.et al. **Reflexões sobre o ensino de dinâmica de grupo para alunos de graduação em enfermagem.** Rev Esc. Enf. USP, São Paulo, v.33, n.4, p. 342-7, dez. 1999.
- SILVA, Keylla Mara Campos da; CORREA, Adriana Katia. **O trabalho em grupo: vivências de alunos de enfermagem.** Rev. bras. enferm., Brasília , v. 55, n. 4, p. 460-465, Aug. 2002.

Construindo para construir-se: experiência da construção de um recurso terapêutico

Marilya Santos Costa

Tais Bracher

Manoel Gomes

Maria Emily

Este artigo é uma reflexão sobre a vivência da construção de um recurso terapêutico em sala de aula na disciplina Habilidades Profissionais em Terapia Ocupacional I (HAPRO I) do curso de graduação em Terapia Ocupacional na Universidade Federal de Sergipe - Campus Lagarto. Trata-se de um relato de experiência do tipo descritivo da vivência da construção de um recurso terapêutico em HAPRO I em que a avaliação da subunidade foi exatamente a construção de um recurso terapêutico que aconteceu no período de janeiro de 2019 em grupo e com uma orientação específica: o recurso terapêutico tinha que ter como objetivo terapêutico a estimulação cognitiva para o público infantil. Essa experiência se mostrou essencial tanto por colocar em prática a capacidade de criação e criatividade dos discentes, a capacidade de ressignificar objetos e assim conseguir contemplar um objetivo terapêutico específico, quanto de promover a aptidão de trabalhar em grupo já que nem o objetivo do recurso e nem os componentes do grupo puderam ser escolhidos. Servirão como base desse relato tanto as anotações para produção do recurso quanto a análise da atividade construída. Dessa maneira refletimos quanto todo o processo de aprendizagem na construção de um recurso em HAPRO I no curso de graduação em Terapia Ocupacional é essencial para desenvolvimento de habilidades cruciais para uma prática profissional de qualidade.

Palavras-chaves: Terapia Ocupacional; Educação Superior; Aprendizagem baseada em problemas.

INTRODUÇÃO

A construção de um recurso terapêutico envolve processos criativos e cognitivos importantes para o raciocínio profissional que segundo Mancini e Coelho (2008, p.13):” é o processo complexo e multifatorial e requer o emprego da análise metacognitiva, ou seja, capacidade de pensar e refletir sobre o processo de tomada de decisão clínica (ou raciocínio) aplicada a determinada situação. Ao se deparar com um tema, uma faixa etária de vida e um

objetivo terapêutico específico e a necessidade de criar algo que pode estar associado a ser de pouco custo, com muita funcionalidade e praticidade, é necessário reunir toda base teórica relacionada ao objetivo específico e ressignificar de maneira criativa outro recurso ou colocar em prática alguma ideia.

Como comenta Almeida et al (2002, p.130), sobre a importância e o seu objetivo na construção de um recurso terapêutico: “é desenvolver a “linguagem da atividade”, ou seja, a literatura da ação humana, através da sensibilização, vivência, observação e reflexão sobre o processo do fazer”, esclarecendo o quanto o processo de construir um recurso terapêutico, o processo do fazer é importante e crucial para prática em Terapia Ocupacional.

No processo do fazer envolvido na construção de um recurso terapêutico está imerso o treinamento de habilidades criativas inerentes a um terapeuta ocupacional: alterar o objetivo de um recurso ressignificando o seu uso, conseguir de maneira muito mais econômica construir um recurso bom, mas que possui um alto custo e trabalhar o olhar enquanto profissional, enxergando possibilidades terapêuticas em algo que jamais seria associado a um recurso terapêutico eficiente e como afirma Hagedorn (2007,p.96): “a crença de que o envolvimento na ocupação seja terapêutico é o núcleo histórico da prática profissional”

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência, elaborado no contexto da disciplina Habilidades Profissionais em Terapia Ocupacional I, ministrada no segundo ciclo do curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Universitário Professor Antônio Garcia Filho – Lagarto/Sergipe, que tem como objetivo principal compreender os sentimentos e percepções da vivência da construção de um recurso terapêutico para disciplina.

Neste ínterim, cada grupo construiu e entregou um recurso que estimule o aspecto designado, além de um relatório e uma análise de atividade sobre o mesmo. O grupo em questão foi responsável pela construção de um recurso terapêutico que estimule a cognição para o público infantil. O recurso se chama a Floresta Encantada e pode ser usado com crianças maiores de 5 anos. Para a construção do recurso foram utilizados os seguintes materiais: Caixa de papelão, imagens impressas dos animais, EVA, cola quente, pistola, lápis, tesoura e velcro. Na atividade, a criança precisa relacionar o animal da história que está sendo contada com as sombras na caixa.

As bases metodológicas utilizadas foram anotações sobre as ideias para a construção, relatório e a análise de atividade entregues junto com o recurso terapêutico que aconteceu no dia 24 de janeiro de 2019 e além desses materiais que expressam os sentimentos e considerações importantes sobre o processo de construção do recurso terapêutico, foi utilizado reflexões, inquietações e percepções vivenciadas pelos autores diante essa experiência.

RESULTADOS

A vivência relatada resultou em um recurso de estimulação cognitiva, cuja atividade consiste em após mostrar para o cliente tudo que vai ser utilizado na atividade e como que vai acontecer, iniciar a leitura da história, na medida que um animal for mencionado, observar se a criança percebeu o que precisa fazer, continuando assim a leitura da história, assim que o animal for reconhecido e sua sombra for encontrada até o último animal ser encaixado, finalizando a atividade. “Essa experiência permitiu um crescimento diante da análise e decisão de qual o melhor recurso para o caso, os melhores materiais para a construção e como utilizar o recurso de uma forma lúdica e que chame atenção do sujeito. Ademais, o processo de construção permitiu um engajamento em grupo e uma experiência e confiança para a vida profissional”.



DISCUSSÃO

No dicionário Aurélio, segundo Silveira (2007, p.660), “recurso” significa: “Auxílio; meio.” e de acordo com Silveira (2007, p.750) “terapêutico” refere-se à “terapêutica”, que significa: “Parte da medicina que trata da escolha e administração dos meios de curar doenças, de acordo com sua natureza.” Neste ínterim, quando se pensa no termo “recurso terapêutico”, remete à o que se usa para obter um tratamento terapêutico e um cuidado mais centralizado, nesse sentido, a construção de um recurso terapêutico pelo próprio profissional, torna o recurso ainda mais específico para a demanda do caso.

A partir disso, a experiência prática vivenciada na disciplina de HAPRO I, permitiu uma maior compreensão da importância de um recurso terapêutico no cuidado e na prática clínica. A construção do mesmo possibilita que o profissional se engaje na confecção do melhor para os pacientes, sempre priorizando a segurança e a eficácia do que está sendo construído para o tratamento do sujeito.

Segundo Hagerdorn (2007, p.96), “o desempenho de tarefas e atividades coloca uma demanda para o indivíduo de aprender, adaptar e responder. O processo de desempenho e as percepções do consequente produto criam mudanças no indivíduo nos domínios da ação, interação e reação”. Diante disso, é no momento de construção que o terapeuta ocupacional escolhe o melhor para o cuidado e se permite experimentar o que irá ser vivenciado pelo seu paciente, possibilitando assim um atendimento mais enriquecedor do ponto de vista terapêutico.

Sendo assim, essa experiência foi enriquecedora para os discentes, pois permitiu que os mesmos usassem a criatividade e o raciocínio para a escolha do que fazer e como construir o que foi decidido, pensando assim nos melhores materiais, em todas as etapas de construção, o efeito do recurso e o resultado terapêutico do mesmo. É muito importante todo esse processo para a vida profissional, pois além de ser algo de baixo custo para o TO, possibilita que o profissional alcance novas descobertas, ampliando o seu raciocínio, criatividade, habilidade no fazer e exploração de novas ideias em toda a sua prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um recurso terapêutico se apresenta como uma experiência rica em pontos positivos e reflexões que são importantes e vitais para subsidiar uma prática profissional construída com habilidades que permitem o profissional em terapia ocupacional um olhar ampliado, ressignificar objetos, recursos e possibilidades. Além disso, permite uma experiência significativa e importante para a formação em terapia ocupacional mas sem se esquecer o que comenta Medeiros (2010, p.154): “o uso de atividades não é exclusividade de terapeutas ocupacionais, obviamente, mas é a configuração de seu uso que lhe confere a possibilidade terapêutica”, que é o que deve seguir como lema para todos os terapeutas ocupacionais nas suas práticas profissionais.

REFERÊNCIAS

AKASHI, Lucy Tomoko et al. **Dialogando sobre o processo de ensino e aprendizagem de atividades e recursos terapêuticos**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 10, n. 2, 2010.

BUENO, Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo. FTD, 2007.

HAGEDORN, Rosemary. **Ferramentas para a prática em terapia ocupacional: uma abordagem estruturada aos conhecimentos e processos centrais**. São Paulo, SP: Roca, 2007. 477 p. ISBN 9788572416917

MANCINI, Marisa. C; COELHO, Zélia. A. C. Raciocínio em Terapia Ocupacional in: DRUMMOND, A. F; REZENDE, M. B. **Intervenções de Terapia Ocupacional**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MEDEIROS, Maria Heloisa da Rocha. **Terapia ocupacional: um enfoque epistemológico e social**. São Paulo, SP: EdUFSCar, 2003. 184 p. ISBN 9788527105972.007.

O brincar na construção do vínculo em práticas de ensino em Terapia Ocupacional

Millena Vanusa Cavalcante de Macêdo

Camila Salgueiro vieira Moura

Charlene Lays Alves Alexandre

Laura Fernandes Costa

Maria Eduarda Mendonça dos Santos

Janssen Macdowell Cavalcante da Silva

O brincar é uma das ocupações mais vista e analisada pelos Terapeutas Ocupacionais, pois esta faz parte inata do desenvolvimento de qualquer criança. O brincar representa uma ferramenta primordial na área do desempenho e do desenvolvimento na infância, sendo visto como um agente facilitador no processo de edificação do vínculo. Trata-se de um relato de experiência do tipo descritiva, realizado a partir de aulas práticas do módulo de Intervenções em Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência, onde foram realizadas durante cinco meses atendimentos com crianças. Pode-se constatar que, é de grande importância o brincar como recurso para a construção do vínculo nos atendimentos, visto que as práticas possibilitam a participação e assimilação dos fatos vivenciados, contribuindo com a experiência de perceber que a brincadeira oferece a criança maior segurança e confiança em relação ao terapeuta durante o atendimento. É percebido que o uso do brincar provoca impacto positivo nos atendimentos, contribuindo com uma evolução satisfatória. Firmando a díade teoria e prática, o que se aprende em teoria em sala de aula e estrutura-se como ferramenta crucial para o favorecimento de experiências em Terapia Ocupacional para o acadêmico. Comprovou-se que o brincar como ferramenta de construção vínculo é o meio mais eficaz para que os atendimentos ocorram com mais harmonia. A experiência das aulas práticas ampliou nossa percepção do quanto o brincar é a maneira mais eficaz para conseguir a confiança da criança.

Palavras- chave: Brincadeiras. Vínculo. Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

O brincar, tão característico da infância, traz inúmeras vantagens para a constituição da criança, proporcionando a capacitação de uma série de experiências que irão contribuir para o

desenvolvimento futuro dela, que pode estar relacionadas ainda com a aprendizagem, como na forma de aprender, por exemplo (ROLIM, et al., 2008).

A priori, considera-se que a principal atividade humana que compete à criança é o brincar, sendo por meio dele que elas se desenvolvem, se comunicam com o meio e com os outros, e aprendem regras sociais. Outrossim, é por meio da brincadeira que a criança recria regras, deixa a imaginação e os sentimentos livres, e, como resultado, é capaz de expressar suas experiências (CARVALHO e BEGNIS, 2006).

É de conhecimento geral que, o brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, ou seja, fazendo imitações, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair (MELO e VALLE, 2005).

É indiscutível que, o brincar é um comportamento que percorre séculos e independente da cultura ou classe social, fazendo parte da vida do ser humano, sendo por intermédio dele que as crianças socializam, comunicam, trocam experiências, desafiam uns aos outros e se interagem. Ademais, enriquece a dinâmica das relações sociais, fortalecendo a relação na construção dos vínculos, como exemplo entre o ser que ensina e o ser que aprende (MODESTO, 2014).

Evidencia-se, com frequência, a respeito da Terapia Ocupacional como sendo denominada uma profissão capacitada em avaliar o brincar durante a sua intervenção na área infantil, podendo a partir disso planejar as intervenções, incluindo a avaliação do desempenho da criança nas atividades lúdicas, identificando as possíveis limitações. Além de o brincar se inserir como meio e fim terapêutico, ou seja, utilizado para o alcance dos objetivos, e também como fim em si mesmo (SANTOS, et., 2010).

Cogita-se que, as práticas podem ser fundamentadas através do brincar, como sendo essencial e necessária no processo de desenvolvimento de todas as crianças, facilitador no processo edificação do vínculo, podendo servir também como elo potencializador entre a criança e o profissional, enfocando não apenas a atividade desenvolvida, mas o tipo de relação estabelecida (JORGE, et, al. 2011).

Em linhas gerais, o objetivo primordial do trabalho é relatar a vivência em aulas práticas na clínica, suscitando a importância do brincar como recurso indispensável na construção do vínculo com o público infantil.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência do tipo descritiva, realizado a partir de práticas clínicas do módulo de Intervenções em Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência, onde foram realizadas durante cinco meses atendimentos com crianças. A partir disso, foram realizados os acompanhamentos sob a supervisão de uma preceptora responsável pelo grupo dessa prática. Essas, aconteciam durante as terças feiras, no período de março a junho, no horário matutino de 08h às 12h. No início realizou-se o processo de acolhimento dos acadêmicos com os usuários e anamnese com o responsável pela criança viabilizando entender toda a história das crianças e identificar as principais dificuldades e potencialidades das mesmas.

Com isso foram feitas divisões dos acadêmicos referentes a criança que cada um iria atender, e logo após deu-se início aos atendimentos, esses de maneira individual, e logo nas três primeiras sessões buscou-se a construção do vínculo, introduzindo o brincar como recurso essencial nesse processo.

RESULTADOS

Constatou-se durante as aulas práticas a importância da utilização do brincar como recurso para a construção do vínculo nos atendimentos, pois foi através dele que pudemos iniciar as intervenções uma vez que as crianças se apresentavam inseguras, e irritadas durante os atendimentos. Com isso, constatou-se que as práticas possibilitam a participação e assimilação dos fatos vivenciados, contribuindo com a experiência de utilizar do brincar para oferecer a criança maior segurança e confiança em relação ao terapeuta, para então inicia-se os atendimentos. Pode-se mencionar ainda, a possibilidade de ser fazer referência ao arcabouço teórico da profissão, oferecendo o desenvolvimento de uma visão crítica da realidade.

Sabemos que as aulas práticas são uma grande oportunidade de colocar-se em prática o arcabouço teórico estudado, evidenciando o brincar que tanto é visto em teoria e que contribuem para a aprendizagem dentro do curso de Terapia Ocupacional, pelo despertar do olhar como estudante, principalmente nesse caso através do brincar como recurso indispensável no processo de construção do vínculo com a criança. Destarte, vale ressaltar que a atuação direta de estudantes na prática exposta faz com que seja notório o progresso e empoderamento no modo como lidar com o público infantil.

DISCUSSÃO

O brincar, como recurso facilitador para a construção do vínculo deve ser presença constante na clínica, uma vez que no brincar a criança apresenta sua forma de ser e agir, além de apontar o conhecimento de para qual assistência em Terapia Ocupacional se destina (TAKATORI, 2010). Ademais, segundo Simpson (2007) a utilização do brincar como recurso terapêutico na perspectiva da transicionalidade, percebido pelo impacto positivo nos atendimentos, promovendo uma satisfatória evolução clínica das crianças, reduzindo o nível de insegurança dessas.

É possível salientar que o brincar estrutura-se como ferramenta crucial para o favorecimento de experiências em Terapia Ocupacional para o acadêmico do curso, possibilitando-o a relação terapeuta-paciente e atividade, fazendo-o vivenciar formas de como conquistar o paciente e construir assim um vínculo efetivo para então iniciar as intervenções.

CONCLUSÃO

Logo, as aulas práticas despertaram a capacidade de ampliar as concepções sobre a criação de vínculos nos atendimentos, como também interesse na compreensão do benefício que, o brincar como recurso pode estar fornecendo para a formação acadêmica de graduandos em Terapia Ocupacional, ratificando as dificuldades e limites que possam ser impostos.

Dessa forma, pode-se perceber o quanto é gratificante o aprendizado por intermédio das aulas práticas na clínica, pois essas tem a capacidade de proporcionar a compreensão detalhada do que é posto em aulas teóricas, podendo observar ainda que o brincar é um recurso efetivo nos atendimentos em Terapia Ocupacional, estreitando o vínculo entre paciente e terapeuta, conseguindo realizar intervenções de modo mais satisfatório.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, A. M., BEGNIS, J. G. Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 109-117, jan./abr. 2006.
- JORGE, Maria Salete Bessa et al. Promoção da Saúde Mental-Tecnologias do Cuidado: vínculo, acolhimento, co-responsabilização e autonomia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 3051-3060, 2011.

MELO, Luciana; VALLE, Elizabeth. O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, jan./mar. 2005.

MODESTO, Monica Cristina; RUBIO, J. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, p. 1-16, 2014.

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Revista Humanidades**, v. 23, n. 2, p. 176-180, 2008.

SANTOS, Camila A.; MARQUES, Eliana M.; PFEIFER, Luzia Iara. A brinquedoteca sob a visão da terapia ocupacional: diferentes contextos. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 14, n. 2, 2010.

SIMPSON, Clélia Albino et al. O brincar como instrumento terapêutico na visão da equipe de saúde. **Ciência, cuidado e saúde**, v. 6, n. 3, p. 335-341, 2007.

TAKATORI, Marisa; BOMTEMPO, Edda; BENETTON, Maria José. O brincar e a criança com deficiência física: a construção inicial de uma história em Terapia Ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 9, n. 2, 2010.

Terapia Ocupacional em leitos integrados de saúde mental: um relato de experiência

Larissa Coneição de Oliveira Martins

Lívia Giselle Padilha e Silva Travassos Padilha

Vera Lúcia Dutra Facundes

Islandia Correia dos Santos Bezerra

Maíra dos Santos Rodrigues

A Rede de Atenção Psicossocial é composta por vários serviços incluindo os leitos de atenção integral, específicos para pessoas com transtornos mentais com complicações de saúde decorrentes do uso de álcool e outras drogas. Dentre os profissionais de nível superior o Terapeuta Ocupacional se insere como parte integrante da equipe de Leitos de Saúde Mental no Hospital Geral intervindo nas atividades de vida diária, atividades de vida prática, atividades de lazer, social e retomada de projetos de vida interrompidos. Tem por objetivo relatar a experiência das práticas de intervenção curriculares de Terapia Ocupacional em leitos integrados de saúde mental. Relato de experiência sobre práticas curriculares do curso com intervenções em leitos integrados de saúde mental de uma instituição filantrópica do Recife, conveniada com o Sistema Único de Saúde. As internações obedecem às diretrizes da Portaria 148 de 2012 no artigo 3º parágrafo I. os grupos aconteciam sobre condução da residente em saúde mental, terapeuta ocupacional do serviço e discentes. Os recursos utilizados foram música, imagens, construção artesanal e atividades autoexpressivas. O terapeuta ocupacional atua dentro do serviço com acolhimento familiar, realiza intervenções grupais e acolhimento individual, utilizando-se de atividades autoexpressivas, construções artesanais e música.

Palavras-chave: Assistência à Saúde; Serviço de Saúde Mental; Terapia Ocupacional

INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde do Brasil instituiu através da portaria nº 3.088, de 23/12/2011, a Rede de Atenção Psicossocial, composta por centros de atenção psicossocial, Serviços Residenciais Terapêuticos, Convivência e Cultura, as Unidades de Acolhimento e os leitos de atenção integral a saúde em hospitais gerais (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

A internação em leitos de atenção integral a saúde mental em hospitais gerais é realizada em leitos específicos para o público de saúde mental, distribuídos entre os leitos de clínica

médica. Os usuários são acompanhados e encaminhados pelos centros de atenção psicossocial e os leitos integrados são um suporte para a rede de atenção à saúde mental. O objetivo deste serviço é fornecer cuidado para pessoas com transtornos mentais com complicações de saúde decorrentes do uso de álcool e outras drogas com intervenções menos restritivas, de curto tempo e menos invasivas possíveis (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

Dentro do Serviço Hospitalar de Referência na atenção a pessoas com necessidades de cuidados decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas a composição da equipe técnica deve ser multiprofissional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012). Dentre os profissionais de saúde mental de nível superior o Terapeuta Ocupacional se insere como parte integrante da equipe de Leitos de Saúde Mental no Hospital Geral atendendo pessoas em todas as faixas etárias.

De acordo com a resolução 408/2011 do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional o Terapeuta Ocupacional atua na saúde mental inserido nos pontos de atenção da Rede de Atenção Psicossocial, com um importante papel no processo de retomada da identidade social, dos vínculos, da autonomia, intervindo nas atividades de vida diária, atividades de vida prática, atividades de lazer e sociais e retomada de projetos de vida interrompidos. No trabalho em equipe, o Terapeuta Ocupacional ainda pode realizar: acolhimento, projeto terapêutico singular dos usuários dos serviços, atendimento aos familiares, atendimentos individuais ou em grupos, acompanhamentos nos leitos de saúde mental no hospital geral, atendimentos compartilhados na Atenção Básica ou em outros pontos de atenção da Rede (SILVA *et al*, 2017).

O objetivo do presente estudo é relatar a experiência das práticas de intervenção curriculares de Terapia Ocupacional por meio de atividades terapêuticas direcionadas aos usuários dos leitos integrados em saúde mental dentro de enfermaria clínica em hospital filantrópico da cidade do Recife.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre práticas curriculares do curso com intervenções em leitos integrados de saúde mental. As práticas ocorreram em leitos de saúde mental de um hospital geral do Recife, composto por dez leitos integrados distribuídos para o público masculino e feminino. O local de prática é uma instituição filantrópica conveniada com o Sistema Único de Saúde e presta serviços em áreas assistência médicosocial, ensino, pesquisa e extensão comunitária. As discentes foram orientadas pela docente responsável pelo campo de

prática, com apoio, troca de conhecimento e experiências com uma residente de Terapia Ocupacional na saúde mental e supervisionadas pela Terapeuta Ocupacional responsável pelo serviço.

Ao total aconteceram sete intervenções de maio a junho de 2019, tendo como setting terapêutico o espaço da enfermaria e uma área de convivência dentro do espaço hospitalar.

RESULTADOS

A experiência ocorreu no serviço de atenção terciária, especificamente em um hospital filantrópico na cidade do Recife, Pernambuco. A instituição atende usuários a partir dos dezoito anos de idade, com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades de saúde decorrentes do uso de álcool, crack e outras drogas na modalidade de internação na unidade de Enfermaria Clínica com tratamento e suporte diagnóstico com intervenção terapêutica além de exames de imagens e laboratoriais e se preciso, leitos em Unidades de Terapia intensiva.

As internações obedecem às diretrizes da Portaria 148 de 2012 no artigo 3º parágrafo I estabelece no Serviço Hospitalar de Referência que as internações sejam de curta duração, até a estabilidade clínica do usuário. As internações são mediadas pelo Serviço de Pronto Atendimento precedido de encaminhamento do Centro de Atenção Psicossocial.

As intervenções junto com a residente em saúde mental e terapeuta ocupacional do serviço iniciavam com levantamento da quantidade de pacientes nos leitos integrados, estudo do quadro clínico de saúde, análise da atividade a ser utilizada no grupo, individualmente ou em abordagem no leito para possíveis adaptações de acordo com os sujeitos. Realizava-se também diálogo com a enfermeira sobre o paciente e então se seguia para as abordagens nos leitos, com objetivo de convidar os pacientes ao grupo ou intervenção individual no espaço de convivência. Alguns eram encontrados fora dos leitos, mas mesmo assim recebiam o convite.

Observaram-se algumas dificuldades no acesso dos usuários à instituição, constatadas na redução da ocupação das vagas dos leitos integrais e estima-se que essa situação seja devida a dificuldades de locomoção dos usuários. Cabe aos Centros de Atenção Psicossociais a responsabilidade de levar e buscar os usuários após a alta, porém, devido a restrições de recursos financeiros estes não tem realizado esse serviço. Essa questão tem comprometido a eficácia da Rede de Atenção Psicossocial e, por conseguinte, o atendimento aos usuários, uma vez que a estratégia de cuidado integral não vem sendo potencializada dentro da rede.

As internações em leitos integrados têm a característica de curta duração, e uma rotina que envolve realização de exames e procedimentos devido comorbidades clínicas dos pacientes.

As abordagens da Terapia Ocupacional nesse contexto levam em consideração intervenções que variam entre grupos, intervenções individuais e abordagens no leito.

O início das aulas práticas foi marcado pelo conhecimento do local, com visita aos leitos, estabelecimento de acordo de horário com a terapeuta do serviço e discussão sobre o serviço. Durante os atendimentos foram utilizados recursos autoexpressivos e música. As atividades tinham como objetivo a reflexão crítica sobre a letra de músicas, comparando com as histórias de vida, sentimentos e motivações para viver. Proporcionando a vivência de momento de apoio, discussão sobre projeto de vida pós-alta e desabafos.

Alguns atendimentos tiveram um tema pré-estabelecido, como a discussão do movimento sobre a luta antimanicomial, no qual os usuários foram estimulados a refletir sobre o tratamento das pessoas com transtornos mentais ou sofrimento psíquico e a importância do centro de atenção psicossocial para o seu acompanhamento.

Em uma das intervenções individuais foi realizada a construção artesanal de uma flor. O paciente foi orientado a pensar sobre os vínculos sejam eles familiares ou não, para presentear com a flor. Esse momento proporcionou lembranças, relatos sobre conflitos pessoais vividos, expectativas e desejos de voltar a ter contato com os pares afetivos e ocupações de trabalho antes exercidas.

Em intervenções autoexpressivas, foi possível discutir sobre caminhos da vida com falhas, como superá-las e o que fazer após superá-las, expressar os sentimentos do dia, reflexão crítica sobre os motivos do sentimento. As intervenções também objetivaram refletir sobre a importância do vínculo familiar para superação das dificuldades, importância do centro de atenção psicossocial para reabilitação, quais eram os seus sonhos e seus planos de vida pós-alta.

De um modo geral, observou-se participação ativa dos usuários durante os atendimentos, referindo o momento terapêutico como benéfico ao seu tratamento.

DISCUSSÃO

A recuperação e a reabilitação da pessoa com problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas envolve um trabalho intersetorial e multiprofissional, no qual os terapeutas ocupacionais se encontram utilizando as atividades como elementos facilitadores da intervenção. As principais atividades desenvolvidas por terapeutas ocupacionais para intervenções com esse público são atividades manuais, escuta terapêutica, orientação aos familiares, atividades musicais, autoexpressivas entre várias outras categorias. As intervenções

têm como objetivo o resgate de valores pessoais e sociais, expressão de sentimentos, diminuição de ansiedade, reflexão sobre o quadro clínico, uso da droga e plano de vida pós-alta (NOGUEIRA; PEREIRA, 2014). Estas características puderam ser identificadas durante as intervenções individuais e grupais, que ocorrem nos leitos integrados de saúde mental. Buscam levar o paciente a refletir de forma crítica sobre seu estado de saúde e doença, atitudes em prol de si mesmo com a construção de novos significados para o resgate de capacidades e habilidades perdidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os diversos profissionais que compõem a equipe multiprofissional dos leitos integrados em saúde mental, o terapeuta ocupacional se afirmar como agente promotor de avaliações e tratamentos. O uso das atividades por parte dos mesmos se fundamenta cada vez mais fortemente dentro dos serviços ofertados a usuários dependentes de álcool e outras drogas. Ademais o terapeuta ocupacional realiza orientações e supervisão quanto a execução das atividades que favorecem autonomia e reinserção social.

A experiência vivenciada pelas estudantes, docentes e técnicos, na unidade de leitos integrados de saúde mental contribuiu para a formação acadêmica, pois proporcionou a prática do serviço do terapeuta ocupacional dentro da rede, em serviços de alta complexidade. Dessa maneira, pôde-se aprender outras formas de pensar e planejar atividades, estando sempre pronto e preparado para o novo, já que uma das características do serviço era a grande rotatividade de pacientes.

Por fim podemos destacar a importância da comunicação e afinamento entre os dispositivos da Rede para que o processo de intervenção em usuários dependentes de álcool e outras drogas se tornem cada vez mais efetivo.

REFERENCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional do Ministério Público. Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS Tecendo Redes para Garantir Direitos. P. 01- 62, Brasília – DF 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional do Ministério Público. Saúde mental no SUS cuidado em liberdade, defesa de direitos e rede de atenção psicossocial. P. 62, Brasília – DF 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Portaria nº 148 de 31 de Janeiro de 2012**. Define as normas de funcionamento e habilitação do Serviço Hospitalar de Referência para atenção a pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades de saúde decorrentes do uso do álcool, crack e outras drogas, do componente Hospitalar da Rede de Atenção Psicossocial, e institui incentivos financeiros de investimento e de custeio. Disponível em:<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0148_31_01_2012.html> acesso em: 15/jul. 2019.

NOGUEIRA, A.M. PEREIRA, A.R. Ações de terapeutas ocupacionais na atenção à pessoa com problemas relacionados ao uso de álcool e outras drogas. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos**, v.22, n.2, p 285 – 293, 2014.

SILVA, A. B. *et al*, **saúde mental atuação do Fisioterapeuta e Terapeuta Ocupacional**. cartilha de saúde mental do CREFITO1, 2017 P. 1- 16. Disponível em:<<http://www.crefito1.org.br/revistas/>> acessado em: 15 jul. 2019.

O programa de monitoria acadêmica junto a pessoas com deficiência: um relato de experiência

Julianne Biatriz Ferreira Marruaz

Gigryane Taiane Chagas Brito

Paôla Crislayne Sampaio Trindade

Estudos apontam para as dificuldades apresentadas por discentes com deficiência em obter um bom desempenho acadêmico. As monitorias consistem em importantes estratégias para o auxílio ao desempenho desses discentes. O presente estudo objetivou relatar uma experiência em que se buscou desenvolver um programa de monitoria acadêmica junto a discentes com deficiência de uma universidade pública em Belém - PA. Trata-se de um relato de experiência de um programa de monitoria acadêmica do curso de Terapia Ocupacional, desenvolvido no período de junho de 2018 a junho de 2019. As atividades do programa de monitoria direcionavam-se para o auxílio de quatro discentes com deficiência, e consistiram de estratégias de auxílio e adaptação das atividades fornecidas ao longo das disciplinas teóricas e práticas. Observou-se baixo desempenho nas sessões tutoriais, dificuldades no manuseio de recursos tecnológicos e dificuldades no desenvolvimento de pesquisas científicas em banco de dados. O programa de monitoria trouxe resultados importantes, pois contribuiu para melhor desempenho acadêmico, avaliativo, e maior participação nas atividades e vivências em sala de aula. A monitoria é um programa e um espaço criado nas universidades para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem, sendo esta uma estratégia de acessibilidade adotada pelas instituições como forma de inclusão e permanência de tais discentes nas graduações. Conclui-se que a monitoria é uma importante ferramenta no auxílio do processo de aprendizado de discentes com deficiência no cenário da graduação, contribuindo para o desempenho e maior participação acadêmica.

Palavras-chave: Acessibilidade, Educação Superior, Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

As monitorias são os programas de apoio ao ensino oferecido pelas universidades para promover o auxílio no desenvolvimento de uma determinada disciplina, com o intuito de

melhorar o rendimento do aluno para alcançar um melhor aproveitamento do curso. De acordo com a resolução nº 223, de 2005, do Conselho Universitário (CONSUNI) da UDESC, o programa de monitoria abrange diretamente três atores: o professor, o monitor e o aluno (CARIDADE e MISSAU, 2017). Dentre os alunos usuários dos programas de monitorias podem-se destacar as pessoas com deficiência (PCD), sejam elas físicas, motoras, cognitivas ou sensoriais.

Segundo o Ministério da Educação e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (MEC/INEP, 2016), as Instituições de Educação Superior (IES) precisam adequar sua infraestrutura e a sua organização didático-pedagógica aos parâmetros de qualidade, de modo a oferecer um ensino superior inclusivo a todos os ingressos. Dentre tais parâmetros, estão incluídos os aspectos de acessibilidade pedagógica e atitudinal aos estudantes. Ou seja, uma vez que a IES admite um estudante em seu corpo discente, é preciso conferir-lhe igualdade de condições de acesso.

Segundo Rocha (2009), o ingresso de alunos com deficiência no ensino superior tem aumentado substancialmente, entretanto, para os alunos PCD, ingressar na graduação não é o suficiente, sendo a permanência nesse cenário uma dificuldade real e comum, em decorrência da falta de adaptação e ajustes pedagógicos e institucionais. Dessa forma, algumas IES têm realizado adaptações curriculares com o propósito de atender alunos com deficiência, adotando estratégias pedagógicas que auxiliem na aprendizagem, como o programa de monitoria.

Diante das dificuldades encontradas no cenário acadêmico para a inclusão e melhor desempenho do aluno com deficiência, o presente trabalho buscou relatar uma experiência em que se buscou desenvolver um programa de monitoria acadêmica junto a discentes com deficiência do curso de Terapia Ocupacional de uma universidade pública do Pará.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência acadêmica, desenvolvida ao longo do programa de monitoria acadêmica do curso de Terapia Ocupacional de uma Universidade pública de Belém – Pará, de junho de 2018 a junho de 2019, com participação de seis discentes monitores e dois docentes orientadores. As monitorias aos alunos do curso eram desenvolvidas no Laboratório de Morfofuncional, de segunda a sexta-feira, no turno vespertino.

Nos dois primeiros meses do programa, os monitores realizaram o planejamento e sistematização das atividades a serem desenvolvidas, seleção de bases teóricas para embasamento e estudo, e organização dos dias e horários para lotação de cada discente monitor.

As atividades do programa de monitoria direcionavam-se para o auxílio de alunos PCDS, em virtude de suas dificuldades em acompanhar os conteúdos teóricos e as atividades práticas desenvolvidas ao longo das disciplinas. Foram acompanhados quatro alunos com deficiência durante o programa, sendo três com diagnóstico de Paralisia Cerebral e um com baixa visão.

Os monitores recebiam o conteúdo das disciplinas antecipadamente e desenvolviam estratégias e adaptações de aprendizagem para contribuir para um melhor desempenho dos discentes nas disciplinas, aplicadas e treinadas nas monitorias acadêmicas oferecidas semanalmente. As estratégias desenvolvidas correspondiam às necessidades individuais de cada aluno PCD acompanhado.

RESULTADO

As dificuldades relatadas pelos alunos PCDS acompanhados consistiam em baixo rendimento nas sessões tutoriais, em decorrência da dificuldade apresentada em habilidades de comunicação, socialização e de origem intelectual; dificuldades na realização de pesquisas em banco de dados e manuseio de computadores; dificuldades no manuseio de peças e equipamentos do laboratório morfofuncional.

Durante a monitoria acadêmica, foram desenvolvidas diversas estratégias para facilitar a aprendizagem dos alunos. Desenvolveram-se esquemas ilustrativos; adaptações em materiais de estudos, como ampliação de figuras e trabalhos com contrastes e nitidez; auxílio no manuseio tecnológico; orientação e treino de buscas de literaturas em bancos de dados.

Ao longo dos semestres, pôde-se observar participação mais efetiva dos alunos nas aulas, e melhor desempenho nas atividades avaliativas. Os relatos mostraram que o programa de monitoria contribuiu para o desenvolvimento acadêmico dos estudantes, pois mesmo diante de suas limitações, conseguiram desempenhar satisfatoriamente as atividades teóricas e práticas realizadas ao longo das disciplinas, com maior participação e satisfação pessoal.

DISCUSSÃO

Para Costa, Neves e Barones (2006), as atividades educacionais devem ser inclusivas, em especial as do ensino superior, já que os índices de pessoas com deficiência ingressando nas universidades estão aumentando. Nesse sentido, esse espaço deve ser acessível e favorecer a aprendizagem, a permanência e a formação profissional desses alunos, a partir de recursos

didáticos adaptados, professores capacitados, monitorias especiais, estrutura arquitetônica e atitudinal acessíveis.

Observou-se que as adaptações nas atividades acadêmicas, a partir da atuação dos monitores, implicaram em melhores possibilidades de engajamento dos discentes com deficiência, assim como em maiores expectativas pessoais quanto às suas capacidades em desenvolver as tarefas da graduação, corroborando para os achados na literatura que apontam para os benefícios de estratégias pedagógicas necessárias para a participação e desempenho do aluno com deficiência.

Segundo Natário e Santos (2010), a monitoria é um espaço onde se estabelece maior contato com o conhecimento e gera aprendizado; é um programa e um ambiente construído para aperfeiçoar o processo de formação profissional e acadêmico, a partir de estratégias mais individualizadas. Dessa forma, identificou-se que as atividades desenvolvidas de forma direcionada para as necessidades de cada aluno participante, implicaram em abordagens mais resolutivas e que contribuíram para o melhor desempenho e participação do aluno.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a monitoria acadêmica é uma estratégia possível e eficiente no auxílio, participação e melhora do desempenho de alunos PCDS no cenário da graduação. Acredita-se que o olhar formativo dos monitores estudantes de Terapia Ocupacional tenha contribuído para o desenvolvimento de estratégias e adaptações coerentes com as necessidades apresentadas pelos discentes acompanhados, bem como para o alcance dos resultados da experiência relatada. Para os alunos monitores, o programa contribuiu para o desenvolvimento de habilidades importantes na formação acadêmica e raciocínio terapêutico, além de fomentar o interesse pela docência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Acesso em: 17 junho 2019.

CARIDADE, Reinaldo Junior; MISSAU, Fabiana Cristina. A IMPORTANCIA DA MONITORIA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 8, n. 1, 2017.

COSTA L. G.; NEVES M. C. Dom; BARONE D. A. C. Ensino de física para deficientes visuais a partir de uma perspectiva fenomenológica. **Ciência & Educação**. 2006.

FERNANDES, N. C., et al. Monitoria acadêmica e o cuidado da pessoa com estomia: relato de experiência. **Revista Mineira de Enfermagem**, 2015.

NATÁRIO, Elisete Gomes; DOS SANTOS, Acácia Aparecida Angeli. Programa de monitores para o ensino superior. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 355-364, 2010.

ROCHA, T. B. Acesso e permanência do aluno com deficiência na instituição do ensino superior. **Revista Educação Especial**, 2009.

SILVEIRA, Eduardo; DE SALES, Fernanda. A importância do Programa de Monitoria no ensino de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, n. 1, p. 131-149, 2016.

Oficina de brinquedos recicláveis ministrada à crianças com deficiência e/ou atraso no desenvolvimento: uma abordagem terapêutica ocupacional

Cristielen valadares vestemberg

Laila Beatriz Gomes da Costa

Fernanda Cardoso Almeida

Pamella da Costa dos Santos

Raiza Moraes Rodrigues

Ana Paula Farias de Oliveira

O desenvolvimento infantil é definido pelo processo em que a criança exerce sua relação com o meio físico e social, sendo a primeira infância a etapa fundamental para o desenvolvimento das habilidades e aptidões necessárias para a vida adulta. Uma atividade recorrente durante a infância é o brincar, o qual é considerado fundamental para o desenvolvimento infantil por cultivar capacidades e habilidades de desempenho e incentivar a relação social entre pares. Entretanto, quando a criança apresenta algum atraso ou deficiência sua capacidade para engajar-se pode estar comprometida. Diante disso, é o Terapeuta Ocupacional o profissional que propiciará estratégias que facilitem esse engajamento, envolvendo e orientando o brincar. Desse modo, foi realizada uma oficina de confecções de brinquedos recicláveis de baixo custo com pais e crianças em uma associação no município de Ananindeua no estado do Pará, a fim de oferecer a contribuição da Terapia Ocupacional para a promoção do brincar de crianças com deficiência ou atraso no desenvolvimento. Os resultados demonstraram o engajamento das crianças e a interação dos pais durante as atividades, concluindo que é imprescindível atentar sobre a importância dos estímulos ofertados pelas atividades para o público infantil atípico.

Palavras-chave: Brincar, Brinquedos recicláveis, Crianças com deficiência, Desenvolvimento infantil, Terapia ocupacional.

INTRODUÇÃO

O conceito de desenvolvimento é composto não só das condições físicas em que a criança se desenvolve, mas também da rede de relações responsáveis por definir a qualidade dessa convivência, ecologicamente, a escola, família e creche seriam exemplos de contextos de desenvolvimento (BROFENBRENNER apud CAVALCANTE; MAGALHÃES; PONTES,

2009). Logo, o desenvolvimento infantil pode ser entendido por meio da análise de processos em que a criança estabelece entre o meio físico e social, desse modo, é na primeira infância que a criança desenvolverá características, habilidades e aptidões; sendo essas transformações fundamentais ao longo de toda sua vida.

Na maioria das sociedades contemporâneas, a infância é marcada pelo brincar (QUEIROZ et al, 2006). Segundo Reilly apud Figueiredo, da Silva Souza e da Silva (2016), o brincar é fundamental para o cultivo de capacidades, habilidades, interesses e hábitos de cooperação e competição essenciais para a vida adulta, pois é por meio dele que a criança utiliza processos de pensamento de ordem superior como nos jogos de faz-de-conta, que adquire papel primordial no desenvolvimento da linguagem e das habilidades de solução de problemas (MEIRA, 2003). Nesse sentido, conforme afirma Siaulys (2005) é por meio das brincadeiras que a criança vivencia o lúdico, descobre sobre si mesma, aprende a realidade e se torna capaz de desenvolver todo seu potencial criativo.

Conforme exposto, o brincar é considerado uma ocupação fundamental para o desenvolvimento infantil. No entanto, quando a criança apresenta alguma deficiência sua autonomia para engajar-se em uma atividade pode estar prejudicada (DE FIQUEIREDO; DA SILVA SOUZA; DA SILVA, 2016). No que tange à abordagem da Terapia Ocupacional, o profissional é responsável por estimular o prazer propiciado pelo brincar e planejar estratégias que facilitem esse engajamento, analisando os fatores que contribuem, assim como, os que podem comprometer esse envolvimento nas atividades lúdicas (DE FIQUEIREDO; DA SILVA SOUZA; DA SILVA, 2016).

Nesse contexto, o presente relato teve como objetivo oferecer a contribuição da Terapia Ocupacional para a promoção do brincar de crianças com deficiência e/ou atraso no desenvolvimento, a partir de uma oficina de criação de brinquedos recicláveis e de baixo custo realizado em uma associação localizada no município de Ananindeua no estado do Pará (PA).

METODOLOGIA

A oficina de confecção de brinquedos recicláveis e de baixo custo foi realizada com pais e crianças com algum tipo de deficiência e/ou atraso no desenvolvimento, com idade entre 6 e 12 anos, acompanhadas por uma Associação localizada no município de Ananindeua/PA que atende através de serviços multidisciplinares.

Tal oficina foi aprovada após solicitação para a Associação local, e realizada em junho de 2019 por influência da disciplina SIS III (Seminário de Integração em Saúde) que visa

promover conhecimento e prática aos estudantes através de ações temáticas elaboradas e realizadas pelos discentes. As atividades foram supervisionadas e realizadas por acadêmicos do terceiro semestre de Terapia Ocupacional de uma universidade com duração média de 2 horas. As atividades contemplaram a confecção de 4 brinquedos a partir da utilização dos seguintes materiais: Cola Quente, EVA Colorido, Tesoura, Cola de Isopor, Argolas, Tinta Guache, Pincéis e Garrafas Pet.

RESULTADOS

Os resultados obtidos ressaltaram o engajamento das crianças durante a realização das atividades, além da interação dos pais que demonstraram alegria, entusiasmo e surpresa ao observarem as crianças pintando, colando e manifestando criatividade e autonomia durante a confecção e detalhamento dos brinquedos, em que uma delas, de acordo com o relato da mãe, nunca tinha externado aptidão para atividades semelhantes propostas, podendo então trabalhar seu desenvolvimento através dos estímulos motores e sensoriais propiciados pelas atividades atribuídas pela oficina.

DISCUSSÃO

A Associação visitada é especializada no atendimento multidisciplinar de pessoas diagnosticadas com algum tipo de deficiência ou atraso no desenvolvimento. No final do mês de junho as crianças da instituição são liberadas para as férias de verão, portanto, a oficina contou com a participação de apenas duas crianças e seus acompanhantes.

Segundo Bernardes, (2014), situações adversas interferem direta ou indiretamente no desempenho do papel principal ocupacional da criança, o de “brincante”, sendo assim aspectos físicos, biológicos ou ambientais influenciam no desenvolvimento infantil, haja vista que através do brincar a criança se desenvolve de forma integral e efetiva. Nesse contexto, o brinquedo é caracterizado como um instrumento auxiliador no processo de desenvolvimento de atividades lúdicas que despertam na criança, imaginação, curiosidade e a invenção (MOTTA; MARCHIORE; PINTO, 2008). Sendo assim, a abordagem da oficina foi entendida como adequada para atividade pois, além de trabalhar a criatividade e aprendizado significativo, produz e desenvolve o trabalho em equipe, reutilização de materiais recicláveis e noção de derrota de vitória.

Apesar da pessoa com deficiência de ser por muito tempo vista como à parte da sociedade, marginalizada e excluída é necessária a consideração do brincar como atividade de vida diária da criança com deficiência, bem como uma ação que deve ser viabilizada, proporcionada e adequada para o indivíduo, de acordo com os estímulos necessários para sua faixa etária e nível de comprometimento (TAKATORI; BOMTEMPO; BENETTON, 2010). Na terapia ocupacional, mostra-se que, apesar do prejuízo, há possibilidade de construção de um cotidiano estabelecido mediante significados e desejos (JURDI; DE MORAES AMIRALIAN, 2006). Sendo assim, pode utilizar o brincar para proporcionar melhoras em aspectos motores, sociais e intelectuais na criança operando, simultaneamente, o brincar significativo no cotidiano da mesma (AMARO, 2004). Ademais, ultrapassar barreiras sejam elas arquitetônicas ou sociais, em busca do desenvolvimento na principal ocupação da criança: o brincar (EMMEL; DE OLIVEIRA; MALFITANO, 2000)

Na oficina, foi realizada a confecção de 4 brinquedos de material reciclável: jogo de boliche, jogo da velha, bilboquê e jogo do arremesso da bola dentro da garrafa; que também proporcionam o desenvolver de diversas habilidades. O primeiro jogo trabalhou o esquema corporal da criança: controlar braços e pernas, perceber distâncias, adequar a força, e percepção espacial. No jogo da velha foi trabalhado o raciocínio rápido, estratégias de jogo, paciência, atenção e concentração na criança. Já o bilboquê, a coordenação motora, noção espacial e lateralidade foram estimuladas. E por fim, o jogo do arremesso da bola dentro da garrafa, o qual desenvolveu as habilidades motoras e a percepção visual.



Figura 1. Execução das atividades

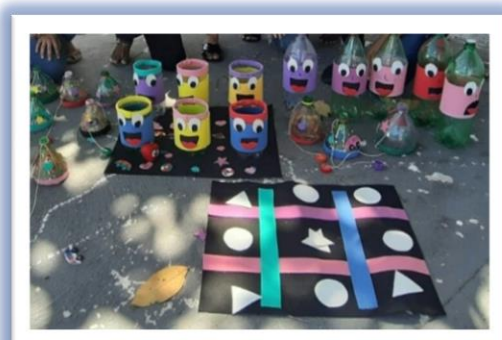


Figura 2. Brinquedos confeccionados.

Assim sendo, foi presado o estímulo à imaginação e autonomia, haja à vista que a decoração dos brinquedos foi livre para o gosto e percepção desse grupo, que se encontrava significativamente envolvido na exploração do imaginário. A criança 01, por exemplo, teve sua primeira experiência positiva com colagem, segundo a sua cuidadora, que celebrou tal

conquista. Outro ponto considerável das abordagens utilizadas é o próprio brincar, que se tornou um recurso terapêutico, ao passo que proporcionaram diversão e o entretenimento, uma vez que auxiliou no desenvolvimento da criança atípica e promoveu bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os brinquedos produzidos foram entregues à instituição para utilização das crianças locais, bem como para o incentivo de novas oficinas a serem realizadas. Ademais, partir da atividade, foi imprescindível atentar sobre a importância dos estímulos ofertados pelas atividades, bem como o brincar é uma ocupação importante e indispensável para o desenvolvimento infantil, em especial ao público atípico.

REFERÊNCIAS

- AMARO, Deigles Giacomelli. **Indícios da aprendizagem de crianças com deficiência em escolas de educação infantil: roteiro de observação no cotidiano escolar**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo
- BERNARDES, Marina Soares et al. A intervenção do terapeuta ocupacional em brinquedoteca ambulatorial: relato de experiência. **Gestão e Saúde**, v. 5, n. 2, p. pag. 582-594, 2014.
- CAVALCANTE, Lília Iêda Chaves; MAGALHÃES, Celina Maria Colino; PONTES, Fernando Augusto Ramos. Processos de saúde e doença entre crianças institucionalizadas: uma visão ecológica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 615-625, 2009.
- DE FIGUEIREDO, Brenda Antunes; DA SILVA SOUZA, Daniele; DA SILVA, Ângela Cristina Dornelas. O brincar de crianças com deficiência física: contribuição da terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 27, n. 1, p. 29-35, 2016.
- EMMEL, Maria Luísa Guillaumon; DE OLIVEIRA, Alexandra A. Elgui; MALFITANO, Ana Paula Serrata. Brinquedoteca: um espaço experimental para o desenvolvimento infantil. **REU-Revista de Estudos Universitários**, v. 26, n. 2, p. 141-156, 2000.
- JURDI, Andréa Perosa Saigh; DE MORAES AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo. A inclusão escolar de alunos com deficiência mental: uma proposta de intervenção do terapeuta ocupacional no cotidiano escolar. **Estudos de psicologia**, v. 23, n. 2, p. 191-202, 2006.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006.

MEIRA, Ana Marta. Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea. **Psicologia & sociedade**, v. 15, n. 2, p. 74-87, 2003.

MOTTA, Margareth Pires da; MARCHIORE, Lyhara Monteiro; PINTO, Joyce Horácio. Confecção de brinquedo adaptado: uma proposta de intervenção da terapia ocupacional com crianças de baixa visão. **O Mundo da Saúde**, v. 32, n. 2, p. 139-145, 2008.

SIAULYS, Mara O. de Campos. **Brincar para todos. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial**, p. 152, 2005.

TAKATORI, Marisa; BOMTEMPO, Edda; BENETTON, Maria José. O brincar e a criança com deficiência física: a construção inicial de uma história em Terapia Ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 9, n. 2, 2010.

Importância da monitoria no processo de formação acadêmica em Terapia Ocupacional

Karoline Maria de Melo Ferreira

Ana Elizabeth dos Santos Lins

Janssen Macdowell Cavalcante da Silva

Hellem da Silva Tenório

Maria Aparecida de Souza

Mariana da Silva Acácio

Adotar um estilo de vida saudável através da prática de atividades físicas no processo de envelhecimento proporciona diversos benefícios, como maior autonomia, bem-estar físico e psicológico, estimulação de aspectos cognitivos, entre outros. Com isso, esse trabalho trata-se de um relato de experiência, realizado a partir da monitoria em uma oficina de exercícios físicos, ofertada pelo projeto de extensão “Universidade Aberta à Terceira Idade” em uma universidade pública de Maceió – AL. O monitor tem como orientador um facilitador formado na área de Educação Física, no qual estabelece as atribuições: a formação do vínculo com os idosos, proporcionar orientações e observar se estão fazendo de modo correto os exercícios, verificar a frequência respiratória, aferir pressão, observar/orientar as vestimentas e controlar a assiduidade. A monitoria possibilita a participação e assimilação de fatos vivenciados, contribui com a experiência de dialogar com os idosos, utilizar meios criativos em técnicas para conseguir orientá-los de modo mais claro. É possível fazer uma ligação do conteúdo teórico com a prática, melhorando nossa formação acadêmica. A oficina de atividade física favorece ao acadêmico, no papel de monitor, uma importante ferramenta para sua formação, ao lidar com pessoas idosas, tendo a oportunidade de estimular e orientar atividades saudáveis que contribuem para a melhora de suas atividades cotidianas. Assim, a monitoria tem a capacidade de ampliar as oportunidades de conhecimentos, através do envolvimento com outros saberes e o relacionamento intergeracional contribuindo para nossa formação pessoal e profissional como terapeuta ocupacional.

Palavras-chave: Envelhecimento; Atividade Física; Formação.

INTRODUÇÃO

Veras (2002) define a velhice como um termo impreciso, um constructo cercado de complexidade a qual engloba os níveis fisiológico, psicológico e social. Durante o processo de

envelhecimento, esses níveis passam a sofrer modificações, podendo resultar em maior vulnerabilidade à depressão, redução do equilíbrio e da mobilidade, entre outros (NAHAS, 2006). Entretanto, Freitas (2010) defende que a velocidade desse processo de envelhecimento é influenciada também pela genética, estilo de vida e ambiente em que a pessoa vive.

Logo, um estilo de vida saudável através da prática de atividades físicas no processo de envelhecimento proporciona diversos benefícios como maior autonomia, aumento da massa muscular e óssea, melhora das capacidades funcionais, bem-estar físico e psicológico. Assim como também é capaz de estimular aspectos cognitivos, e assim resultar na redução de doenças (NETO; SOARES, 2018).

Para Stella et al. (2003) a atividade física regular deve ser considerada como uma alternativa não-farmacológica do tratamento do transtorno depressivo, visto que a mesma possui a vantagem de não apresentar efeitos colaterais indesejáveis, além de sua prática demandar um maior comprometimento ativo por parte do idoso, que pode resultar na melhoria da autoestima e autoconfiança.

Logo, como a terapia ocupacional busca a preservação da autonomia e desempenho ocupacional no idoso, esse trabalho visa relatar a vivência do acadêmico na atividade de monitoria em um projeto de extensão. A oficina de Atividade Física visa proporcionar a prática de exercícios físicos para a população idosa. Acreditamos que, a monitoria contribuiu para a formação acadêmica em Terapia Ocupacional.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de característica descritiva, realizado a partir da monitoria em uma oficina de Atividade Física, ofertada pelo projeto de extensão de uma IES pública na cidade de Maceió – AL. A oficina tem duração de duas horas semanais, é composta por dois grupos, cada grupo tem 12 participantes, e tem como facilitador um profissional com formação na área de Educação Física. Os monitores são selecionados pela coordenação do projeto de extensão aberto aos vários cursos de graduação oferecidos pela IES. Essa oficina conta com 5 monitores, acadêmico dos cursos de terapia ocupacional, fisioterapia e enfermagem. Os monitores têm como atribuições: observar e auxiliar os idosos ao realizarem os exercícios corretos desenvolvidos pelo facilitador, formar vínculo com os participantes, verificar a frequência respiratória, aferir pressão, observar/orientar as vestimentas, controlar a assiduidade e participar de reuniões no qual se discute a programação, objetivos e materiais a serem utilizados nos exercícios.

RESULTADOS

Com a vivência nas práticas nesta oficina pode-se notar nosso crescimento acadêmico, através do envolvimento e participação dos idosos durante os exercícios, os ajudando em suas vidas cotidianas, proporcionando maior disposição para a realização de suas atividades rotineiras.

Durante as práticas foram realizados vários circuitos contendo exercícios diversos com recursos e objetivos distintos. Nos oportunizando participar das atividades como corrida entre cones, lançamento de bolas, agachamentos, abdominais, prancha de equilíbrio entre outros. Os exercícios podem ser em dupla ou em grupo. Acreditamos que, esses exercícios proporcionavam aos idosos desenvolver a coordenação motora, cognição, equilíbrio e força muscular, assim como a participação e entrosamento intergeracional proporcionando senso de pertencimento e criação de vínculos.

Em decorrência das atividades desenvolvidas, percebeu-se a relevância da monitoria para a formação do acadêmico do curso de terapia ocupacional, por oportunizar pensar e participar na elaboração de atividades para as pessoas em processo de envelhecimento, que visem melhorar a capacidade funcional e um cotidiano com maior autonomia e um desempenho ocupacional mais efetivo.

DISCUSSÃO

Segundo Motta e Aguiar (2007) a articulação “ensino-pesquisa-extensão” permite ao aluno o exercício de seu papel social através de contribuições concretas a população e aos serviços. Contribuindo dessa forma, em uma melhor preparação para futuras práticas com populações idosas para os estudantes do curso de Terapia Ocupacional.

Para Almeida, Ferreira e Batista (2011) os profissionais, incluindo terapeutas ocupacionais, necessitam de uma formação que os instrumentalize na identificação das necessidades de pessoas idosas e na atuação em equipe interdisciplinar e multiprofissional. Logo, essa experiência vivenciada como monitora foi capaz de proporcionar uma maior compreensão dessas necessidades, de participar de uma equipe interdisciplinar e da convivência intergeracional. Portanto, essas atividades extensionistas são um meio primordial para a formação na acadêmica.

Com isso, é possível ressaltar que é de grande importância a inserção de acadêmicos nessas atividades extensionistas como um meio primordial para a formação na acadêmica, visto

que tais projetos proporcionam a vivência na prática, conhecendo melhor a área de atuação. Sendo possível notar o progresso e evolução dos participantes, assim como o processo de envelhecimento. É um cenário que prepara os acadêmicos para reconhecer o potencial, as dificuldades e as necessidades desse público, que através da prática clínica poderemos empoderar essas pessoas a terem melhor qualidade cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação como monitora da oficina de atividade física foi uma experiência benéfica no processo ensino-aprendizagem, no qual se constrói um alicerce de conhecimentos na área do envelhecimento, através da participação e observação das atividades desenvolvidas. A monitoria proporciona fazer uma relação entre a teoria e a prática, aprimorar nossas competências e senso crítico. Além de ampliar as oportunidades para pensar/elaborar recursos terapêuticos, que possam favorecer essas pessoas a melhorarem suas atividades cotidianas.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. H., Ferreira, A., & Batista, M. Formação do terapeuta ocupacional em gerontologia: contribuições de docentes de cursos de graduação em terapia ocupacional no Brasil. **Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo**. 2011.
- FREITAS, Maria Célia de. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – USP**. Vol.44 n°. 2. São Paulo. Junho 2010.
- MOTTA, L. B.; AGUIAR, A. C. Novas competências profissionais em saúde e o envelhecimento populacional brasileiro: integralidade, interdisciplinaridade e intersetorialidade. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, p. 363-72, 2007.
- NAHAS, M. V. Atividade física, saúde e qualidade de vida: Conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Londrina, Editora Mediograf, 4ª edição, 2006.
- Veras, R. P., (2002). Atenção Preventiva ao Idoso- Uma Abordagem de Saúde Coletiva. Em Netto, M. P. (Org.) Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada. São Paulo: Editora Atheneu.

Desenvolvendo habilidades práticas para intervenção com crianças em um centro especializado em reabilitação: relato de experiência

Camilla Salgueiro Vieira Moura

Flávia Calheiros da Silva

Ana Tereza Vasconcelos Aquino e Silva

Millena Vanusa Cavalcante de Macêdo

Kássia Fernanda Pereira da Silva

Liara Dos Santos Estevão

Os campos de práticas do curso de Terapia Ocupacional são dinâmicos e refletem também a realidade da inserção da categoria profissional em diferentes áreas de atuação, principalmente na área da saúde. O trabalho trata-se de um relato de experiência de acadêmicos de Terapia Ocupacional no período de prática do módulo de Intervenção na Criança e no Adolescente, durante cinco meses. As vivências práticas possibilitaram o raciocínio clínico em Terapia Ocupacional, o trabalho em grupo, como ainda a experiência através da realização de avaliação do desempenho ocupacional das crianças, a mudança de abordagem a partir das dificuldades encontradas e as possibilidades de intervenção com os recursos terapêuticos dispostos no serviço. O terapeuta ocupacional utiliza brincar e as brincadeiras como recursos terapêuticos objetivando favorecer o desenvolvimento adequado das habilidades necessárias para cada faixa etária e o respectivo desempenho ocupacional da criança. Com tal experiência foi possível perceber que, para a criança, o brincar como ferramenta terapêutica deve ser interessante, atrativo, ter um objetivo e um significado, e que o terapeuta ocupacional deve desenvolver a habilidade de tornar o brincar atrativo e significativo para criança.

Palavras-chave: Aprendizagem Baseada em Problemas; Crianças; Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Terapia Ocupacional, a formação deve ser generalista, humanística, interdisciplinar e, orientada por competências e habilidades para a tomada de decisões e que haja equilíbrio entre carga horária teórica e prática. Também é recomendado que as experiências práticas ocorram em níveis de complexidade dos serviços de saúde desde os períodos iniciais do curso (BRASIL, 2002).

Os campos de práticas deste curso são dinâmicos e refletem também a realidade da inserção da categoria profissional em diferentes áreas de atuação, principalmente na área da saúde. O Centro Especializado em Reabilitação (CER) é um desses campos pela qual a atuação da terapia ocupacional ocorre, de forma a garantir o atendimento especializado a pessoas, desde recém-nascidos, crianças, adolescentes, adultos e idosos com deficiência que necessitam de reabilitação física, auditiva, intelectual e/ou visual (BRASIL, 2013).

Deste modo, na intervenção com crianças, o brincar e as brincadeiras contribuem para o estímulo do crescimento e desenvolvimento psíquico, relacional e geral da criança e podem fornecer informações para o desempenho ocupacional (CASE-SMITH, 2005; CRUZ; EMMEL, 2007; NUNES et al., 2013), promovendo a transição de um estágio de desenvolvimento para outro (OLIVEIRA; FRANCISCHINI, 2009). Também proporcionando-lhes novas descobertas e aprendizados no contexto no qual está inserida.

Reis e Rezende (2007) referem que o brincar é uma das áreas de intervenção da terapia ocupacional, sendo importante considerar o papel de brincante e todos os fatores que influenciam de maneira positiva e/ou negativa no desenvolvimento global do indivíduo.

Neste sentido, o presente relato, busca apresentar a vivência dos discentes de Terapia Ocupacional sobre o desenvolvimento de habilidades práticas na intervenção com crianças com deficiência em um Centro Especializado em Reabilitação (CER III).

METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho do tipo relato de experiência. Este relato baseia-se na proposta de atividade prática da disciplina de Intervenção da Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência no Centro Especializado em Reabilitação (CER III). As discentes do terceiro ano do curso de Terapia Ocupacional foram responsáveis pelos atendimentos com crianças de diversas patologias, totalizando em 14 encontros de atendimento, com turno de 4 horas às terças-feiras, tendo duração de 40 minutos cada. Realizava-se ao final dos atendimentos o registro da intervenção no prontuário do serviço. Todos os atendimentos foram supervisionados pela professora responsável pelas crianças e pelo módulo do curso.

Houve divisão da equipe que era composta por 6 discentes em duplas e trios que seriam responsáveis por cada criança. Sendo assim, cada grupo realizava avaliações destinadas para o público infantil e conforme a necessidade do paciente, tais como: Pediatric Evaluation of Disability Inventory (PEDI), Denver II, Perfil Sensorial, a ficha de avaliação própria do serviço, ou alguma outra que o grupo percebesse a necessidade, para que assim fosse possível a

elaboração de uma intervenção voltada para as necessidades que a criança apresentava, e associado a isso, as principais queixas que o acompanhante relatou. Os dados provenientes deste relato foram baseados nos registros dos diários de campos, fotos e gravações dos atendimentos.

RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir dos registros das acadêmicas foram organizados nas seguintes categorias: Processo de vínculo e avaliação; Identificação das demandas e elaboração do plano de intervenção; Execução das atividades planejadas; Reavaliação.

O primeiro atendimento foi destinado para apresentação das acadêmicas aos pacientes e seus respectivos cuidadores. A formação do vínculo iniciou-se durante a avaliação que foi feita para que se obtivesse um perfil ocupacional do paciente, associado a isso uma análise do desempenho ocupacional. Além da entrevista com os pais e com a criança, a depender da idade, a estratégia utilizada para realizar a avaliação e a criação de vínculo entre as partes foi o brincar.

A elaboração do plano de intervenção do paciente foi feita de acordo com as demandas que foram percebidas durante a avaliação e as que foram trazidas pelos cuidadores. Para elaboração do plano de intervenção, as acadêmicas utilizaram uma ficha, construída para auxiliar no processo de intervenção Terapia ocupacional, criada pelos professores do curso com base no modelo da AOTA (2015), com as informações referentes ao perfil e diagnóstico ocupacional, metas e objetivos, estratégias e recursos a serem utilizados.

No processo de execução do plano de intervenção eram planejadas atividades para que pudessem atender as demandas da criança e com antecedência, nas quais as discentes buscavam uma maior interação e efetivação da terapia através do brincar, para que se contribuísse para um bom desempenho ocupacional da criança. Utilizaram-se utensílios disponíveis no serviço para as brincadeiras, como: rolo, espelho, tinta, bola, boliche, utensílios de cozinha, cubo, lápis de cor, entre outros e, se necessário eram construídos recursos pelas próprias discentes para o atendimento.

Constantemente, era realizada uma reavaliação para que se pudesse analisar a evolução no desempenho ocupacional dos pacientes, para que assim houvesse uma reavaliação da intervenção elaborada, mudança de metas e objetivos e a depender da situação, haver uma mudança na abordagem.

Inicialmente, as acadêmicas mostraram-se inseguras e com dificuldade na comunicação com as crianças. Com o passar das terapias e com a mudança da abordagem para uma forma mais lúdica, houve uma melhora significativa na aceitação e execução das atividades. A

mudança ocorreu não apenas na forma de executar as atividades, mas também na conduta do grupo, com uma maior segurança e confiança diante das atividades, sendo isso um fato determinante para uma boa execução da terapia.

DISCUSSÃO

Como se sabe, o desenvolvimento de competências para o trabalho em saúde envolve, necessariamente, a aquisição de saberes em situações reais de trabalho, sendo essa uma vertente essencial dos currículos (BRAID; MACHADO; ARANHA, 2012). A partir das práticas, pode-se vivenciar o processo realizado pelo Terapeuta Ocupacional para avaliar o paciente, elaborar o plano de intervenção e como se executa a intervenção, e como o brincar é uma ferramenta primordial para esse processo de melhorar o desempenho ocupacional.

Como afirma Simon (2001), Cruz (2002) e Giardinetto et al (2009), a terapia ocupacional utiliza o brincar e as brincadeiras como recursos terapêuticos objetivando favorecer o desenvolvimento adequado das habilidades necessárias para cada faixa etária e o respectivo desempenho ocupacional da criança. Para isso, os terapeutas ocupacionais avaliam as brincadeiras e as atividades que as compõem, de forma que estas sejam adequadas para cada criança, de acordo com sua cultura, nível de desenvolvimento e necessidade.

No âmbito da formação de terapeutas ocupacionais, as disciplinas relacionadas às práticas de campo ou práticas terapêuticas supervisionadas são componentes curriculares obrigatórios, cujo processo de ensino-aprendizagem está pautado na experiência do exercício profissional em diversos campos (BALLARIN et al, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da situação exposta, pudemos perceber que a forma de conduzir a brincadeira é o grande diferencial durante as sessões de terapia. Foi possível perceber que a mudança feita, tanto da retirada da acompanhante da sala como da conduta das discentes, foram primordiais para uma boa evolução e participação da criança.

A prática agregou muito na formação das estudantes de Terapia Ocupacional, sendo possível colocar os conhecimentos teóricos aprendidos em sala em prática, favorecendo o raciocínio profissional, a execução do plano terapêutico, o planejamento dos atendimentos e, a construção ou adaptação de recursos existentes no serviço. Sendo notório o quão importante essa experiência foi para a nossa formação, em que através dos desafios encontrados durante

os atendimentos, foi possível pensar em estratégias que pudessem melhorar a terapia, além de favorecer e melhorar o vínculo entre as partes.

Com tal experiência foi possível perceber que para a criança o brincar como ferramenta terapêutica deve ser interessante, atrativo, ter um objetivo e uma lógica, e que o terapeuta ocupacional ou acadêmico deve desenvolver a habilidade de tornar o brincar significativo para criança.

REFERÊNCIA

AOTA AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION et al. **Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo-traduzida**. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 26, n. esp, p. 1-49, 2015.

BALLARIN et al. Metodologia da problematização no contexto das disciplinas práticas terapêuticas supervisionadas. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 609-616, 2013.

BRAID, L. M. C.; MACHADO, M. F. A. S.; ARANHA, A. C. **Estado da arte das pesquisas sobre currículo em cursos de formação de profissionais da área da saúde: um levantamento a partir de artigos publicados entre 2005 e 2011**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 16, n. 42, p. 679-692, 2012.

BRASIL, Ministério da saúde. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. Resolução CNE/CES 6, 19 fevereiro 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema de Legislação de Saúde. Portaria nº 1.303, de 28 de junho de 2013. Componentes da Atenção Especializada da Rede de Cuidados à Pessoa com Deficiência no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília. 2013.

CASE-SMITH, J. **Occupational therapy for children**. Missouri: Elsevier Mosby, 2005.

CRUZ, D. M. C. Terapia Ocupacional com crianças portadoras de necessidades especiais: uma análise do origami como proposta de estimulação psicomotora. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 10, n. 2, p. 119-128, 2002.

CRUZ, D. M. C.; EMMEL, M. L. G. **O brinquedo e o Brincar na estimulação da função manual de crianças pré-escolares com deficiência física**. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, São Carlos, v. 15, n. 1, p. 7-17, 2007.

GIARDINETTO, A. R. D. S. B. et al. A importância da atuação da terapia ocupacional com a população hospitalizada: A visão dos profissionais da área da saúde. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 17, n. 1, p. 63-69, 2009.

NUNES, S. B. F. et al. Retratos do cotidiano de meninos de cinco e seis anos: a atividade de brincar. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 275-287, 2013.

OLIVEIRA, I. C. C.; FRANCISCHINI, R. **Direito de brincar: as (im)possibilidades no contexto de trabalho infantil produtivo**. Psico-USF, Itatiba, v. 14, n. 1, p. 59- 70, 2009.

REIS, N. M. M.; REZENDE, M. B. **Adaptações para o brincar**. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. Terapia ocupacional: fundamentação e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 338-343.

SIMON, C. J. **Uso de la actividad y análisis de la actividad**. In: HOPKINS, H. L.; SMITH, H. D. Willard Spackman: Terapia Ocupacional. Madri: Panamericana, p. 281-29.2001.

Habilidades desenvolvidas na aprendizagem baseada em problemas na formação do Terapeuta Ocupacional: um relato de experiência

Larissa Amanda Araújo Santos

Larissa Rezende Santos

Maria Emily Macedo Lima

Tiago dos Santos de Santana

Erika Hiratuka-Soares

A aprendizagem baseada em problemas é uma metodologia ativa que tem por princípios ser construtiva, autodirigida, colaborativa e contextualizada, possibilitando ao aluno ser o protagonista no seu próprio processo de aprendizagem. O presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência com a aprendizagem baseada em problemas de quatro discentes no segundo ano do curso de Terapia Ocupacional. A experiência relatada refere-se ao processo de aprendizagem vivenciado durante o segundo ano de formação dos discentes em Terapia Ocupacional, nas sessões tutoriais, durante o período de junho de 2018 a março de 2019, em cinco módulos tutoriais, na Universidade Federal de Sergipe, campus de Lagarto. A experiência no segundo ano de Terapia Ocupacional com o uso da ABP mostrou-se a enriquecedora para os discentes, possibilitando um maior aprofundamento dos estudos, organização, dedicação e tempo para os desafios que surgia a cada problema, além de apontar para o desenvolvimento de habilidades de extrema importância na formação profissional, como aprendizado independente, escuta qualificada, liderança, comunicação. Diante disso, conclui-se que tal metodologia pode influenciar de modo direto no desenvolvimento de habilidades e potencialidades necessárias na formação dos discentes, inclusive, em Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: Aprendizagem baseada em problemas; Educação Superior; Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

A aprendizagem baseada em problemas (ABP) é, segundo Dolmans e Schmidt (2010), uma estratégia de ensino baseada em uma visão mais contemporânea da

aprendizagem, considerando que esta deve ser construtiva, autodirigida, colaborativa e contextualizada. É um método de estudo centrado no aluno, mediado por problemas que buscam simular situações reais relacionadas à prática profissional, de forma a engajar o estudante no processo de aprendizagem, assim como de motivá-lo na construção de conhecimentos (MACEDO et al, 2018; DOLMANS; SCHMIDT, 2010). Esta estratégia estimula na construção de um saber que seja crítico e reflexivo, em que o aluno aprende a aprender, além de possibilitar a na aprendizagem de resolução de situações problemas relacionados a sua futura profissão (BOROCHOVICIUS; TORTELLA, 2014).

A ABP se apoia no grupo de tutorial, a qual é composto de oito a dez alunos, cabendo aos mesmos funções como membro do grupo, coordenador e secretário (DAVID et al, 1999; BERBEL, 1998). A elemento central do método, é o próprio aluno, sendo a presença do tutor, um facilitador no processo de aprendizagem, guiando o aluno durante o percurso de forma a possibilitar a resolução dos problemas apresentados, além de estimular e ensinar o uso de estratégias cognitivas, incentivando-os a discutir e criar hipóteses para a resolução de cada problema da sessão do tutorial (BORGES et al, 2014; DOLMANS; SCHMIDT, 2010).

Nesse sentido, tal metodologia de ensino, possibilita o aprendizado de habilidades cognitivas e, por se apoiar na aprendizagem colaborativa, também pode promover habilidades relacionadas ao contexto grupal, como habilidades de comunicação, liderança e de manejo no trabalho em equipe apontadas pelas Diretrizes Curriculares como competências e habilidades gerais necessárias aos profissionais de Terapia Ocupacional (DIRETRIZES CURRICULARES, 2002).

Além disso, por ser pautado no estudo autodirigido, a ABP promove uma aprendizagem autônoma, preparando o estudante para a realidade (DOLMANS; SCHMIDT, 2010).

Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência com a aprendizagem baseada em problemas de quatro discentes no segundo ano do curso de Terapia Ocupacional.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência do processo de aprendizagem vivenciado durante o segundo ano de formação dos discentes em terapia ocupacional, nas sessões tutoriais, durante o período de junho de 2018 a março de 2019, nos módulos de Saúde,

Sociedade e Terapia Ocupacional; Desenvolvimento Humano; Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência I, Terapia Ocupacional na Infância e Adolescência II e Política, Organização e Gerenciamento de Sistemas, Serviços e Programas de Saúde, Sociais e Educacionais, somando estes uma carga horária de 480h. O desenvolvimento das sessões tutoriais é dividido em dois momentos, sendo o primeiro a abertura do problema que consiste no processo de construção de perguntas sobre o que é apresentado, formulação de hipóteses a partir das perguntas levantadas e de conhecimentos prévios e a construção dos objetivos de aprendizagem que irão nortear o estudo individual autogerido. O segundo momento consiste no fechamento do problema, em que os discentes levam para a sessão todo o material estudado, definido por meio de buscas em bases de dados, bibliografia da área, dentre outras fontes, de modo a contemplar os objetivos de aprendizagem e discutem com a turma, de forma colaborativa.

RESULTADOS

A experiência de aprendizagem pela ABP permitiu aos discentes um estudo aprofundado e eficaz dos conteúdos disparados pelos problemas apresentados a cada sessão tutorial. Visto que os discentes detêm a responsabilidade pelo próprio aprendizado, tendo o tutor/professor como facilitador deste processo, a metodologia possibilitou o “aprender a aprender”. Nesta estratégia, o aluno é instigado a dedicar-se um tempo maior para o estudo, bem como, é estimulado e ensinado a buscar por materiais e referências sólidas e de confiança. Nesse sentido, todo o processo de estudo individual promove aos alunos um autoconhecimento sobre o quanto necessita de tempo para os seus estudos de forma a orientar um melhor planejamento e organização dos mesmos. Além disso, a organização das sessões e o estudo autogerido fazem com que seja necessário o planejamento dos estudos, o que possibilita o desenvolvimento desta habilidade. A sessão de tutorial é um momento de compartilhar o conhecimento adquirido individualmente com o grupo, além de permitir uma maior compreensão acerca da importância do ouvir, respeitar e entender o outro, visto que, o processo de aprendizagem ocorre pela troca de conhecimentos coletivos. Outras habilidades também são fortemente desenvolvidas neste processo como o de comunicar-se, de questionar, de analisar as problemáticas, de criar hipóteses por meio de raciocínio lógico, utilizando-se de conhecimentos e vivências, o de fazer buscas direcionadas, o que são elementos importantes na formação profissional do Terapeuta Ocupacional.

DISCUSSÃO

Segundo Melo et al. (2013), as metodologias de ensino-aprendizagem ativas propõem desafios a serem superados pelos estudantes, possibilitando-os de ocupar o lugar de sujeitos na construção do conhecimento, participando da análise do processo assistencial, e colocando o professor como facilitador e orientador desse processo. Esta metodologia corrobora com os pensamentos de Freire (1996) que diz que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Além disso, a experiência de construção conjunta de conhecimentos e o uso de conhecimentos prévios pelo estudante torna a aprendizagem mais significativa e construtiva, já que, por meio de processos de elaboração, estimulados durante a sessão tutorial, os novos conhecimentos se conectam com os já existentes criando estruturas mais ricas de conhecimento (DOLMANS; SCHMIDT, 2010).

A experiência também apontou o desenvolvimento de importantes habilidades importantes para a formação profissional, como o preparo do aluno para que este vá em busca do seu próprio conhecimento, não gerando comodismo, mas sim uma maior segurança e agilidade diante da realidade encontrada na prática profissional. Este aspecto é impulsionado pelo estudo autodirigido, um dos princípios da ABP (DOLMANS; SCHMIDT, 2010; DAVID et al, 1999)

O processo vivenciado também apontou para o desenvolvimento de habilidades que acreditamos ser importantes para a formação acadêmica, a exemplo: comunicação para trabalhar em pequenos grupos, capacidade de expor ideias, argumentar e ser crítico, bem como, o respeito às diferentes opiniões, a autocrítica, o senso de responsabilidade e a capacidade de gerenciar projetos e atividades de um grupo de trabalho. O desenvolvimento destas habilidades é possibilitado pela forma de ensino adotada, organizada em pequenos grupos, em uma aprendizagem colaborativa, mediada por um tutor que acompanha o processo de aprendizagem do aluno, oferecendo *feedbacks* contínuos ao grupo e aos estudantes individualmente, no sentido de garantir que o aluno aprenda a autorregular o seu processo de aprendizagem (DOLMANS; SCHMIDT, 2010; DAVID et al, 1999)

Por fim, a experiência no segundo ano de Terapia Ocupacional com o uso da ABP mostrou-se a enriquecedora para os discentes, além de apontar para o desenvolvimento de habilidades de extrema importância na formação profissional.

CONCLUSÃO

Diante a experiência na aprendizagem baseada em problemas, pode-se concluir sua contribuição na formação acadêmica, incentivando e impulsionando os discentes a um aprendizado independente, o que possibilita ao acadêmico unir e desenvolver habilidades que serão essenciais no processo de educação permanente. Ademais, tal metodologia possibilita vivências importantes na formação em Terapia Ocupacional, com a aquisição de habilidades essenciais ao profissional desta área.

REFERÊNCIAS

- BERBEL, N.A.N. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? **Interface – Comunic, Saúde, Educ.** Fevereiro, 1998.
- BERKEL, H. V. et al. **Lessons from Problem-based Learning.** New York: Oxford University Press, 2010.
- BORGES, M.C.; CHACHÁ, S.G.F.; QUINTANA, S.M.; FREITAS, L.C.C.; RODRIGUES, M.L.V. Aprendizado baseado em problemas. **Medicina** (Ribeirão Preto) 2014;47(3): 301-7.
- BOROCHOVICIUS, E.; TORTELLA, J.C.B. Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 83, p. 263-294, abr./jun. 2014.
- _____. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. Resolução CNES/CES 6, de 19 de fevereiro de 2002. **Diário oficial da União**, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p.12.
- DAVID, T. et al. **Problem Based Learning in Medicine.** London: Royal Society of Medicine Press, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACEDO, K.D.S.; ACOSTA, B.S.; SILVA, E.B.; SOUZA, N.S.; BECK, C.L.C.; SILVA, K.K.D. Metodologias ativas de aprendizagem: caminhos possíveis para inovação no ensino em saúde. **Esc Anna Nery** 2018;22(3):e20170435.